

Serviço Público Federal
Ministério da Educação
Universidade Federal de Uberlândia
Instituto de Letras e Linguística
Programa de Pós-graduação em Estudos Linguísticos

IASMIN WALCHAN

**CUIDAR DE SI, CUIDAR DO OUTRO:
A SUBJETIVAÇÃO DAS MULHERES CONTEMPORÂNEAS NA BUSCA DE UMA
“MATERNIDADE REAL” EM PODCASTS**

Uberlândia - MG
Outubro de 2022

Ficha Catalográfica Online do Sistema de Bibliotecas da UFU
com dados informados pelo(a) próprio(a) autor(a).

W154 Walchan, lasmin, 1993-
2022 Cuidar de si, cuidar do outro [recurso eletrônico] : a
subjetivação das mulheres contemporâneas na busca de uma
"maternidade real" em podcasts / lasmin Walchan. - 2022.

Orientador: Prof. Dr. Vinícius Durval Dorne.
Dissertação (Mestrado) - Universidade Federal de
Uberlândia, Pós-graduação em Estudos Linguísticos.
Modo de acesso: Internet.
Disponível em: <http://doi.org/10.14393/ufu.di.2021.525>
Inclui bibliografia.
Inclui ilustrações.

1. Linguística. I. Dorne, Prof. Dr. Vinícius Durval,
1987-, (Orient.). II. Universidade Federal de
Uberlândia. Pós-graduação em Estudos Linguísticos. III.
Título.

CDU: 801

Bibliotecários responsáveis pela estrutura de acordo com o AACR2:
Gizele Cristine Nunes do Couto - CRB6/2091
Nelson Marcos Ferreira - CRB6/3074

IASMIN WALCHAN

**CUIDAR DE SI, CUIDAR DO OUTRO:
A SUBJETIVAÇÃO DAS MULHERES CONTEMPORÂNEAS NA BUSCA DE UMA
“MATERNIDADE REAL” EM PODCASTS**

Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-graduação em Estudos Linguísticos do Instituto de Letras e Linguística da Universidade Federal de Uberlândia, como requisito parcial para a obtenção do título de Mestre em Estudos Linguísticos.

Área de Concentração: Estudos em Linguística e Linguística Aplicada

Linha de pesquisa: Linguagem, Sujeito e Discurso

Orientador: Prof. Dr. Vinícius Durval Dorne

Uberlândia – MG
Outubro de 2022

IASMIN WALCHAN

Cuidar de si, cuidar do outro: a subjetivação das mulheres contemporâneas na busca de uma “maternidade real” em podcasts

Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-graduação em Estudos Linguísticos do Instituto de Letras e Linguística da Universidade Federal de Uberlândia, como requisito parcial para a obtenção do título de Mestre em Estudos Linguísticos.

Área de Concentração: Estudos em Linguística e Linguística Aplicada

Linha de pesquisa: Linguagem, Sujeito e Discurso

Uberlândia, 26 de outubro de 2022.

Banca Examinadora

ASSINATURA NA ATA

Profª. Dra. Simone Tiemi Hashiguti – PPGEL/UFU
Membro Interno Titular 1

ASSINATURA NA ATA

Profª. Dra. Kátia Menezes de Sousa – FL/UFG
Membro Externo Titular 1

ASSINATURA NA ATA

Prof. Dr. Vinícius Durval Dorne – ILEEL/UFU
Orientador e Presidente

Uberlândia – MG
Outubro de 2022



UNIVERSIDADE FEDERAL DE UBERLÂNDIA

Coordenação do Programa de Pós-Graduação em Estudos Linguísticos

Av. João Naves de Ávila, nº 2121, Bloco 1G, Sala 1G256 - Bairro Santa Mônica, Uberlândia-MG, CEP 38400-902

Telefone: (34) 3239-4102/4355 - www.ileel.ufu.br/ppgel - secppgel@ileel.ufu.br



ATA DE DEFESA - PÓS-GRADUAÇÃO

Programa de Pós-Graduação em:	Estudos Linguísticos				
Defesa de:	Dissertação de Mestrado Acadêmico - PPGEL				
Data:	Vinte e seis de outubro de dois mil e vinte e dois	Hora de início:	14:00	Hora de encerramento:	17:25
Matrícula do Discente:	12022ELI001				
Nome do Discente:	lasmin Walchan				
Título do Trabalho:	Cuidar de si, cuidar do outro: a subjetivação das mulheres contemporâneas na busca de uma "maternidade real" em podcasts				
Área de concentração:	Estudos em Linguística e Linguística Aplicada				
Linha de pesquisa:	Linguagem, sujeito e discurso				
Projeto de Pesquisa de vinculação:	Identidades em (dis)curso(s): sentidos (im)possíveis para os sujeitos				

Reuniu-se, por videoconferência, a Banca Examinadora, designada pelo Colegiado do Programa de Pós-graduação em **Estudos Linguísticos**, assim composta: Professores Doutores: **Vinícius Durval Dorne - UFU**, orientador da candidata; Simone Tiemi Hashiguti - PPGEL/UFU; e Kátia Menezes de Souza - UFG.

Iniciando os trabalhos, o presidente da mesa, Dr. Vinícius Durval Dorne - UFU, apresentou a Comissão Examinadora e a candidata, agradeceu a presença do público, e concedeu à Discente a palavra para a exposição do seu trabalho. A duração da apresentação da Discente e o tempo de arguição e resposta foram conforme as normas do Programa.

A seguir, o senhor presidente concedeu a palavra, pela ordem sucessivamente, aos examinadores, que passaram a arguir a candidata. Ultimada a arguição, que se desenvolveu dentro dos termos regimentais, a Banca, em sessão secreta, atribuiu o resultado final, considerando a candidata:

Aprovada.

Esta defesa faz parte dos requisitos necessários à obtenção do título de **Mestre**.

O competente diploma será expedido após cumprimento dos demais requisitos, conforme as normas do Programa, a legislação pertinente e a regulamentação interna da UFU.

Nada mais havendo a tratar, foram encerrados os trabalhos. Foi lavrada a presente ata que, após lida e achada conforme, foi assinada pela Banca Examinadora.



Documento assinado eletronicamente por **Vinicius Durval Dorne, Professor(a) do Magistério Superior**, em 01/11/2022, às 09:01, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 6º, § 1º, do [Decreto nº 8.539, de 8 de outubro de 2015](#).



Documento assinado eletronicamente por **Katia Menezes de Sousa, Usuário Externo**, em 01/11/2022, às 09:15, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 6º, § 1º, do [Decreto nº 8.539, de 8 de outubro de 2015](#).



Documento assinado eletronicamente por **Simone Tiemi Hashiguti, Professor(a) do Magistério Superior**, em 09/11/2022, às 14:45, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 6º, § 1º, do [Decreto nº 8.539, de 8 de outubro de 2015](#).



A autenticidade deste documento pode ser conferida no site https://www.sei.ufu.br/sei/controlador_externo.php?acao=documento_conferir&id_orgao_acesso_externo=0, informando o código verificador **4024763** e o código CRC **48347B73**.

Referência: Processo nº 23117.080183/2022-41

SEI nº 4024763

Para *Túlio*
Aquele que ressignificou tudo em mim.

AGRADECIMENTOS

Gostaria, em primeiro lugar, de agradecer aos meus pais por terem me dado todo o amor que foram capazes de sentir. À minha mãe, Aparecida, minha primeira referência do que é ser mãe, por todos os puxões de orelha quando cogitei desistir. Ao meu pai, Arão, que embora tenha partido cedo, sempre desejou que eu sonhasse alto, assim como ele um dia também sonhou.

Ao meu filho, Túlio, quem me ensina diariamente o que é ser mãe. Essa dissertação só existe porque ele existe em minha vida. Mil vezes obrigada por existir e ser fonte inesgotável de amor.

Ao meu companheiro, Rodrigo, por crescer e sonhar junto a mim. Por ser rocha firme enquanto eu acreditei que iria desmoronar. Obrigada por dividir a vida, a casa, o carinho e as realizações. *“Home is wherever i'm with you...”*

Ao Gildo, meu amigo gêmeo, por todos os momentos compartilhados na graduação, na pós-graduação e na vida.

Ao meu querido orientador e professor Vinícius Dorne, por todos os ensinamentos, pela paciência, pela compreensão e por me acolher e incentivar ao longo do percurso do Mestrado.

Ao meu primeiro orientador, professor Israel de Sá, por ter me apresentado a Análise do discurso foucaultiana.

À professora Kátia Menezes que, desde as etapas iniciais deste trabalho, sempre se dispôs a contribuir com o meu fazer acadêmico.

À professora Simone Hashiguti, por prontamente aceitar compor a banca de qualificação desta pesquisa.

Aos colegas do LEDIF, a quem devo tantas trocas e amadurecimento científico.

Agradeço, também, a todos os professores e servidores do Programa de Pós-graduação em Estudos Linguísticos, por fazerem do PPGEL um programa de excelência.

De especial forma, agradeço à CAPES pela concessão da bolsa de estudos, o que, certamente me ajudou a poder oferecer o melhor de mim na consecução desse trabalho.

Por fim, agradeço a todos meus amigos e amigas, os quais me ouviram falar inúmeras vezes a respeito do desenvolvimento desta pesquisa. Obrigada me fortalecerem e auxiliarem na conclusão desta importante etapa em minha vida.

Uma gota de leite
me escorre entre os seios.
Uma mancha de sangue
me enfeita entre as pernas.
Meia palavra mordida
me foge da boca.
Vagos desejos insinuam esperanças.
Eu-mulher em rios vermelhos
inauguro a vida.
Em baixa voz
violento os tímpanos do mundo.
Antevejo.
Antecipo.
Antes-vivo
Antes – agora – o que há de vir.
Eu fêmea-matriz.
Eu força-motriz.
Eu-mulher
abrigo da semente
moto-contínuo
do mundo.
(Eu-mulher - Conceição Evaristo)

RESUMO

Esta dissertação objetiva compreender o processo de produção de subjetividade(s) das/pelas mães da contemporaneidade e a relação dele a um dado regime de verdades denominado “maternidade real” a partir de enunciados colocados em circulação por meio de *podcasts* direcionados a essa temática. Sob esse prisma, este trabalho realiza uma análise a partir dos Estudos Discursivos Foucaultianos, especialmente sobre a ética e estética da existência, a fim de observar as relações de saber-poder e subjetivação na maternidade contemporânea. O aparato metodológico foucaultiano sobre o enunciado e as relações de poder possibilitam pensar como as práticas discursivas e não-discursivas se atualizam historicamente e produzem a subjetividade dessas mães. Como *corpus*, selecionamos dez canais de *podcasts* direcionados ao nicho materno, especificamente o primeiro episódio publicado por cada um deles, a saber: Sinuca de bicos, episódio “Expectativa x realidade”; Mãezonas da porra, episódio “Puerpério”; Tetas na mesa, episódio “De quem são as tetas?”; Cadê a mãe dessa criança?, episódio “Culpa”; Mãe de primeira, episódio “A quarentena da mãe”; Carreira e maternidade, episódio “Como conciliar carreira profissional e maternidade?”; Clube das mães cansadas, episódio “Cansei de estar cansada”; Maternidade real, episódio “Amamentação, desafios da maternidade”; Soul mãe *podcast*, episódio “Demissão na gravidez”, e *Pod*, mãe, episódio “Maternidade real”. De uma maneira ampla, entende-se que as mídias digitais, atualmente, têm exercido um papel fundamental na criação de espaços nos quais essas mães se apropriam, se discursivizam e se elaboram constantemente. Portanto, as mídias se configuram como lugares centrais para poder se pensar a questão de elaboração dos sujeitos, nesse caso, as mães. Dessa forma, a escolha dos *podcasts* para constituição do *corpus* se justifica na medida em que essa modalidade de produção sonora tem alcançado grande audiência (especialmente, em nichos de público) e possibilitado novas formas de escuta do rádio na contemporaneidade. Para a consecução do gesto analítico, trabalhou-se com três trajetos temáticos, a saber: i) corpo-máquina; ii) corpo-normatizado e iii) corpo-produtivo. Como resultado das análises, vê-se que os enunciados produzidos pelos na defesa de uma maternidade “real” nesses suportes discursivos são regidos por relações de poder que propiciam modos de subjetivação, amparados em novos regimes discursivos sobre o “ser mãe”, além de atualizar e (re)significar os efeitos de verdades existentes. Além disso, notou-se que o discurso em torno da “maternidade real” se consolida a partir de questionamentos e reflexões sobre práticas idealizadas, mas não “rompe” com elas, sobretudo aos aspectos biológicos que envolvem a gestação. Nesse sentido, o regime de verdades que engloba a “maternidade real” se dirige a mulheres cisgênero, brancas e de classe média, consequentemente, a maternidade circunscrita nos *podcasts* analisados não possui diversidade de classe, tampouco de gênero e raça. Não obstante, percebeu-se que a racionalidade neoliberal perpassa grande parte dos processos discursivos que (re)atualizam os sentidos da maternidade contemporânea. Observou-se, ainda, que a construção discursiva em torno das/sobre as mães é um processo em que estratégias discursivas funcionam amparadas por regimes de verdade que autorizam a emergência de enunciados sobre o “ser mãe” na atualidade, como a razão neoliberal e seus imbricamentos com a política e a economia, por exemplo.

Palavras-chave: Subjetivação; Maternidade; Michel Foucault; *Podcast*.

RÉSUMÉ

Cette dissertation a le but de comprendre le processus de production de la subjectivité(s) de/pour les mères de la contemporanéité et son rapport avec un certain régime de vérités appelé “maternité réelle”, à partir des énoncés mis en circulation au travers de podcasts dirigés à ce sujet. Sous cet angle, ce travail propose une analyse discursive formulée à partir des études théoriques-analytiques de Michel Foucault, en particulier, à propos de l'éthique et de l'esthétique de l'existence, afin d'observer les relations de savoir-pouvoir et de subjectivation dans la maternité contemporaine. L'appareil méthodologique foucauldien sur l'énonciation et les relations de pouvoir permet de penser comment les pratiques discursives et non discursives s'actualisent historiquement et produisent la subjectivité de ces mères. Comme corpus, nous avons sélectionné dix chaînes de podcasts dirigées au créneau maternel, spécifiquement le premier épisode publié par chacun, à savoir: Billard de mamelon, épisode “Attentes x réalité”; Mères, putain, épisode “Puerpéralité”; Nichons dans la table, épisode “De qui sont les nichons?”; Où est la mère de cette enfant?, épisode “Culpabilité”; Mère pour la première, épisode “La quarantaine de la mère”; Carrière et maternité, épisode “Comment concilier carrière professionnelle et maternité?”; Club de mères fatiguées, épisode “Je suis fatigué d'être fatigué”; Maternité réelle, épisode “Allaitement, défis de la maternité”; Soul mère podcast, épisode “Démission dans la grossesse”, et Pod, mère, épisode “Maternité réelle”. De cette façon, il est entendu que les médias numériques, actuellement, ont joué un rôle fondamental dans la création d'espaces dans lesquels ces mères s'approprient, discursives et élaborent constamment. Par conséquent, les médias sont configurés comme des lieux centraux pour pouvoir réfléchir à la question de l'élaboration des sujets, en l'occurrence les mères. Ainsi, le choix des podcasts pour la constitution du corpus est justifié dans la mesure où cette modalité de production sonore a touché un large public (notamment dans des publics de niche) et a permis de nouvelles façons d'écouter la radio à l'époque contemporaine. Dans le geste analytique, on voit que les énoncés produits par les défenseurs d'une “maternité réelle”, dans ces supports discursifs sont régis par des rapports de force qui fournissent des modes de subjectivation, soutenus par de nouveaux régimes discursifs sur “être mère”, en plus d'actualiser et de (re)signifier les effets des vérités existantes. Par ailleurs, il a été noté que le discours autour de la “maternité réelle”, se consolide à partir de questionnements et de réflexions sur des pratiques idéalisées, mais ne rompt pas avec celles-ci, notamment les aspects biologiques qui impliquent la grossesse. En ce sens, le régime de vérités qui englobe la “maternité réelle”, s'adresse aux femmes cisgenres, blanches et de la classe moyenne, par conséquent, la maternité circonscrite dans les podcasts analysés n'a pas de diversité de classe, de genre et de race. Néanmoins, il a été remarqué que la rationalité néolibérale imprègne la plupart des processus discursifs qui (ré)actualisent les significations de la maternité contemporaine. Il a également été observé que la construction discursive autour/sur les mères est un processus dans lequel fonctionnent des stratégies discursives soutenues par des régimes de vérité qui autorisent l'émergence d'énoncés sur “être mère” aujourd'hui, comme le néolibéral et ses imbrications avec la politique et l'économie, par exemple.

Mots-clés: Subjectivation; Maternité; Michel Foucault; *Podcast*.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1: Captura de tela da página inicial do <i>Amazon Music</i> , guia de <i>podcasts</i>	57
Figura 2: Captura de tela da página inicial do <i>podcast</i> “Sinuca de Bicos”.....	64
Figura 3: Captura de tela da página inicial do <i>podcast</i> “Mães pela graça”.....	71
Figura 4: Captura de tela da página inicial do <i>podcast</i> “Maternidade de guerrilha”.....	74
Figura 5: Capas dos <i>podcasts</i> "Mãe de Primeira" e "Carreira e maternidade”	76
Figura 6: Capas dos <i>podcasts</i> "Pod, mãe" e "Tetas na mesa".....	77
Figura 7: Capas dos <i>podcasts</i> "Maternidade real" e "Soul mãe".....	77
Figura 8: Busca pelo termo "maternidade” no <i>Spotify</i>	88
Figura 9: Busca pelo termo "mãe" no <i>Spotify</i>	88
Figura 10: <i>Podcasts</i> a serem analisados	93
Figura 11: <i>Podcasts</i> a serem analisados	94
Figura 12: <i>Podcasts</i> a serem analisados	95
Figura 13: <i>Podcasts</i> a serem analisados	96
Figura 14: <i>Podcasts</i> a serem analisados	97

LISTA DE TABELAS

Tabela 1: Quantidade de episódios selecionados, organizados por ano de publicação.....	89
Tabela 2: Quantidade de episódios selecionados, organizados por mês de publicação.....	89
Tabela 3: Trajetos temáticos distribuídos de acordo com os episódios em análise.....	98

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

AD	Análise do Discurso francesa
CAPES	Coordenação de Aperfeiçoamento de Nível Pessoal do Ensino Superior
EP	Episódio
FD	Formação Discursiva
GEDIR	Grupo Interinstitucional de Discursos e Resistências
LEDIF	Laboratório de Estudos Discursivos Foucaultianos
PET Letras	Programa de Educação Tutorial dos Cursos de Letras
UFU	Universidade Federal de Uberlândia
UFPB	Universidade Federal da Paraíba

SUMÁRIO

CONSIDERAÇÕES INICIAIS	17
1 DISCURSO E HISTÓRIA EM MICHEL FOUCAULT	25
1.1 Por um viés arquegenealógico dos discursos e da história	25
1.2 Discurso e Enunciado	33
2 SUJEITO, VERDADE E SUBJETIVIDADE(S)	41
2.1 O sujeito do/em discurso	42
2.2 A verdade e o poder	44
2.3 O cuidado e a produção de subjetividade(s)	49
3 REFLEXÕES SOBRE O <i>PODCAST</i>	55
3.1 O <i>podcast</i> e sua relação com o rádio	55
3.2 A semiologia do <i>podcast</i>	59
3.2.1 <i>A voz</i>	64
3.2.2 <i>A sonoplastia</i>	68
3.2.3 <i>O texto</i>	71
3.2.4 <i>As imagens</i>	73
4 DISCURSOS SOBRE UMA MATERNIDADE "REAL"	79
4.1 Os caminhos da maternidade na história	79
4.2 Considerações metodológicas: a escolha do <i>corpus</i>	87
4.2.1 <i>Os canais de podcasts e os episódios analisados</i>	92
4.3 Gesto de análise: a maternidade e o discurso na produção de subjetividades	98
4.3.1 <i>Corpo-máquina: o corpo como alvo e superfície para e dos poderes</i>	99
4.3.2 <i>Corpo-normatizado: o desejo pela maternidade</i>	110
4.3.3 <i>Corpo-produtivo: a maternidade e a sociedade do trabalho</i>	119
REFERÊNCIAS	136
ANEXOS	144
ANEXO A - EPISÓDIO DO <i>PODCAST</i> “CADÊ A MÃE DESSA CRIANÇA?”	144
ANEXO B - EPISÓDIO DO <i>PODCAST</i> “CARREIRA E MATERNIDADE”	144
ANEXO C - EPISÓDIO DO <i>PODCAST</i> “CLUBE DAS MÃES CANSADAS”	144
ANEXO D - EPISÓDIO DO <i>PODCAST</i> “MÃE DE PRIMEIRA”	144
ANEXO E - EPISÓDIO DO <i>PODCAST</i> “MÃEZONAS DA PORRA”	144
ANEXO G - EPISÓDIO DO <i>PODCAST</i> “MATERNIDADE REAL”	144
ANEXO H - EPISÓDIO DO <i>PODCAST</i> “POD, MÃE”	144
ANEXO I - EPISÓDIO DO <i>PODCAST</i> “SINUCA DE BICOS”	144

ANEXO J - EPISÓDIO DO <i>PODCAST</i> “SOUL MÃE <i>PODCAST</i>”	145
ANEXO K - EPISÓDIO DO <i>PODCAST</i> “TETAS NA MESA”	145

CONSIDERAÇÕES INICIAIS

*“Pense em quantos anos foram necessários para
chegarmos a este ano
quantas cidades para chegarmos a esta cidade
e quantas mães, todas mortas, até a tua mãe
quantas línguas até que a língua fosse esta (...)”*
(MARTINS-MARQUES, 2015, p. 56)

Delimitar um objeto de estudos para uma pesquisa científica é uma tarefa complexa. Para que fosse possível pensar a maternidade sob o viés discursivo embasado nas elaborações de Michel Foucault, tarefa deste trabalho de mestrado, um longo percurso acadêmico foi trilhado, o qual teve início ainda na graduação em Letras, nas disciplinas de Metodologia de Pesquisa, em que tive meu primeiro contato com a Análise do Discurso francesa (AD) e o importante trabalho de Michel Pêcheux e, semestres mais tarde, por meio da disciplina Teoria e Análise do Discurso. Atrelado a isso, houve o ingresso como bolsista no Programa de Educação Tutorial (PET) com desenvolvimento de uma pesquisa no âmbito de Iniciação Científica, juntamente à participação nos grupos de pesquisa¹ filiados ao pensamento de Foucault, o que ratificou minha escolha por este campo de estudos. Ao término da graduação, já vislumbrava estar na pós-graduação e, mais uma vez, poder trabalhar à luz do pensamento de Michel Foucault.

Desde o meu primeiro encontro com os textos em AD, tive certeza que era a partir da articulação história-sujeito-língua que gostaria de trabalhar, afinal, para essa corrente teórica, tudo é construído no/pelo discurso. Apesar de todas as dificuldades que este campo teórico suscita, sobretudo por se situar na fronteira de tantos campos de saber, compreender o discurso em sua especificidade sempre me pareceu a forma ideal de entender as constantes transformações no funcionamento das sociedades. Em virtude disso, durante o desenvolvimento da pesquisa de IC, orientada pelo prof. Dr. Israel de Sá (UFU), selecionei o trabalho com músicas de rap na tentativa de compreender como o discurso de resistência presente nas canções do grupo Racionais MCs funciona e a que ele tenta se opor. Somado a isso, pude me aprofundar um pouco mais em leituras teóricas de Michel Foucault e de seus estudiosos, preparando, assim, o percurso até a presente dissertação.

Após um forte amadurecimento teórico, percebi que houve uma conversão no meu olhar de pesquisadora, afinal, os discursos que aparentemente circulam sem grandes alardes em

¹ Destaco, aqui, minha filiação aos grupos LEDIF (Laboratório de Estudos Discursivos Foucaultianos), sob coordenação dos professores Dr. Cleudemar Alves Fernandes (UFU) e Dr. Vinícius Durval Dorne (UFU), além do Grupo Interinstitucional de Estudos Discursos e Resistências (GEDIR), liderado pelos professores Israel de Sá (UFU) e Amanda Braga (UFPB).

determinado momento da história guardam interessantes pontos a serem trazidos à luz, afinal, tanto o poder quanto a resistência são práticas móveis, transitórias e inventivas (FOUCAULT, 2008b); conseqüentemente, a questão do funcionamento dos discursos em torno da maternidade passou a chamar bastante atenção para mim. Mesmo estando imersa nessa rede de dizeres desde o nascimento de meu filho (em 2015), foi em meados de 2019 que passei a me questionar a respeito do agenciamento de discursos em torno das práticas maternas em nossa sociedade hiperconectada às mídias digitais, o que culminou nesta dissertação.

Sendo assim, partindo das concepções teóricas dos Estudos Discursivos Foucaultianos para focalizar o tema central desta pesquisa, entendemos que a construção discursiva das mulheres, especificamente as mães, é um processo historicamente observado desde a antiguidade e que se estende até a contemporaneidade, o que assevera as estratégias nas/pelas quais essas mulheres se discursivizam e se projetam são elaboradas diante de condições sócio-históricas específicas. Nesse sentido, é possível dizer que a elaboração de si do/pelo sujeito mãe é uma constante no fluxo da história, uma vez que, por meio dela, torna-se possível observar diferentes práticas do que hoje em dia se denomina “maternidade”.

Frente ao exposto é que chegamos a seguinte questão discursiva: “Como as práticas discursivas dos *podcasts* direcionados à maternidade funcionam e produzem uma “maternidade real”?”, ou seja, como a “maternidade real” se torna objeto de discurso/ é discursivizada em episódios de *podcasts* voltados à maternidade. Na tentativa de responder a isso, este trabalho foi ancorado nos Estudos Discursivos Foucaultianos, que fortemente se debruçam sobre as relações de poder-saber e também em questões concernentes à ética e estética de si.

Situamos esta pesquisa a partir de um recorte em que trabalhamos a maternidade sob o enfoque dos corpos de mulheres cisgênero capazes de gestar, embora reconheçamos que existem várias outras possibilidades de vivenciar a maternidade, as quais perpassam questões de classe, gênero e raça. Nesse sentido, é importante destacar que não temos pretensão de tratar a maternidade de forma totalizadora, reduzindo-a apenas à questão biológica. Contudo, a partir da análise e da descrição do *corpus*, observou-se que os sujeitos que falam nos *podcasts* selecionados por este trabalho são mulheres cisgênero, heterossexuais, de classe média e, em sua maioria, brancas e que passaram por gestações. Desse modo, não desconsideramos as outras formas de maternidade, mas aquelas mobilizadas e presentes no *corpus* deste trabalho como ponto de partida para descrever a maternidade “real”.

Frente a isso, percebe-se que as condições de possibilidade pelas quais as mães são objetificadas e ao mesmo tempo são capazes de se subjetivar atravessam diferentes temporalidades, podendo ser assinadas em textos sagrados das religiões indianas, passando pela

antiguidade da sociedade grega e a emergência do cristianismo, que atribui ao homem a autoridade paternal e marital, isto é, o direito absoluto de controlar e punir suas esposas e filhos (BADINTER, 1985). Em outras palavras: era conferido ao homem um poder sob os demais, ao passo que, à mulher, restava a interdição² de seus discursos e condutas.

Em contrapartida, mesmo com a interdição de discursos e práticas, as relações dessas mulheres consigo mesmas lhes constituem como sujeitos “ético-moral, tratando também de práticas de resistência às ações normalizantes dos dispositivos de poder operantes em nossas sociedades”, conforme afirma Prado-Filho (2019, p.128). Dessa maneira, a subjetivação³ das mães na contemporaneidade, apesar do exercício desses poderes, possibilita também gestos de enfrentamento a esses, assim, “remetem a práticas de transgressão, de resistência e de liberdade.” (Ibid.).

Na internet, de modo bastante geral, muito tem sido falado sobre a “maternidade real”, que, entre outras coisas, busca representar uma modalidade de maternidade que se opõe à norma vigente, isto é, sem romantismos e ancorada sobre a realidade dos sujeitos de que nem tudo é perfeito. Nesse viés, é cada vez maior o número de notícias, publicações e relatos que são produzidos por essas mulheres, na tentativa de expor, por meio dos discursos, suas condutas e práticas maternas.

Diante dessa ampla profusão dos discursos maternos na internet, possibilitada, sobretudo, por meio da ascensão dos movimentos feministas⁴, abre-se a possibilidade para a instauração de novas discursividades e práticas maternas; assim, de acordo com Meyer (2005, p. 82), “a discursividade que produz e sustenta esse processo (...) também articula, explicita, intensamente, problemas sociais contemporâneos (...) a certos modos de sentir e de viver a maternidade.”

Dessa forma, a partir da oposição a uma conduta cristalizada na sociedade ocidental na qual uma “boa mãe” é aquela que vive em função de seu(s) filho(s), que encarna “ao mesmo tempo, a virtude, a bondade, a coragem e a doçura” (BADINTER, 1985, p. 259), o movimento endossado por essas mães possibilita a emergência de novas formas de se conduzir atualmente,

² Michel Foucault (2014a, p.9) explica que “em uma sociedade como a nossa, conhecemos, é certo, procedimentos de exclusão. O mais evidente, o mais familiar também, é a interdição. Sabe-se bem que não se tem direito de dizer tudo, que não se pode falar de tudo em qualquer circunstância, que qualquer um, enfim, não pode falar de qualquer coisa. Tabu do objeto, ritual da circunstância, direito privilegiado ou exclusivo do sujeito que fala (...)”

³ Essa noção será trabalhada no Capítulo 2.

⁴ “A partir da década de 1960, o movimento feminista contribuiu para recolocar a questão da história das mulheres. O reconhecimento de sua legitimidade e urgência, da ideia de que não só os homens, mas também as mulheres têm uma história foi produto de um longo e trabalhoso processo.” (BOCK, 1989, p.159).

pois ao confrontarem os discursos que as objetificam, abre-se a possibilidade para que existam novos modos de subjetivação na constituição desses sujeitos na história.

Ao seguir a compreensão de que, atualmente, as mídias digitais desempenham papel importante na produção de subjetividade(s), e, na tentativa de compreender as práticas discursivas das mães nas mídias contemporâneas, torna-se interessante apreender os efeitos de sentido produzidos na discursivização de si em nichos comunicacionais, nos quais o *podcast*⁵ tem ganhado bastante destaque.

Nos últimos anos, conforme Primo (2005), a crescente expansão e difusão deste meio de comunicação se deram por diversos fatores, destacando-se o fato de o *podcasting* ter trazido inúmeras inovações quanto ao processo comunicacional, tais como o seu baixo custo, que exige apenas ferramentas disponíveis para grande parte da população (acesso à internet em banda larga, computadores comuns e equipamentos de gravação de fácil acesso e manuseio), quanto o fato de ser um mecanismo de fácil manuseio. Ainda, essa rápida expansão do *podcasting* se mostra como uma ameaça aos oligopólios da mídia, especialmente o radiofônico composto pelas emissoras estabelecidas por meio de concessões públicas (KISCHINHEVSKY, 2009).

Por meio dessa expansão, o *podcast* favorece a circulação de discursos sobre o “ser mãe” na atualidade, na medida em que ele é um mecanismo no qual mães discursivizam suas experiências a outras mães, ou seja, elas falam de si. Este movimento permite que seja observado o processo de subjetivação dessas mulheres, bem como as relações de poder-saber que nos regem. Para que isso seja feito, este trabalho tomou como *corpus podcasts* direcionados à temática da maternidade, a fim de elucidar o processo de constituição dos sujeitos mães, a partir da própria discursivização de si.

Em virtude disso, alguns incômodos que norteiam este trabalho são: 1) De que maneira são constituídas discursivamente as mães da contemporaneidade? 2) Como esses sujeitos se (des)constroem a partir do discurso de si? 3) Quais são os discursos mobilizados nessa rede/construção materna? 4) Quais são as relações de poder-saber que regem o processo de subjetivação dessas mulheres? 5) Como se constitui o regime de verdades que engloba a “maternidade real” defendida por esses sujeitos? 6) Como se dá o funcionamento do discurso na materialidade sonora, especificamente do *podcast*?

Para tanto, tem-se como objetivo geral: compreender, a partir da análise discursiva de canais de *podcasts* voltados para a maternidade, o funcionamento do processo de construção da subjetividade das mães da contemporaneidade e a relação dele na construção de um regime de

⁵ Trataremos de forma mais específica sobre este tema no Capítulo 3.

verdades denominado “maternidade real”. Já os objetivos específicos deste projeto são: i) observar as relações de saber-poder que permitem/funcionam na constituição dos sujeitos-mães na contemporaneidade”; ii) analisar o funcionamento do discurso materno que emerge nos *podcasts* atualmente e a produção regimes de verdades sobre ele; iii) observar como se constitui e funciona o discurso na/por meio da materialidade sonora (*podcasts*); iv) descrever os mecanismos discursivos presentes no processo do falar/cuidar de si pelos sujeitos-mães. Desse modo, o trabalho ora proposto se justifica devido à necessidade de se refletir sobre os diferentes modos que esses sujeitos se moldam e se projetam na/a partir da mídia, tendo em vista as diversas representações e discursos a respeito da figura materna⁶ na contemporaneidade.

Para a execução desta pesquisa, nosso *corpus* se constitui de dez canais de *podcasts* direcionados ao nicho materno, dentre os quais selecionamos o primeiro episódio publicado por cada um deles, a saber: Sinuca de bicos, episódio “Expectativa x realidade”; Mãezonas da porra, episódio “Puerpério”; Tetas na mesa, episódio “De quem são as tetas?”; Cadê a mãe dessa criança?, episódio “Culpa”; Mãe de primeira, episódio “A quarentena da mãe”; Carreira e maternidade, episódio “Como conciliar carreira profissional e maternidade?”; Clube das mães cansadas, episódio “Cansei de estar cansada”; Maternidade real, episódio “Amamentação, desafios da maternidade”; Soul mãe *podcast*, episódio “Demissão na gravidez”, e *Pod*, mãe, episódio “Maternidade real” como enunciados a serem analisados e descritos. Convém destacar que a escolha por este objeto partiu de uma inquietação minha enquanto ouvinte/consumidora desse conteúdo, principalmente pelo fato de que suas apresentadoras abordam a questão da maternidade de uma maneira bastante descontraída e, de certo modo, sem romantizações em torno do tema.

Diante disso, analisamos os episódios de estreia de cada programa disponibilizado na plataforma *Spotify*⁷, no período compreendido entre 2017 a 2022. Esses conteúdos foram selecionados a partir de um desejo de coletar uma amostra diversa no que se refere às experiências maternas. Sendo assim, para compor o *corpus*, realizou-se uma busca pelos termos mãe/maternidade na plataforma de streaming *Spotify*, na qual foram selecionados 24 canais de *podcasts* (10 a partir do termo mãe; 10 a partir do termo maternidade e outros quatro previamente conhecidos, mas que não contém nenhum desses termos). Ainda, excluiu-se canais em que o conteúdo era promovido por homens e também aqueles conteúdos com algum tipo de

⁶ Mais uma vez, ressaltamos que este trabalho é sensível às questões de gênero, classe e raça que permeiam as discussões em torno da maternidade. No entanto, ao confrontar o *corpus* de análise, nota-se que esses temas não foram materializados nos enunciados analisados.

⁷ Disponível em: <https://open.spotify.com/> Acesso em 02 de nov. de 2021.

prescrição, como, por exemplo, dicas de meditação e/ou cuidados. Em seguida, selecionou-se o primeiro episódio de cada um desses canais e, após isso, uma lista foi elaborada a partir da data de publicação de cada um desses episódios. A partir dessa organização, foram selecionados os episódios de *podcasts* de modo que não houvesse repetição de meses de publicação, a fim de tentar entender como a maternidade é discursivizada por essas mulheres ao longo dos últimos anos

Notadamente, um conceito fundamental que nos auxiliou a compreender essas questões é o de biopolítica. Para Foucault (2008), a biopolítica surgiu a partir do século XVIII (momento histórico em que despontou o liberalismo), como uma resposta aos problemas enfrentados pela prática governamental diante aos inúmeros fenômenos próprios de um conjunto de indivíduos que constituem a população. Passando por questões ligadas à saúde, higiene, taxas de nascimentos e óbitos, indo até questões ligadas às relações étnico-raciais, de gênero e sexualidade, enfim, todos os fenômenos sociais demandariam a criação de técnicas de gerenciamento e controle da população.

A partir daí, nascem novas técnicas e táticas de governamentalidade que possibilitarão, por exemplo, o estímulo do aumento das taxas de natalidade ou o direcionamento da população para certas atividades, sem que os indivíduos percebam. Dessa forma, a “população aparecerá com sujeito de necessidades, de aspirações, mas também como objeto entre as mãos do governo, consciente diante do governo, do que ela quer, e inconsciente, também, do que lhe fazem fazer” (FOUCAULT, 2006).

Assim, as técnicas de governamentalidade e o governo da vida, conceitos trabalhados por Michel Foucault, também exercem poder sobre os corpos das mulheres e das mães, uma vez que são alvos de constantes investimentos de controle em diferentes esferas da sociedade. Nesse viés, é importante destacar a “‘biopolítica’ para designar o que faz com que a vida e seus mecanismos entrem no domínio dos cálculos explícitos, e faz do poder-saber um agente de transformação da vida humana.” (FOUCAULT, 2018, p. 154).

Nessa linha de pensamento, a biopolítica interfere fortemente na maneira pela qual a maternidade e suas diversas práticas produzem os sujeitos mães na contemporaneidade. Sendo assim, os atravessamentos dos campos políticos, econômicos e religiosos se constituem como bases de regimes discursivos que englobam a medicina e outros campos de saber-poder, os quais agenciam a produção de subjetividades maternas. Desse modo, o poder que incide nos corpos maternos age diretamente na gestão da vida da população e, portanto, caracteriza-se como uma técnica de controle de si, isto é, o governo de si a partir de representações que indicam a maneira que o corpo deve (ou não deve) ser. (GREGOLIN, 2007).

Conseqüentemente, a regulamentação da vida por meio da biopolítica é capaz de materializar o poder que engendra os corpos das mães, afinal, governar os corpos capazes de perpetuar a população, fazendo-os terem mais saúde e longevidade favorece a manutenção das engrenagens econômicas presentes na sociedade (FOUCAULT, 2018), além de produzir formas de subjetivação dessas mulheres para consigo mesmas. Nesse viés, o corpo materno é alvo de inúmeros investimentos de poder, os quais sempre estão articulados por normas e valores científicos, morais, éticos e estéticos.

No intuito de elucidar a estruturação deste trabalho, contamos com quatro capítulos. No Capítulo 1, “Discurso e história em Michel Foucault”, abordamos aspectos teóricos do campo dos Estudos Discursivos Foucaultianos que descrevem a importante relação entre o discurso e a história, a qual é fundamental para a consecução deste trabalho, uma vez que é por meio da história que os discursos e os sujeitos são produzidos e, conseqüentemente, o objeto maternidade também se transforma ao perpassar diferentes temporalidades. Sob esse prisma, ancoramo-nos, principalmente, nas reflexões de Michel Foucault a fim de compreender o funcionamento dos enunciados e a maneira como a história e o discurso produzem as mães e, conseqüentemente, a maternidade.

No Capítulo 2, intitulado “Sujeito, verdade e subjetividade(s)”, priorizamos o trabalho com a noção de sujeito e verdade em Foucault, que nos permite compreender de modo mais claro a produção de subjetividade(s) maternas no *corpus* de nossa pesquisa. Nesse sentido, refletimos como o sujeito é tomado como um constructo discursivo e histórico, que muito se difere das concepções psicológicas e individualizantes de outras linhas teóricas. Para além disso, traçamos uma breve reflexão em torno da noção de verdade e sua relação com os poderes e saberes, a fim de delinear as formas pelas quais a subjetivação e o cuidado de si se concretizam em nossa sociedade.

No Capítulo 3. “O enunciado *podcast*”, fizemos um breve panorama histórico acerca das transformações históricas dos meios de comunicação que possibilitaram a emergência dos *podcasts* na atualidade para, em seguida, produzir um primeiro ensaio que descreva o *podcast* semiologicamente, ou seja, um suporte com forma, materialidade e um funcionamento específicos. Para tanto, empreendemos um diálogo com os estudos da comunicação, especificamente daqueles voltados para a produção sonora.

No Capítulo 4, cujo título é “Discursos sobre uma ‘maternidade real’”, tratamos sobre a construção histórica da maternidade e, em seguida, analisamos nosso *corpus* de trabalho à luz das reflexões e teorias destacadas nos capítulos anteriores. Diante disso, selecionamos 10 episódios de *podcasts* e observamos neles três eixos temáticos, dentre os quais organizamos

nossa análise, a saber: i) mãe: corpo-máquina ii) mãe: corpo-normatizado iii) mãe: corpo-produtivo. Contudo, diante da tentativa de descrever o funcionamento do *podcast* enquanto objeto semiológico e, assim, observá-lo em sua materialidade e linguagem específica, optamos por empreender um gesto de análise em trajetos temáticos; logo, não descrevemos e interpretamos isoladamente cada conteúdo sonoro que constituiu nosso *corpus*, mas o organizamos enquanto um recorte de um dado arquivo. Portanto, nosso foco não foi o de esgotar as possibilidades de análise, mas traçar uma linha de pensamento - dentre outras tantas possíveis - que atendessem os objetivos elencados anteriormente. A partir desta pesquisa, esperamos contribuir para a reflexão, no âmbito dos estudos da AD, tanto no que se refere à circunscrição do *podcast* enquanto discurso quanto na construção de subjetividade(s) materna(s) na contemporaneidade.

Sendo assim, diante da intrínseca relação entre os discursos, a história e a sociedade, este trabalho busca compreender os mecanismos nos quais os sujeitos-mães se moldam e se constituem nas mídias digitais, nesse caso, especificamente, nos *podcasts*.

1 DISCURSO E HISTÓRIA EM MICHEL FOUCAULT

*“Eu vejo o futuro repetir o passado
Eu vejo um museu de grandes novidades
O tempo não para” (CAZUZA, 1988)*

Esta pesquisa está ancorada nos pressupostos dos Estudos Discursivos Foucaultianos. Dessa forma, compreende-se que o discurso se articula pela/na linguagem, tomada como prática histórico-social, a relação entre história e os sujeitos na produção de sentidos (de seus efeitos) na sociedade; ou seja, a AD foucaultiana se detém sobre o enunciado efetivamente produzido, levando em consideração toda a rede discursiva em que este discurso está inserido. Assim, o discurso é tomado como um produto que consiste em um grupo de enunciados materializados na/pela linguagem (DORNE, 2011).

Sob essa corrente teórica, para que um enunciado exista e signifique no mundo, é preciso considerá-lo como um elemento de uma rede de discursos historicamente determinados. Dessa forma, discurso e história mantem uma relação intrínseca; história aqui tomada como descontínua⁸ e fragmentada. De acordo com Sargentini (2004), não se busca o reencontro com a totalidade da história e, além disso, admite-se a impossibilidade de reconstituir integralmente o sujeito a partir da história.

Sob esse prisma, as contribuições de Michel Foucault são fundamentais para esta análise, uma vez que suas reflexões acerca do funcionamento dos discursos na construção de saberes, poderes e modos de subjetivação nos permitem refletir sobre como se dá a constituição e o funcionamento do discurso sobre e para a maternidade na contemporaneidade. Assim, neste primeiro momento, deter-nos-emos sobre a noção de discurso e sua constituição pela/na história.

1.1 Por um viés arqueológico dos discursos e da história

Michel Foucault, em sua *Arqueologia do Saber* (2014a), assinala que a história é constituinte dos processos discursivos, ou seja, não há maneira de conceber nada no mundo sem a articulação dos discursos na história. Como o próprio nome sugere, uma arqueologia consiste na escavação de uma superfície a fim de identificar as camadas e as regiões que compõem

⁸ Trataremos sobre essa noção mais profundamente no tópico seguinte. Em linhas bastante gerais, a adoção pela perspectiva de uma história descontínua vai ao encontro dos estudos da Escola dos *Annales*, os quais se opõem às noções de uma história positivista, “desestabilizando a história historicizante hegemônica” (DOSSE, 1992, *apud*. SARGENTINI, 2004, p.84).

determinado monumento histórico. Todavia, o autor deixa claro que não objetiva chegar a uma origem, mas estabelecer as redes e processos que constituem determinado objeto em sua historicidade.

Nesse viés, uma análise pautada na arqueologia deve priorizar o trabalho com a história, na medida em que ela fornece os insumos necessários para compreender o surgimento de discursos e das práticas no mundo. Diante de tais premissas, a maternidade deve ser pensada discursivamente, ou seja, em um campo heterogêneo, situada em uma historicidade na qual se inscrevem diversas práticas de linguagem que caracterizam modos de se reconhecer, de ser mãe.

Antes, no intuito de investigar as redes e processos que constituem determinado objeto em sua historicidade, faz-se necessário problematizar a discussão em torno dos métodos e concepções em torno do estudo da história, notadamente a desconstrução da noção de continuidade, fortemente ancorada no método da história tradicional e unificada sob uma espécie de linearidade dos acontecimentos. Foucault (2014a), em certa medida, associa-se à perspectiva da chamada Nova História, a qual surge dos estudos e reflexões da corrente de estudos da história que ficou conhecida como Escola dos *Annales*.

Surgida em fins da década de 1920, em seu início, teve como expoentes Lucien Febvre e Marc Bloch e se propôs a fazer uma oposição sistemática à historiografia tradicional dominante. Nesta primeira fase, em que pese tais autores admirassem alguns pontos do marxismo, houve um distanciamento do relato político, tendo em vista que foi dada preferência ao homem como objeto da história. Já em um segundo momento, tendo Braudel como expoente, ocorre a descentralização do homem no que se refere à escrita da história, uma vez que se privilegia uma história naturalizada com o estudo de objetos heterogêneos (SARGENTINI, 2004).

Por fim, a terceira geração da Escola dos *Annales* reconhece o estudo da história por sua heterogeneidade e como uma fragmentação do real, dando um novo rumo ao estudo da história; a partir disso, surge a Nova História “[...] que considera as questões sociais e culturais que levam o historiador a observar as relações de poder, já que a difusão do domínio cultural tem como mediadores grupos sociais possuidores de um discurso dominante e de poder.” (Ibid., p.85-86). Em suma, a base filosófica da Nova História é o relativismo cultural no qual se baseia na ideia de que a realidade é social e culturalmente construída, ou seja, o que antes era considerado imutável, agora está sujeito a variações no tempo e no espaço (BURKE, 1992).

É, então, nesse esteio que Foucault (2014a) problematiza o trabalho da história tradicional, cujo foco, em grande medida, situa-se em um trabalho de temporalidade linear,

relacionado à longa-duração e seus grandes nomes. Dessa forma, o autor associa-se à perspectiva da Nova História, a qual põe em questão as grandes unidades temporais e sua linearidade, considerando a noção de descontinuidade como elemento motriz para a análise.

Nesse sentido, Gregolin (2006, p. 163) aponta que a obra de Foucault é profundamente crítica à História tradicional, uma vez que, desde o início de sua carreira acadêmica, o filósofo buscou questionar a metodologia, os temas e o limites impostos por tal corrente. Suas críticas centravam-se essencialmente no “[...] fato de ela voltar sua atenção para os longos períodos e acentuar a alternância entre equilíbrios, regulação e continuidades, apagando, assim, a dispersão, os acidentes, a descontinuidade.”. Gregolin (Ibid.) destaca ainda a influência não só da Nova História, mas também do pensamento de Nietzsche no trabalho de Foucault:

A partir de Nietzsche, Foucault (1971c) propõe uma história genealógica, que problematiza o passado a fim de desvelar suas camadas arqueológicas e se volta para uma aguda crítica do presente. Foucault retoma da filosofia nietzscheana os conceitos de “genealogia” e “interpretação” e, a partir deles, desenvolve a idéia de História como “diagnostico do presente”, questionando a tradição iluminista dos estudos históricos.

Sob esse prisma, Navarro (2008) aponta que Foucault parte de uma noção de história fundamentada na análise de constituição dos saberes na sociedade ocidental a partir da contraposição entre a sua concepção de história (história geral) e à concepção e ao método da história tradicional (história global). A partir dessa contraposição, destacam-se cinco diferenças fundamentais entre os modelos metodológicos de estudo da História.

Em primeiro lugar, o método da história tradicional privilegia uma visão homogênea dos acontecimentos em que se parte da premissa de que prevalece nas bases de uma dada sociedade uma única forma de historicidade (NAVARRO, 2008). Nesse sentido, a história global busca recompor de uma maneira homogênea o princípio material ou espiritual de uma dada sociedade, as bases que lhe dariam uma coesão, ou seja, utilizando-se de uma metáfora, aquilo que chamam de o “rosto” de uma época. Enfim, admite-se que seria possível articular a história em grandes unidades, estados ou fases possuidoras de uma coesão (FOUCAULT, 2014a).

Por outro lado, o método adotado por Foucault (2014a) considera a pluralidade e heterogeneidade de tempo em dado momento histórico, não se atendo a somente um critério cronológico, uma vez que a temporalidade não é única para todos os sujeitos (NAVARRO, 2008). Enquanto a história global reúne todos os fenômenos em torno de um único centro, a história geral se reparte em um espaço de dispersão (FOUCAULT, 2014a).

Neste ponto, a título de exemplo, embora o mundo viva em um momento histórico de plena expansão das tecnologias digitais, uma considerável parcela da população permanece excluída dessa realidade e não tem quaisquer acessos a tais inovações. Isso mostra que há diferentes realidades em um dado momento histórico, desconstruindo, assim, uma abordagem homogênea tradicional (NAVARRO, 2008).

Quanto à maternidade e o seu papel na sociedade, não é diferente. Ainda que existam modelos tidos como dominantes, é indubitável que, em certo momento histórico, existiram e ainda existem mulheres que viveram e vivem de maneiras diversas suas condições de mães. Há aquelas que viveram somente confinadas em seus lares cuidando da prole, enquanto outras assumiram outras tarefas além das fronteiras do lar sem, contudo, deixarem de se enxergar como mães. Mais à frente, Navarro (Ibid.) traz exemplo semelhante quanto aos discursos da mídia que, sem dúvida, circulam pelas/nas vivências dessas mães.

Em segundo lugar, o método utilizado por Foucault (2014a) tenta superar a visão tradicional que coloca os acontecimentos históricos e sociais como algo linear e contínuo. Partindo-se dos estudos de filósofos como Bachelard, Canguilhem e Nietzsche, propõe-se uma história genealógica pautada fundamentalmente na ideia de descontinuidade, ou seja, admite-se a inexistência de uma causalidade linear e de um tempo contínuo. São inúmeros os exemplos ao longo da história de acontecimentos de curta duração que provocaram profundas transformações nas estruturas das sociedades, como a Revolução Francesa, as recentes ditaduras militares que se espalharam pela América Latina na segunda metade do século XX, os movimentos que reivindicavam o sufrágio universal ao longo do século passado, o movimento feminista, entre outros (NAVARRO, 2008).

Nessa ótica, evidenciando o objeto deste trabalho, destaca-se o exemplo dado do movimento feminista. Como dito, a história não é contínua, uma vez que as transformações nas estruturas das sociedades ao longo da história não foram lineares. Houve momentos em que novos modelos e práticas discursivas em torno da maternidade foram profundamente transformadas, como ocorreu no início do século XX e no decorrer das décadas seguintes com o movimento feminista, mas que não ficaram imunes às reações e influxos conservadores que buscavam e ainda buscam restabelecer modelos tradicionais.

Nessa linha de pensamento, a adoção por um viés descontínuo da história permite identificar acontecimentos com traços de regularidade, ainda que em momentos díspares da história, distanciando-se de um viés em que um acontecimento suplantaria o subsequente. Além disso, a noção de descontinuidade enfatiza a pluralidade em detrimento da homogeneidade,

amplamente difundida pela história global. Nesse sentido, Foucault (2014a, p. 38-39, grifos nossos) assevera que:

Em suma, a história do pensamento, dos conhecimentos, da filosofia, da literatura parece *multiplicar as rupturas e procurar todos os encrespamentos da descontinuidade*, enquanto a história propriamente dita, a história pura e simples, parece apagar, em proveito das estruturas sem labilidade, a irrupção dos acontecimentos.

Além disso, Navarro (2008) mostra interessante exemplo sobre a descontinuidade da história: as mudanças no discurso midiático, concebido como prática discursiva identitária, as quais provocam deslocamentos e/ou (re)significações do modelo como a mulher é representada. Assim, as reações contrárias da mídia aos discursos da pós-modernidade que não restringem o papel da mulher ao de dona de casa incumbida somente dos afazeres domésticos. Em outros termos, no mesmo momento histórico, coexistem duas concepções: a da mulher exercendo o papel de mãe e dona de casa, em contraposição à imagem da mulher independente a qual tem ocupado cada vez mais espaços antes monopolizados pelos homens.

A terceira diferença entre a concepção de história adotada por Foucault (história geral) e a concepção da história tradicional (história global) reside no descentramento sujeito em contraposição a um sujeito fundante. A história global enfatiza a função fundadora de um sujeito e a coloca como indispensável, sendo a origem de todo o devir e de toda prática (NAVARRO, 2008). Nessa perspectiva, para a história tradicional, o que importa são os feitos dos grandes personagens como os grandes líderes, estadistas, generais ou eclesiásticos, relegando um papel de coadjuvantes ao restante da população dentro da narrativa histórica (BURKE, 1992). Superando essa noção, a história geral centra-se nos saberes e não nas ações de determinadas figuras históricas. Desse modo, “[...] o sujeito não é mais o centro dos acontecimentos discursivos, mas o objeto e sujeito deles.” (NAVARRO, 2008, p. 61).

Ainda, a quarta diferença entre história global e geral se instala no ponto em que o método tradicional privilegia o uso de documentos para a análise do passado, tomando-os como fonte suficiente para a compreensão dos fatos pretéritos. Sob esse prisma, o documento é tido como detentor da verdade e reflexo fiel da realidade. Por outro lado, a metodologia da história geral propõe a transformação dos documentos em monumentos, atribuindo-se a eles o estatuto de acontecimentos singulares. Com isso, franqueia-se ao pesquisador interpretá-los e reorganizá-los, uma vez que não mais há verdade nos documentos, mas sim possibilidades de interpretação (NAVARRO, 2008).

Ao transpor tais considerações acerca da história para o objeto desta pesquisa, faz-se interessante destacar um estudo empreendido por Beard (2016) sobre a vida das mulheres na cidade romana de Pompeia, antes da erupção do vulcão Vesúvio. De uma maneira semelhante às premissas da história geral, a autora adverte que não se pode tornar homogênea a toda uma sociedade a forma como as grandes personalidades da época viviam, nesse caso, especificamente, as mulheres. Em virtude disso, a pesquisadora mostra o exemplo da Imperatriz Lúcia, esposa de Augusto, a qual estava envolvida em diversas intrigas e, segundo historiadores da época, tinha uma vida de luxúria. São suas palavras:

Neste mundo, as principais funções das mulheres respeitáveis e bem casadas — isto é, as ocupantes das maiores casas de Pompeia — eram duas: primeira, a perigosa tarefa de gerar crianças (o parto provocava muitas mortes na Roma antiga, como em todos os períodos anteriores à era moderna); em segundo lugar, a gestão da casa e do lar. Um túmulo famoso de Roma acerta na mosca. Nele há um epitáfio encomendado pelo marido para a esposa Cláudia. Ele a elogia pela beleza, a conversa e a elegância; mas o mais importante é que “Ela teve dois filhos, cuidou da casa, teceu lã”. Na prática, as vidas das mulheres mais pobres deviam ser mais variadas — como lojistas, caseiras ou prestamistas —, mas duvido que as atribuições subjacentes ao papel feminino fossem muito distintas. Não era uma sociedade em que as mulheres tivessem controle da vida delas, seu destino e sua sexualidade. **As histórias contadas pelos poetas e historiadores romanos sobre as mulheres da capital, animadas, licenciosas e aparentemente “liberais” são em parte fantasiosas e, em parte, aplicáveis unicamente a personagens realmente excepcionais, como as mulheres da casa imperial. A imperatriz Lúcia não foi uma mulher tipicamente romana** (Ibid., 246-247, grifos nossos).

Dessa forma, no exemplo acerca da vida das mulheres na Roma Antiga, Beard (Ibid.) constrói suas considerações a partir de uma fonte arqueológica: a lápide em que se lê o epitáfio para Cláudia. Sem adentrar nas conclusões a que autora chegou, segundo a metodologia adotada pela história tradicional, as palavras do epitáfio funcionariam como documentos, logo, seriam detentoras da verdade sobre o papel das mulheres e mães na sociedade romana. Em contrapartida, para a metodologia adotada por Foucault (2014a), deve-se transformar os documentos em monumentos, ou seja, os textos, e aqui se inclui o epitáfio de Cláudia e os *podcasts* que serão analisados mais à frente. Consonante a isso, Foucault (2014a) explica que, faz-se necessário questionar os documentos elaborados em determinado período da história e não os tomar como únicos exemplares da verdade, ou seja, suspender o caráter “verdadeiro” de seu conteúdo e delinear as condições nas quais tal documento pode ser produzido. Em outras palavras:

[...] dá-se por tarefa primeira, não interpretá-lo, não determinar se fala a verdade e qual seu valor expressivo, mas trabalha-lo do interior e elaborá-lo: organiza-o, recorta-o, distribui-o, ordena-o, reparte-o em níveis, estabelece séries, distingue o que é pertinente do que não é, detecta elementos, define unidades, descreve relações. (FOUCAULT, 2014a, p. 39-40).

Ainda nas considerações de Foucault, não existem verdades gerais ou trans-históricas, uma vez que todos os atos e palavras (fatos humanos) não emergem de uma natureza ou uma razão que seria sua origem, muito menos refletem de forma fiel o objeto a que remetem (VEYNE, 2008).

Portanto, esse procedimento de interrogar os documentos deixa claro que o método arqueológico de Foucault busca entender as produções discursivas a partir de sua monumentalização, a qual “[...] desdobra, uma massa de elementos que se trata de isolar, agrupar, de tornar pertinentes, de pôr em relação, de constituir em conjuntos.” (id., 2014a, p. 40). Nesse viés, tratar o documento como monumento implica aceitar suas condições de existência que lhe são próprias e não apenas algo exterior e alheio.

No que se refere à maternidade, objeto de estudo deste trabalho, faz-se importante compreender que, para além dos consagrados textos religiosos ou os tratados de medicina da mulher, ambos fortemente tomados como fontes privilegiadas para a construção de sentidos sobre ser mãe ao longo da história, os *podcasts* também podem servir como fontes para apreensão de modos de ser mãe, trazendo à tona uma pluralidade de condutas e práticas discursivas, sem pretensão de esgotá-las. Isso não significa desprezar o trabalho com esses textos, mas abrir a possibilidade de observar a história por um outro ângulo, estabelecendo as condições de existência que permitiram a existência de tais práticas, além de observar a forma com que elas se (des)encontram com os textos tidos como centrais.

Sendo assim, os documentos devem ser interrogados e destituídos do lugar privilegiado que a história tradicional lhes atribuiu, como se eles fossem a única maneira verdadeira de apreender o passado. Nessa linha de pensamento, Foucault (2014a, p. 40) assevera que:

O documento já não é, pois, para a história essa matéria inerte através da qual ela tenta reconstituir o que os homens fizeram ou disseram, o que é passado e cujo rastro apenas permanece: procura definir no próprio tecido documental unidades, conjuntos, séries, ligações. [...] o documento não é o instrumento feliz de uma história que seria em si própria e de pleno direito *memória*; a história é uma certa maneira de uma sociedade conferir estatuto e elaboração a uma massa documental da qual não se separa.

Por fim, juntando-se à heterogeneidade, à descontinuidade e ao descentramento do sujeito, desconstruir a noção de documento, priorizar o trabalho com o monumento, outro movimento se faz imprescindível: a contraposição entre unidade *versus* série. Conforme aponta Navarro (2008, p. 62), o método arqueológico de Foucault “[...] requer que se coloque em suspenso determinadas unidades do discurso que diversificam o tema da continuidade e, por corolário, impedem que se considere a história como algo descontinuo.”. Sobre essa nova abordagem metodológica:

Para a realização de uma análise arqueológica de discursos fundamentada na história geral, o gesto metodológico de interpretação do analista deve ter como foco a constituição de séries enunciativas e a descrição das relações que elas estabelecem entre si. Como orienta Foucault, a análise pautada na constituição de séries enunciativas abre espaço para a abordagem do conjunto de enunciados efetivamente ditos ou escritos, em sua dispersão de acontecimentos (Ibid.).

E o autor continua:

Por essa proposta de estudo do discurso, o analista precisa fazer dois gestos metodológicos: 1) isolar a instância do acontecimento para relacioná-lo não à atividade fundadora de um autor, de uma obra, da tradição ou espírito de época, mas a outros enunciados; 2) recortar uma série enunciativa para verificar as relações entre os elementos dessas séries e o modo como elas significam, constroem, produzem sentidos sobre o acontecimento. Esse método arqueológico de estudo dos discursos busca compreender o sentido a partir da análise da rede interdiscursiva em que a série se encontra, da relação, portanto, que um enunciado mantém com outros (Ibid., p. 63).

Diante do exposto, Foucault (2014a) revela que a questão da descontinuidade dos discursos na história e o gesto de monumentalização dos acontecimentos permitem operar o descentramento do sujeito e, por conseguinte, a suspensão da noção de origem do dizer. Uma vez que a história tradicional gira em torno de personalidades e acontecimentos lineares, é possível afirmar que seu princípio de coesão gira em torno de si mesma, isto é, uma sucessão de acontecimentos nos quais haveria uma origem e/ou sujeito fundante que implicaria o desenrolar desses acontecimentos.

Nesse sentido, por meio da História Geral, torna-se possível colocar em questão a soberania da consciência, na qual o sujeito produziria saberes a partir de si próprio e, conseqüentemente, atingiria a totalização da história (origem). Assim, Foucault (2014a, p. 47) explicita que:

Fazer da análise histórica o discurso do contínuo e fazer da consciência humana o sujeito originário de todo o devir e de toda a prática são duas faces

de um mesmo sistema de pensamento. O tempo é aí concebido em termos de totalização e as revoluções nunca mais que tomadas de consciência.

Desse modo, é possível afirmar que um trabalho desenvolvido sob o viés arqueogenalógico não busca o dizer verdadeiro, inédito ou originário, mas aponta as ferramentas necessárias para a reconstrução de uma teia em que os dizeres estão todos imbricados – o arquivo, produzindo saberes e práticas no mundo, incessantemente. Assim, “[...] não se trata de passar os universais pelo ralador da história, mas de fazer com que a história passe pelo fio de um pensamento que recusa os universais.” (VEYNE, 2008, p. 20).

Portanto, os estudos de Michel Foucault demarcam a importância da história na articulação dos processos discursivos, ou seja, não há maneira de conceber nada no mundo sem a articulação dos discursos na história. É diante dessa imbricação que as práticas discursivas em torno da maternidade são produzidas, pois só é possível atribuir sentidos ao que é ‘ser uma mãe’ a partir dos dizeres que estão em circulação em determinado momento histórico. Esses dizeres, por sua vez, são materializados pela/na linguagem; por conseguinte, é nela que reside o local privilegiado para apreensão dos discursos. Nesse ínterim, apresentaremos no próximo tópico alguns dos conceitos norteadores para o trabalho aqui desenvolvido: o discurso e o enunciado.

1.2 Discurso e Enunciado

Para que se possa adentrar nas questões relacionadas ao *corpus* de análise desta pesquisa, compreender a noção de discurso e de enunciado em Michel Foucault é imprescindível. Esses conceitos são basilares no que se referem a organização e ao funcionamento dos discursos na sociedade; para tanto, é fundamental não perder de vista a centralidade do trabalho com a história, a qual explicitamos na subseção anterior, uma vez que, sem ela, não se faz possível a produção tampouco a circulação de discursos.

Conforme esclarece Fernandes (2012), o discurso, enquanto objeto de análise, aparece desde os primeiros escritos de Foucault, contudo, sem a pretensão de fundar um novo campo disciplinar. Em verdade, o que Foucault propôs foi tomar o discurso como objeto de pesquisa a fim de compreender as questões sobre o sujeito e a complexidade dos elementos que o compõem ao longo da história.

É o que se observa na obra *Arqueologia do Saber*, em que Foucault se coloca na posição de um arqueólogo, ainda que ele não se denomine enquanto um analista do discurso. Mesmo assim, o filósofo delimita conceitos e procedimentos metodológicos ainda atuais e bastante úteis

à AD. Em suma, na obra de Foucault, o discurso é o que possibilita a formação de objetos, o que inclui a produção de subjetividades e do sujeito (FERNANDES, 2012).

A vista disso, a AD, cujo discurso é objeto central de investigação, debruça-se sobre a materialidade efetivamente produzida e suas possibilidades de existência nas relações com a história e o sujeito. Assim, em uma perspectiva foucaultiana, para compreender o que é o discurso, deve-se considerar as condições histórico-sociais de produção que o determinam, sem deixar de lado os jogos de força que o atravessam. Da mesma forma, o sujeito, por constituir-se a partir de discursos construídos e modificados ao longo da história, também está em constante mudança (FERNANDES, 2012).

De uma maneira geral, a obra de Foucault amplia os limites da AD na medida em que concebe o discurso como um elemento fundante do sujeito, do saber, do poder, da verdade e da subjetividade. Dessa forma, os discursos podem ser definidos como práticas capazes de formar o objeto de que falam (FOUCAULT, 2014a). Assim, o discurso passa a ter uma relação direta com o sujeito, constituindo-o ou produzindo-o em relação direta com a história, esta última que determina/possibilita a própria existência do discurso (Ibid.).

Em suma, o discurso é o que constrói e consolida as relações humanas, conseqüentemente, sua existência determina não apenas os sujeitos, mas toda a realidade social (FOUCAULT, 2014b). Assim, pode-se dizer que as práticas discursivas organizam e constroem o mundo, inclusive o que hoje em dia consideramos como ser uma mãe, por exemplo. Nessa perspectiva, assevera-se que o discurso produz os saberes, as instituições e a própria história, ou seja, o discurso fabrica todas as práticas sociais. Para Foucault (2014b, p.8), essa produção de saberes não se dá de modo tranquilo, pois “[...] é, ao mesmo tempo controlada, selecionada, organizada e redistribuída por certo número de procedimentos que têm por função conjurar seus poderes e perigos [...]”.

Assim, outro ponto a ser destacado é o fato de as relações de poder estarem envolvidas na construção dos discursos e da sociedade como um todo. Portanto, “[...] o discurso não é simplesmente aquilo que traduz as lutas ou sistemas de dominação, mas aquilo porque, pelo que se luta, o poder no qual nos queremos apoderar.” (FOUCAULT, 2014b, p.10). Neste ponto, é interessante perceber que Foucault se distancia radicalmente do pensamento marxista predominante à época, uma vez que suas reflexões em torno do poder dão ênfase às relações cotidianas, suspendendo as discussões sobre a ideologia e a luta de classes (FERNANDES, 2012).

Para além disso, é possível entender o discurso como um “[...] conjunto regular de fatos linguísticos em determinado nível, e polêmicos e estratégicos em outro.” (FOUCAULT, 2013a,

p. 19). Ainda, o discurso é composto por uma materialidade (linguística ou não) – o enunciado é tomado como um átomo do discurso, sua realização no mundo – e pelos jogos de poder presentes nas relações humanas; assim, analisar discursos implica considerar a materialidade do discurso na tentativa de compreender a emergência e circulação de enunciados em determinado momento da história, e de que maneira esses dizeres comportam em seu interior relações de poder, as quais engendram a sociedade. Na esteira disso, Veyne (2008, p. 17) afirma que o discurso está além das construções estritamente linguísticas. Para o pensador, o discurso deve ser analisado a partir de suas formações históricas, cuja singularidade exige do pesquisador um “esforço intelectual de apercepção”.

Dessa maneira, a fim de observar a circulação de um enunciado, Gaspar (2006) salienta que se faz necessário olhar para essas materialidades nas quais o discurso se efetiva na tentativa de descrever como o discurso se constitui de maneira singular no interior de formações discursivas. A respeito disso, cumpre ressaltar que

(...) no caso de ser possível descrever, entre um certo número de enunciados, um sistema de dispersão semelhante, no caso de, entre os objetos, os tipos de enunciação, os conceitos, as escolhas temáticas, ser possível definir uma regularidade (uma ordem, correlações, posições e funcionamentos, transformações) dir-se-á, por convenção, que estamos perante uma *formação discursiva* (FOUCAULT, 2014a, p. 75, grifos do autor)

Dessa forma, qual seja o fato de um enunciado sempre fazer parte de uma série ou conjunto de outros enunciados e cada um deles desempenharem um papel no meio dos demais, apoiando-se uns nos outros, mas, também, distinguindo-se uns dos outros; Foucault (2014, p. 142-143; p. 148) afirma que a identidade de um enunciado se submete exatamente aos limites e condições impostos pelos conjuntos dos demais enunciados que o rodeiam⁹. Nesse sentido, é possível afirmar que as formações discursivas são capazes de gerar um sistema de arquivo, afinal, por meio delas, depreende-se os princípios regulares capazes de agrupar um conjunto de enunciados. Assim, para Gregolin (2007, p. 161)

(...) o arquivo representa o conjunto dos discursos efetivamente pronunciados em uma época dada e que continua a existir através da história. Fazer a arqueologia dessa massa documentária é buscar compreender suas regras, suas práticas, suas condições e seu funcionamento. A análise arqueológica propõe

⁹ Em *Arqueologia do Saber*, Foucault (2014a) mostra como exemplos as afirmações de que a Terra é redonda ou de que as espécies evoluem, as quais constituíram diferentes enunciados antes ou depois dos estudos de Copérnico e Darwin, ou seja, não foi o sentido das palavras que mudou, mas a relação destas afirmações com outras proposições (as mudanças nas condições de utilização, as experiências, verificações e problemas a serem resolvidos).

evidenciar os traços discursivos que permitem a reconstituição do conjunto de regras que, em um momento dado, definem ao mesmo tempo os limites e as formas de dizibilidade, da conservação, da memória, da reativação e da apropriação dos sentidos.

Um ponto a ser destacado, para que não haja confusões, está no fato do enunciado não estar no mesmo nível de existência da língua, uma vez que ele é o elemento que possibilita a constituição de sentidos, portanto, é uma função de existência que se materializa na/pela linguagem (FOUCAULT, 2014a). Conforme alerta Gregolin (2004, p. 26-27), não há apenas uma relação gramatical, lógica ou semântica entre o enunciado e o que ele enuncia, mas sim uma relação entre sujeitos, ao longo da história, abrangendo a própria materialidade do enunciado.

Sob essa ótica, para que se possa chegar ao discurso, é necessário, antes, observar o enunciado, isto é, um “[grão] que aparece à superfície de um tecido do qual é o elemento constituinte. Átomo do discurso.” (FOUCAULT, 2014a, p. 121). Para além disso, é importante ter em mente que o enunciado não é uma estrutura, mas sim:

[...] uma função de existência que pertence como traço próprio aos signos e a partir da qual podemos, em seguida, decidir, através da análise ou da intuição, se eles ‘fazem sentido’ ou não, segundo que regra se sucedem ou se justapõem, de que são signo, e que espécie de ato se encontra realizado pela sua formulação (oral ou escrita). [...] ele não é em si próprio uma unidade, mas uma função que cruza um domínio de estruturas e de unidades possíveis e que as faz aparecer, com conteúdos concretos, no tempo e no espaço (ibid., p.128-129).

Dito isso, é possível compreender que o enunciado comporta as especificidades do discurso; assim, analisá-lo sob a perspectiva arqueogenealógica significa interrogá-lo em si, ainda que sobre as regras da sua formação (FOUCAULT, 2014a, p. 119). Tal gesto de análise implicaria, portanto, entender como determinado enunciado pôde existir e como ele se relaciona a outros no fio da história. Nas célebres palavras do filósofo francês, trata-se, então, de responder à seguinte questão: “[...] como aconteceu que tenha aparecido este enunciado e nenhum outro em seu lugar?”. (FOUCAULT, 2014a, p. 63).

Para que essa pergunta seja respondida, Foucault (2014a, p. 154) propõe uma descrição dos enunciados, ou seja, um procedimento que “[...] não equivale a isolá-lo e a caracterizar um segmento horizontal; mas definir as condições nas quais se exerceu a função que deu a uma série de signos [...] uma existência, e uma existência específica.”. Nessa linha de pensamento, descrever o enunciado requer considerá-lo em sua singularidade, para, em seguida, explicitar

sua função enunciativa, isto é, relacioná-lo a outros campos adjacentes a fim de estabelecer relações, sentidos e possibilidades de aparecimento.

Nas leituras de Veyne (2008) a respeito da obra de Foucault, portanto, não há *a priori* senão histórico, assim, pra descrever um discurso é preciso partir do detalhe das práticas em vez de partir de uma ideia geral e pré-concebida. Dessa maneira, os discursos “fazem pensar nas fronteiras históricas das nações, tracejadas em zigue-zague pelos acasos da história, e não em fronteiras naturais.” (Ibid., p. 22).

A vista disso, para apreender o discurso, deve-se, em primeiro momento, tomar o enunciado como uma função que congrega um campo associado, um referencial, uma posição-sujeito e, por fim, uma materialidade específica (FOUCAULT, 2004a). Desse modo, definir as condições pelas quais um enunciado pôde ser produzido em um momento específico da história implica trazer à luz essas especificidades, as quais estão fortemente interligadas.

Sob esse prisma, ao detalhar a forma em que concebe o campo associado, Foucault (2014a) explica que só é possível considerar o enunciado a partir de sua função enunciativa, na medida que exista um campo associado em que ele esteja inserido. Dessa forma, para o filósofo (Ibid., p. 141), “[...] um enunciado tem sempre margens povoadas de outros enunciados.”. Isso significa que um enunciado é dependente de outros e só possui condição de emergir se estiver ligado a um conjunto sob uma espécie de jogo enunciativo, um domínio de coexistência. Assim, não há um enunciado que, de uma forma ou de outra, não esteja interligado a outros e não reatualize outros enunciados (Ibid., p. 142).

Como consequência disso, em geral, não há enunciado que seja livre, neutro e independente de outros, pelo contrário, um enunciado sempre faz parte de uma série ou conjunto de outros enunciados, e cada um deles desempenha um papel no meio dos demais, apoiando-se uns nos outros, mas, também, distinguindo-se uns dos outros. Enfim, o enunciado sempre estará inserido em um jogo enunciativo, desempenhando seu papel por mais ínfimo que seja (ibid., p. 142-143). Sobre esse aspecto, Gregolin (2004, p. 28) condensa o pensamento de Foucault ao afirmar que “[há] uma relação do enunciado com a série de formulações com as quais ele coexiste. Isto atesta sua historicidade. Do seu ponto de vista, essa é uma diferença entre frase, proposição e o enunciado.”.

Ao tomar como objeto de análise a maternidade, portanto, observa-se que há uma ampla gama de sentidos para referenciar o que se entende como ser mãe. Em todas elas, é possível estabelecer um feixe de relações que estão para além dos níveis sintáticos e lexicais, mas são fruto de uma construção histórica com ordens de aparecimento. Assim, cabe verificar em quais

campos os enunciados coletados do *corpus* circulam, para tentar compreender a forma com que eles se transformam e novas formas de ser mãe possam surgir a partir desse movimento.

No que se refere ao referencial, segunda característica do enunciado, Foucault (2014a) revela que o ele se distancia das normas gramaticais de uma língua, bem como do sujeito que as emprega, pois, a relação entre referente e objeto se faz a partir de características exteriores à própria língua, seu tema. Assim, cada relação é única, ou seja, mesmo que haja formulações idênticas, com as mesmas palavras e exatamente na mesma frase, não serão necessariamente o mesmo enunciado (Ibid., p. 131).

Assim, segundo Foucault (2014a, p. 133-134), o referencial do enunciado delimita o lugar, as condições, os pressupostos para o aparecimento, os pontos de diferenciação dos indivíduos ou dos objetos, bem como os estados das coisas e das relações estabelecidas pelo próprio enunciado. Além disso, assenta as possibilidades de surgimento e impõe os limites daquilo que dá o sentido ou o seu valor de verdade a uma frase. Em suma, é desse agrupamento que emergem as características do nível enunciativo da formulação, em contraposição ao seu nível gramatical e ao seu nível lógico. Dito de outro modo, é pela ligação desses diversos domínios de possibilidade que o enunciado transforma um sintagma ou uma série de símbolos em uma frase à qual se pode, ou não, conferir um sentido, uma proposição ou valor de verdade.

A terceira especificidade do enunciado diz respeito à posição-sujeito, ou seja, uma posição vazia que pode ser preenchida de diferentes maneiras durante a produção de um enunciado. Isso implica considerar que o sujeito não é origem próprio dizer, pois, mais uma vez, o enunciado se distancia do sintagma linguístico, pois o sujeito aqui não está ligado a primeira ou segunda pessoa, tampouco ao autor da formulação, mas a uma função na qual um mesmo indivíduo, sozinho, pode ocupar diversas posições e assumir diferentes papéis numa série de enunciados (FOUCAULT, 2014a, p. 136).

Sob essa ótica, compreende-se que delimitar a posição-sujeito dentro de um enunciado consiste em assinalar um lugar variável em que um sujeito pode ocupar no interior de um discurso. Assim, descrever uma formulação como enunciado não é a mera análise das relações estabelecidas entre o que o autor e o que ele disse ou, ao menos, quis dizer ou disse sem querer, ao contrário, trata-se de determinar qual posição pode e deve ocupar qualquer indivíduo para ser o seu sujeito (FOUCAULT, 2014a, p. 138).

Sobre esses pontos quanto à posição-sujeito, Gregolin (2004) explica que o sujeito do enunciado não pode ser limitado aos elementos gramaticais, dando como exemplo situações em que a primeira pessoa não aparece gramaticalmente em uma formulação verbal, mas, ainda assim, há sujeito. Da mesma forma, a conexão do enunciado com o sujeito que o enuncia não

será a mesma a depender de onde o conjunto de signos se apresenta, podendo ser, por exemplo, em uma conversa ou em um romance.¹⁰

No que se refere à maternidade, destaca-se que a posição-sujeito ocupada pelas mulheres que participam dos *podcasts* é variável, mas em nenhuma elas podem ser tomadas como origem de seu próprio dizer. Nesse sentido, para falar de si nos podcasts, essas mulheres assumem diferentes posições e obedecem a certas exigências na ordem do discurso.

Por fim, todas essas três características do enunciado dependem de uma quarta: uma existência material. Portanto, no entender de Foucault (2014a), uma posição-sujeito, um campo associado e um referencial só podem ser delimitados caso exista uma materialidade definida no tempo e no espaço. Não há como falar em enunciado sem uma voz que o articule ou sem uma superfície que seja portadora dos seus signos. Não há que se falar em enunciado sem que ele deixe rastros ou vestígios, ainda que por um breve período, em uma memória ou em um espaço. Assim, é indispensável que haja uma espessura material para que o enunciado exista, mesmo que ela seja dissimulada ou dure por um breve tempo (FOUCAULT, 2014a, p. 144).

Uma existência material faz parte dos caracteres intrínsecos do enunciado. Exatamente por isso, uma frase pode constituir diferentes enunciados a depender do fato de ter sido articulada em uma conversa casual ou ter sido impressa em um romance, ainda, haverá diferenças se essa mesma frase foi escrita há apenas um dia ou há séculos atrás ou se reaparecer numa formulação oral (FOUCAULT, 2014a, p. 144). Em suma, “[...] é necessário que um enunciado tenha uma substância, um suporte, um lugar e uma data. E quando estes requisitos se modificam, o próprio enunciado muda de identidade.” (FOUCAULT, 2014a, p. 144-145).

Foucault (2014a, p. 148) aponta, ainda, um *campo de estabilização* (constituído de esquemas de utilização, regras de emprego e conjuntos nos quais os enunciados desempenham um papel) que permite os enunciados repeti-los nas suas identidades, apesar as diferenças de enunciação. O autor adverte, contudo, que, sob certas condições e a partir de um limiar, esse mesmo campo pode proporcionar o surgimento de um novo enunciado.

Há, concomitante à ideia de *campo de estabilização*, um chamado *campo de utilização*, cuja função é dar constância ao enunciado, manter sua identidade por meio de acontecimentos singulares de enunciações. Portanto, o enunciado pode ser repetido, contudo, sempre em condições estritas (FOUCAULT, 2014, pp. 149-150). Em resumo, a respeito desses dois campos, pode-se afirmar que:

¹⁰ Gregolin traz o exemplo de uma mesma frase que pode ser dita por um sujeito qualquer em uma conversa, ou pode fazer parte de um romance de Marcel Proust.

[...] o enunciado, ao mesmo tempo que surge na sua materialidade, aparece com um estatuto, entra em redes, situa-se em campos de utilização, oferece-se a transferências e a modificações possíveis, integra-se em operações e em estratégias em que a sua identidade se mantém ou se apaga. Assim, o enunciado circula, serve, esquiva-se, permite ou impede a realização de um desejo, é dócil ou rebelde perante interesses, entra na ordem da contestação e das lutas, torna-se tema de apropriações ou de rivalidade (FOUCAULT, 2014, p.150).

Diante disso, a singularidade da enunciação presente nos enunciados reflete o que Foucault (2014a, p. 63) compreende por *acontecimento discursivo*, isto é, um “[...] conjunto sempre finito e atualmente limitado apenas pelas sequências linguísticas que foram formuladas; bem podem ser inumeráveis, bem podem, pela sua quantidade, exceder qualquer capacidade de registro, de memória ou de leitura.”

Por todo o exposto, cabe, então, ao analista observar essas constantes, ou seja, as regularidades contidas nas enunciações dispersas no tempo e no espaço a fim de que se possa apreender as redes discursivas nas quais esses enunciados se inscrevem. Desta forma, a análise do campo discurso deve buscar compreender o enunciado nos limites e nas singularidades de seu acontecimento, ou seja, de determinar as condições de sua existência, fixando-se seus limites, suas correlações com outros enunciados que podem estar interligados a ele, e, além disso tudo, de transparecer outras formas de enunciação que o próprio enunciado exclui (FOUCAULT, 2014, p. 63).

Dessa forma, os enunciados se configuram como elementos centrais na reflexão deste trabalho, uma vez que permitem compreender como o discurso em torno da maternidade é dito e pode ser dito, concebendo-o como um conjunto de enunciados regidos por estratégias, as quais mobilizam diferentes campos de saber e permitem constituir sujeitos e práticas relacionadas a este tema. Dito isso, na sequência, abordaremos mais profundamente a noção de sujeito do discurso nos estudos desenvolvidos por Foucault para, em seguida, refletir sobre a produção de subjetividades nos/dos sujeitos mães.

2 SUJEITO, VERDADE E SUBJETIVIDADE(S)

“O que é a verdade, portanto? Um batalhão móvel de metáforas, metonímias, antropomorfismos, enfim, uma soma de relações humanas, que foram enfatizadas poética e retoricamente, transpostas, enfeitadas, e que, após longo uso, parecem a um povo sólidas, canônicas e obrigatórias: as verdades são ilusões, das quais se esqueceu que o são, metáforas que se tornaram gastas e sem força sensível, moedas que perderam sua efigie e agora só entram em consideração como metal, não mais como moeda.” (NIETZSCHE, 1987, p. 34)

Na tentativa de descrever o processo de subjetivação das mães por meio dos *podcasts* e, conseqüentemente, a construção de regimes de verdade que sustentam a questão da ‘maternidade real’ elencados como temas centrais desta pesquisa, faz-se fundamental explicitar a maneira com a qual compreendemos as noções de sujeito, verdade e de produção de subjetividades na perspectiva foucaultiana. De antemão, nosso entendimento é que todos são frutos dos discursos, pois, conforme vimos, é a partir deles que os processos históricos são erigidos, que as relações sociais são construídas.

Ainda, como destacado no capítulo anterior, Foucault (2013b) ressalta o papel da história nesse processo, uma vez que é através da história que se deve tentar ver como um sujeito, que não é dado definitivamente, é constituído. Dito de outro modo, o sujeito se constitui no interior da história e, a cada instante, é (re)fundado por essa história. Esse enfoque é característico daquilo que alguns estudiosos denominam como primeira fase da obra de Foucault em que há uma predominância do método *arqueológico*¹¹ e é dado destaque especial à história como constituinte dos processos discursivos, ou seja, não há maneira de conceber nada no mundo sem a articulação dos discursos na história.

A propósito, visando didatizar as reflexões empreendidas por Michel Foucault ao longo de sua vida, sua obra foi dividida por diversos estudiosos em três etapas, momentos, embora entenda-se que não haja uma divisão estanque entre elas, mas sim uma predominância de temas. A primeira é justamente o que se denomina como *arqueologia*, destacado no parágrafo anterior. Já o segundo momento é chamado de *genealogia do poder*, cujas atenções de Foucault voltam-se para as práticas do poder, ou seja, para as relações firmadas entre o saber e o poder, trata-se

¹¹ Foucault (2014a) aponta que uma *arqueologia* consiste na escavação de uma superfície a fim de identificar as camadas e as regiões que compõem determinado monumento histórico, todavia, o autor deixa claro que não objetiva chegar a uma origem, mas estabelecer as redes e processos que constituem determinado objeto em sua historicidade.

do momento arquegenealógico. Por fim, já em um terceiro momento, serão abordados os procedimentos de uma ética e estética da existência (GREGOLIN, 2004).

Nos tópicos adiante, trabalharemos, então, com as especificidades dessas questões, notadamente quanto aos pontos centrais desenvolvidos por Foucault na segunda e terceira etapas de sua obra, sem, contudo, nos esquecermos dos pontos analisados no capítulo anterior que permanecem fundamentais para uma correta compreensão do tema.

2.1 O sujeito do/em discurso

No entender de Foucault (2014a), o discurso produz os sujeitos, os saberes, as instituições e a própria história, ou seja, o discurso fabrica todas as práticas sociais, as quais estão em constante transformação. Desta forma, as práticas discursivas “[...] não são pura e simplesmente modos de fabricação de discursos [mas que] ganham corpo em conjuntos técnicos, em instituições, em esquemas de comportamento, em tipos de transmissão e de difusão, em formas pedagógicas.” (FOUCAULT, 1997, p. 12).

Conforme discutido na seção anterior, o filósofo francês entende o sujeito do discurso como um constructo histórico-social, abandonando, assim, uma concepção individualizante e/ou psicológica de sujeito. Frente a isso, Foucault (2008a) ressalta que é necessário refutar à noção de sujeito constituinte para que se possa chegar às especificidades de sua construção na história, isto é, abandonar a premissa de que o sujeito seja sua própria origem, mas analisar os processos pelos quais o sujeito se produz.

Nesse sentido, a abordagem foucaultiana sobre o sujeito envolve considerá-lo como algo historicamente constituído sobre a base de determinações exteriores ao próprio sujeito. Resumindo, o sujeito é constituído não sobre as bases de uma identidade psicológica, mas sim por meio de práticas de poder, de saber e de técnicas de si. De acordo com Sargentini (2010), as primeiras são as práticas de dominação e das estratégias de disciplinamento ou de governo que recaem sobre os indivíduos, as segundas práticas são a descrição de certo número de saberes sobre os sujeitos, por fim, as técnicas de si são os meios por meio dos quais os homens se produzem e se transformam.

No ensaio “O sujeito e o poder” (2013b), Foucault evidencia que seu foco de trabalho reside na problemática do sujeito, ao passo que a discussão em torno do poder se torna consequência da primeira. Nesta obra, o filósofo esclarece os pontos relacionados às três formas nas quais o ser humano pode ser sujeito em nossa cultura e todas elas perpassam o movimento de objetivação.

A primeira forma se refere ao modo da investigação (estatuto da ciência) (FERNANDES, 2012) no qual o sujeito é produzido a partir da produção de saberes em diferentes campos científicos. Esse modo de objetivação diz respeito a “[...] maneira pela qual o poder investe o sujeito ao se servir não somente dos modos de subjetivação [...], mas também ao inventar outros: é todo o jogo das técnicas de governamentalidade.” (REVEL, 2005, p.82). A segunda forma diz respeito às *práticas divisoras*, nas quais “[...] o sujeito é dividido no seu interior e em relação aos outros.” (FERNANDES, 2012, p. 56). Tal modo de objetivação se refere, por exemplo, às dicotomias entre ser de direita ou de esquerda, ser ateu ou cristão, ser bom ou mau.

Há, também, um terceiro modo no qual um ser humano se torna sujeito: a subjetivação.¹² Nessa linha de pensamento, “[...] trata-se de compreender as modalidades de uma relação consigo, que envolve a realização de uma prática contínua de procedimentos de escrita de si e para si, isto é, um procedimento de subjetivação.” (REVEL, 2005, p. 83).

A vista disso, o problema da produção das subjetividades ao longo da história pertence, ao mesmo tempo, à descrição da constituição de um certo número de saberes sobre o sujeito, por meio da arqueologia, à descrição da genealogia das estratégias de governo e práticas de dominação que recaem sobre os indivíduos, e, por fim, o exame das técnicas que os indivíduos usam para se produzirem e se transformarem (REVEL, 2005).

Em quaisquer um desses modos, é possível perceber que o sujeito é materializado dentro das relações de saber-poder exercidas na sociedade. Assim, “[...] o saber entra como elemento condutor do poder, como correia transmissora e naturalizadora do poder, de modo que haja consentimento de todos aqueles que estão nas malhas do poder. No interior das relações de poder, todos participam, todos são ativos.” (VEIGA-NETO, 2007, p. 119). Sob esse prisma, então, depreende-se que o sujeito é heterogêneo (FERNANDES, 2012), uma vez que sua produção está em constante transformação no âmago dessas relações. Nesse viés, os discursos colocam em movimento jogos de relações objetivadoras nas quais os sujeitos se produzem e são produzidos incessantemente.

A respeito disso, Foucault (2013b, p. 246) explica que

¹² De acordo com Revel (2005, p. 82) “os ‘modos de subjetivação’ ou ‘processos de subjetivação’ do ser humano correspondem, na realidade, a dois tipos de análise: de um lado, os modos de objetivação que transformam os seres humanos em sujeitos - o que significa que há somente sujeitos objetivados e que os modos de subjetivação são, nesse sentido, práticas de objetivação; de outro lado, a maneira pela qual a relação consigo, por meio de um certo número de técnicas, permite constituir-se como sujeito de sua própria existência.”

Uma sociedade ‘sem relações de poder’ só pode ser uma abstração. [...] Pois, dizer que não pode existir sociedade sem relação de poder não quer dizer nem que aquelas que são dadas são necessárias, nem que de qualquer modo o ‘poder’ constitua, no centro das sociedades, uma fatalidade incontornável; mas que a análise, a elaboração, a retomada da questão das relações de poder, e do ‘agonismo’ entre relações de poder e intransitividade da liberdade, é uma tarefa política incessante;

De maneira geral, ao tornar os sujeitos mães objetos de/do saber (por exemplo, na medicina), novos saberes surgem e possibilitam a transformação/manutenção das práticas discursivas em dada sociedade (modo de investigação). Sendo assim, observa-se que não é possível haver saber-poder fora das práticas discursivas, ou seja, para que os saberes e poderes sejam produzidos, é fundamental apreendê-los por meio dos discursos que lhes são constitutivos. A vista disso, pensar o sujeito mãe enquanto produto da história significa tatear pelos saberes e traçar os procedimentos pelos quais tal posição pôde emergir e funcionar, assim como descrever os jogos de relações de poder nas quais estão inseridos. Desse modo, torna-se pertinente observar o processo de objetivação-subjetivação desses sujeitos a partir dos enunciados materializados nos episódios dos *podcast* elencados como *corpus* deste trabalho.

Considerando, então, que esta pesquisa busca explicitar a emergência de regimes de verdades sobre o ‘ser mãe’ na contemporaneidade, assim como analisar a constituição desses sujeitos na relação entre enunciados, verdade(s) e produção de subjetividade(s), abordaremos na subseção seguinte algumas reflexões em torno da noção de verdade e poder na perspectiva de Michel Foucault.

2.2 A verdade e o poder

Conforme discutido ao longo desta explanação teórica, as noções de verdade, poder e saber são interdependentes, mas não idênticas. Sob esse prisma, entende-se que “o saber é um dos componentes de definição da atuação do poder no mundo moderno. O saber não está numa relação superestrutural com o poder; ele é uma condição essencial para a formação e o crescimento posterior da sociedade tecnológica e industrial” (DREYFUS & HABINOW, 2013, p. 222).

Nesse viés, para Foucault (2018), o poder está em todos os lugares e isto ocorre não porque este poder abarque tudo, e sim porque provém de toda parte. O poder, portanto, não está localizado em um lugar específico, como nas instituições, mas, na verdade, trata-se da designação dada a uma situação estratégica e complexa em dada sociedade. Além disso, o poder

circula em todas as práticas humanas e não deve ser classificado somente como negativo, mas também como positivo, pois ele é capaz de produzir saberes, conhecimento, transformações.

A respeito do poder, Machado (1979) acrescenta que na obra de Foucault não há uma teoria geral do poder, isso porque o filósofo francês não considera o poder como algo que tenha uma natureza ou essência passíveis de serem definidas e universalizadas. Não há, portanto, algo único e global denominado poder. Por outro lado, há formas diversas, heterogêneas e em constante mutação. Em suma, o poder não é algo natural, uma coisa, mas sim uma prática social e, por isso, constituída ao historicamente.

Outro ponto a ser destacado encontra-se no fato de o poder é exercido a partir de micro instâncias em determinada sociedade, assim, “[...] a microfísica enuncia poderes plurais, dispersos, técnico-operantes, estratégicos, [...] o corpo está imerso em um campo político, sobre efeitos dos poderes, é marcado, investido e fabricado por eles” (PRADO-FILHO, 1995, p. 26.). Nesse viés, Foucault desloca a análise do poder de um foco central, do Estado e sua verticalidade coercitiva, para uma análise *genealógica* das práticas sociais nas suas pluralidades, dispersões e articulações que se apoiam nos corpos dos sujeitos (Ibid., 1995).

Sendo assim, a verdade nada mais é do que o produto discursivo dessas relações de saber-poder, isto é, os enunciados aceitos como verdadeiros (FOUCAULT, 2014a) cientificamente em determinado momento histórico. Assim, a cada momento histórico,

[...] os contemporâneos estão, portanto, tão encerrados em discursos como em aquários falsamente transparentes, e ignoram que aquários são esses e até mesmo o fato de que há um. As falsas generalidades e os discursos variam ao longo do tempo; mas a cada época eles passam por verdadeiros (VEYNE, 2008, p. 25)

A vista disso, a verdade é uma construção histórica obtida por meio dos discursos e, a cada época, seus efeitos se deslocam, produzindo alterações nos regimes de saber e poder e, conseqüentemente, nas condutas da sociedade. Nesse sentido, no entender de Foucault (2008), é fundamental compreender que a verdade não é avessa ao poder, mas produz efeitos no interior das práticas sociais, portanto,

[...] a verdade não existe fora do poder ou sem poder (não é – não obstante um mito, de que seria necessário esclarecer a história e as funções – a recompensa dos espíritos livres, o filho das longas solidões, o privilégio daqueles que souberam se libertar). A verdade é deste mundo; ela é produzida nele graças a múltiplas coerções e nele produz efeitos regulamentados de poder. Cada sociedade tem seu regime de verdade, sua “política geral” de verdade: isto é, os tipos de discurso que ela acolhe e faz funcionar como verdadeiros; os

mecanismos e as instâncias que permitem distinguir os enunciados verdadeiros dos falsos, a maneira como se sanciona uns e outros; as técnicas e os procedimentos que são valorizados para a obtenção da verdade; o estatuto daqueles que têm o encargo de dizer o que funciona como verdadeiro (Ibid., p. 12.).

Nessa perspectiva, a verdade se sustenta a partir de uma relação de poder dentro das sociedades, as quais envolvem a produção de saberes. Tais produções não são imutáveis, nem tampouco completas, o que nos mostra o caráter provisório dos regimes de verdade em circulação (MACHADO, 1979).

Nas sociedades, a chamada “economia política” da verdade possui cinco características fundamentais historicamente construídas: em primeiro lugar, a “verdade” centra-se na forma como o discurso científico se estabelece e nas instituições que o produzem; em segundo lugar, ela está ligada a um constante estímulo da economia e da política; em terceiro lugar, ela é consumida e difundida de diversas formas, seja circulando nos aparelhos de educação ou informações; em quarto lugar, ela é produzida e difundida sob certo controle de grande aparelhos políticos e econômicos que, embora não seja exclusivos, são dominantes; e, por fim, ela é objeto de debate político e de confronto social, como as chamadas lutas entre as diferentes ideologias (FOUCAULT, 2008).

Diante de tais apontamentos e frente ao nosso incômodo de pesquisa, observamos como tais características estão presentes na construção da “verdade” em torno da maternidade ao longo da história. A vista disso, as ciências tiveram e ainda possuem papel fundamental para a construção do que possa ser a maternidade. No decurso da história, a “verdade” em torno desse tema está em constante mudança. Desde a Filosofia, Sociologia, passando pela Antropologia e a Psicanálise, a depender das formulações teóricas e conclusões desses campos do saber, a “verdade” em torno da maternidade é sempre construída historicamente.

Por exemplo, Yvonne Knibiehler (2001) aponta que, na Antiguidade, não havia a palavra maternidade em grego ou em latim. Não obstante, a função materna era muito presente nos mitos e objeto de considerações relevantes por parte de médicos e filósofos. Nesse sentido, o discurso desses cientistas tinha um peso grande na sociedade e, naquela época, era predominante a ideia de que as mulheres eram inferiores do que os homens, sobretudo em razão de suas características físicas (estatura menor, musculatura menos desenvolvida, entre outras), o que influenciaria no próprio papel social a ser desenvolvido por elas. Desde Hipócrates, passando por Platão, que exerceria uma influência considerável nos pensadores da Antiguidade até os pensadores cristãos do século XVII, a mãe era vista como um ser inferior. Nesse sentido,

o regime de verdades em torno das mulheres era fortemente investido por relações de saber-poder.

Além disso, Yvonne Knibiehler (2001) também aponta que a aparição da palavra maternidade ocorreu no século XII, momento em que os clérigos buscaram um termo simétrico à palavra “paternidade” no intuito de caracterizar a função da Igreja, no mesmo momento em que o culto à Nossa Senhora se expandia. Desse modo, houve uma transformação das verdades em torno da maternidade. Naquela época, buscaram atribuir uma dimensão espiritual ao termo sem, contudo, destituí-lo do sentido carnal das filhas de Eva.

Os homens têm a palavra. Nem todos, certamente: a grande maioria cala-se. São os clérigos, homens de religião e de Igreja, que governam o escrito, transmitem os conhecimentos, comunicam ao seu tempo, e para além dos séculos, o que se deve pensar das mulheres, da Mulher (KLAPISH-ZUBER, 1990, p. 10).

Essa dicotomia permaneceu preponderante até o Antigo Regime, posteriormente deposto pelas revoluções liberais dos séculos XVII e XVIII, momento em que o Iluminismo assentou novas bases filosóficas nas quais essas noções em torno da maternidade (a espiritual e a carnal) se aproximariam para criarem o modelo da boa mãe, que segue submetida ao homem/pai e valorizada por parir seus filhos. Assim, a função de mãe absorveu a individualidade da mulher. Isto seria questionado de maneira relevante somente no século XX, com o avanço da medicina (e aqui destaca-se o desenvolvimento dos métodos contraceptivos) e a eclosão de conflitos em torno dos movimentos políticos que reivindicam direitos políticos às mulheres e põem em debate o papel da mulher/mãe na sociedade, como o feminismo.

Como dito acima, compreende-se, então, que, além das ciências, a economia e a política também exerceram papel na construção da “verdade” em torno da maternidade. Ainda, a “verdade” é difundida de diversas formas, embora seja controlada por alguns aparelhos políticos e econômicos (como a Igreja, o Estado, etc.) que impõem certos contornos dominantes. Nessa perspectiva, a verdade torna-se objeto de debate político e de confronto social, como ocorreu com o surgimento dos movimentos feministas.

Fixadas tais premissas em torno da verdade, retomamos a discussão em torno do poder, para dizer que ele é relacional, ou seja, ele é percebido na relação entre sujeitos. (FOUCAULT, 1999). Isso significa admitir que as lutas “[...] contra seu exercício não [podem] ser feitas de fora, de outro lugar, do exterior, pois nada está isento das relações de poder. Qualquer luta é sempre resistência dentro da própria rede do poder.” (MACHADO, 1979, p. XIV).

A vista disso, o poder é o construto de práticas e estratégias discursivas que recaem sobre as condutas dos sujeitos, em outras palavras: o poder não pode ser detido por alguém, mas por posições nas quais o sujeito ocupa ao enunciar determinado discurso. Conseqüentemente, o poder não é somente uma relação entre duplas de indivíduos ou entes coletivos, na verdade, ele é um modo de ação de alguns sobre outros, o que significa dizer que não há um objeto denominado “poder” que existiria de forma global, de maneira maciça ou difusa, concentrado ou esparramado (FOUCAULT, 2013b).

Assim, em síntese, Foucault (2013b) define o exercício do poder como um modo de ação sobre as ações dos outros, ou seja, o governo dos homens uns pelos outros. Fixada tal definição, outro ponto a ser destacado encontra-se na assertiva de que o poder só pode ser exercido sobre sujeitos livres, isto é, sujeitos individuais ou coletivos que possuem várias possibilidades nas quais diversas condutas, diversas reações e diversos modos de comportamento são possíveis de vir à tona (FOUCAULT, 2013b).

Nesse sentido, Foucault (2013b) dá o exemplo da escravidão que constitui uma relação na qual as determinações estão saturadas, o que faz com que o poder não se manifesta neste contexto. Na escravidão, o homem encontra-se acorrentado, sendo, portanto, uma relação física de coação. Somente quando houver possibilidade de o indivíduo deslocar-se e, por consequência, escapar, haverá uma relação de poder; dessa forma, a liberdade emerge como condição de existência do próprio poder.

Ao considerar o poder como “modo de ação de alguns sobre outros”, entende-se, também, que sua realidade é da ordem da guerra, da disputa. De acordo com Machado (1979, p. XV), “[ele] é luta, afrontamento, relação de força, situação estratégica, não é um lugar que se ocupa, nem um objeto, que se possui. Ele se exerce, se disputa. e não é uma relação unívoca, unilateral; nessa disputa ou se ganha, ou se perde.”.

Nesse sentido, para que haja uma análise das relações de poder de determinada sociedade, Prado-Filho (2017, p. 322), ressalta que se faz necessário delimitar alguns pontos:

- o sistema das diferenciações – diferenciações jurídicas, econômicas, sociais, étnicas, linguísticas, culturais, de habilidades e competência, que permitem agir sobre a ação de outros;
- o tipo de objetivos perseguidos por aqueles que agem sobre a ação de outros;
- as modalidades instrumentais, relativas às formas como o poder é exercido, seus modos de operação, suas regras, seus arquivos, articulações, instrumentos e mecanismos aplicados, suas formas de controle, de vigilância;
- formas de institucionalização – seus suportes institucionais, regulamentos, estrutura hierárquica – sua organização estratégica – e suas relações com dispositivos e aparelhos diversos;

- os graus de racionalização indicando o nível de elaboração e complexidade da tecnologia de poder empregada, expondo as racionalidades específicas que sustentam suas práticas.

Sendo assim, no que se refere ao tema desta pesquisa, é possível perceber que há uma disputa em torno de discursos que caracterizam certas formas de ser mãe na contemporaneidade, as quais são regidas por relações de poder, além de permear as transformações dos campos de saber que estão articulados a essa questão. Ao considerar que o poder incide sobre os sujeitos, produzindo saberes e regimes de verdade, compreende-se que o poder está fortemente relacionado à vida da sociedade, bem como à sua forma de conduta, uma “biopolítica” (FOUCAULT, 2018).¹³ Dessa maneira, prosseguiremos esta reflexão teórica detalhando a maneira com a qual Michel Foucault entende a produção das subjetividades, relacionando-as às técnicas de governamentalidade e de poder sobre a vida.

2.3 O cuidado e a produção de subjetividade(s)

Diante da reflexão feita até o momento e relacionando-a a problemática desta pesquisa, pode-se perceber que os corpos das mães sofrem incessantemente alguns investimentos de governo/controlado como parte de estratégias para garantir a manutenção da sociedade, uma vez que, por meio da gestação, novas vidas são geradas. Nesse viés, durante todo o fio da história, existiram - e ainda existem - formas de regular e normalizar algumas práticas relacionadas à maternidade e seus cuidados com a prole. Não obstante, é válido destacar que as técnicas de governo, isto é, a governamentalidade, possuem uma importante definição na ótica foucaultiana: diz respeito ao controle que se exerce sobre si mesmo e sobre os outros, o que inclui o controle sobre o corpo, a alma e a maneira de agir. Trata-se de um comércio em que há trocas e um processo circular de um indivíduo a outro. Ainda, o filósofo francês destaca que o que se governa são sempre pessoas, indivíduos ou coletividades e, nunca, Estados ou estruturas políticas (FOUCAULT, 2008b).

Sendo assim, para Foucault, as técnicas de governo incidem diretamente sobre os corpos humanos. De tal forma, práticas de objetivação e de subjetivação são responsáveis por produzir subjetividades nos sujeitos (PRADO-FILHO, 2019). Consequentemente, as técnicas de poder sejam elas de quaisquer instituições são responsáveis por produzir subjetividades no tecido social. Assim,

¹³ Discutiremos este conceito com mais detalhes no próximo tópico.

os sujeitos são constituídos nas práticas discursivas e não-discursivas de poder, e estes poderes se inscrevem não apenas nos seus corpos, mas também nas suas ‘almas’, ‘psiques’. Trata-se, portanto, de modos de objetivação que produzem subjetivações. Em sentido amplo, trata-se de processos de sujeição (PRADO-FILHO, 1995, p. 54).

Nesse sentido, o poder a sobre a vida pode ser exercido de duas maneiras interligadas: pela disciplinarização dos corpos e pela condução dos processos de governo da população e da vida – a partir de uma biopolítica, do exercício do biopoder (FOUCAULT, 2018). Na esteira disso,

[as] disciplinas produzem não apenas corpos, mas também subjetividades; não somente corpos serializados, mas, ainda, individualizados e devidamente identificados. A sociedade moderna é uma sociedade formada por indivíduos e a individualidade é uma forma de existência moderna, correlativa do moderno estatuto do indivíduo, que desenha esta figura, enuncia seus privilégios e regula limites ao exercício da individualidade. Ser sujeito moderno implica existir concretamente como indivíduo, o que quer dizer que a objetivação de sujeitos em nossa cultura se faz a partir da aplicação de técnicas de individualização (PRADO-FILHO, 2017, p. 316).

Ao pensar essa disciplinarização dos corpos para a modernidade, este poder não atua do exterior, mas sim trabalha nos corpos dos indivíduos, manipulando seus elementos e produzindo seus comportamentos e, ao final, fabrica o tipo de indivíduo necessário ao funcionamento e manutenção da sociedade industrial capitalista (MACHADO, 1979). Igualmente, essa disciplinarização dos corpos das mulheres funciona para a produção do tipo de mãe que se encaixe no modelo de sociedade vigente em determinada época, impondo comportamentos e práticas tidos como aceitos.

Tal poder, então, se configura como uma organização espacial que distribui os indivíduos de maneira hierarquizada e classificatória, na tentativa de fazê-los desempenhar funções específicas. Dessa forma, a vigilância é sua maior característica, pois visa-se produzir sujeitos úteis e dóceis (MACHADO, 1979). Neste tipo de poder, portanto, o homem se torna efeito do poder. Assim,

[...] a ação sobre o corpo, o adestramento do gesto, a regulação do comportamento, a normalização do prazer, a interpretação do discurso com o objetivo de separar, comparar, distribuir, avaliar, hierarquizar, tudo isso faz com que apareça pela primeira vez na história esta figura singular, individualizada – o homem – como produção do poder. Mas também como objeto de saber (Ibid., p. XX).

Já no segundo modo pelo qual o poder incide sobre a vida passa pela ‘biopolítica’, isto é, aquilo que “[...] faz com que a vida e seus mecanismos entrem no domínio dos cálculos explícitos, e faz do poder-saber um agente de transformação da vida humana;” (FOUCAULT, 2018, p. 154). De acordo com Revel (2005, p. 26),

(...) o termo "biopolítica" designa a maneira pela qual o poder tende a se transformar, entre o fim do século XVIII e o começo do século XIX, a fim de governar não somente os indivíduos por meio de um certo número de procedimentos disciplinares, mas o conjunto dos viventes constituídos em população: a biopolítica - por meio dos biopoderes locais - se ocupará, portanto, da gestão da saúde, da higiene, da alimentação, da sexualidade, da natalidade etc., na medida em que elas se tornaram preocupações políticas.

Assim, os fenômenos sociais ligados aos mais diversos assuntos como a saúde, higiene, natalidade, relações étnico-raciais, de gênero, sexualidade, entre outros, todos os acontecimentos sociais demandariam a criação de técnicas de gerenciamento e controle da população.

A partir daí, nascem novas técnicas e táticas de governamentalidade que permitirão o direcionamento da população para certas atividades: a “população aparecerá com sujeito de necessidades, de aspirações, mas também como objeto entre as mãos do governo, consciente diante do governo, do que ela quer, e inconsciente, também, do que lhe fazem fazer” (FOUCAULT, 2006, p. 302).

A partir dos apontamentos feitos por Foucault, observa-se que as técnicas de governamentalidade e o governo da vida também exercem poder sobre os corpos das mulheres e das mães, uma vez que são alvos de constantes investimentos de controle em diferentes esferas da sociedade.

Nessa linha de pensamento, a biopolítica interfere fortemente na maneira pela qual a maternidade e suas diversas práticas produzem os sujeitos mães na contemporaneidade. Sendo assim, os atravessamentos dos campos políticos, econômicos e religiosos se constituem como bases de regimes discursivos que englobam a medicina e outros campos de saber-poder, os quais agenciam a produção de subjetividades maternas. Desse modo, o poder que incide nos corpos maternos age diretamente na gestão da vida da população e, portanto, caracteriza-se como uma técnica de controle de si, isto é, o governo de si a partir de representações que indicam a maneira que o corpo deve (ou não deve) ser. (GREGOLIN, 2007).

Conseqüentemente, a regulamentação da vida por meio da biopolítica é capaz de materializar o poder que engendra os corpos das mães, afinal, governar os corpos capazes de

perpetuar a população, fazendo-os terem mais saúde e longevidade favorece a manutenção das engrenagens econômicas presentes na sociedade (FOUCAULT, 2018), além de produzir formas de subjetivação dessas mulheres para consigo mesmas. Nesse viés, o corpo materno é alvo de inúmeros investimentos de poder, os quais sempre estão articulados por normas e valores científicos, morais, éticos e estéticos.

Para além dessas formas de subjetivação, Foucault (2018) considera que há uma dimensão ética/estética nas formas em que o sujeito se transforma. Candiotto (2008) ressalta que o fio condutor da articulação entre subjetividade e verdade é o cuidado de si. Assim, a relação de si para consigo, isto é, o “conjunto das experiências e das técnicas que o sujeito elabora e que o ajuda a transformar-se a si mesmo” (Ibid., p. 33.) - o cuidado de si – se faz a partir do reconhecimento do sujeito frente às determinações históricas e sociais, ou seja, pela exterioridade (FERNANDES, 2012). Sendo assim,

[...] esse cuidado constitui-se de regras voltadas para a condução da própria conduta, as quais se manifestam como discursos carregados de preceitos de moral, em princípio, exteriores aos sujeitos, mas que devem constituí-los por meio da produção da subjetividade. É um processo de condução do sujeito que, sob diferentes formas, é exercido desde antes de Cristo até a atualidade (Ibid., p. 79).

Todavia, faz-se importante destacar que essas relações do sujeito consigo não são autocentradas, mas são percebidas diante de contextos exteriores ao próprio sujeito, sob a forma de micropoderes. Isto é, práticas discursivas que estão na confluência de regimes discursivos e jogos de verdade (PRADO-FILHO, 2019). A vista disso, o cuidado de si “implica interrelações com o exterior, quer seja via movimentos corporais, quer seja por meio da linguagem, que levam o sujeito a voltar-se sobre si; e também o expõe como objeto sobre o qual recaem elementos que lhes são exteriores com efeito na produção da subjetividade.” (FERNANDES, 2012, p. 81.) Portanto, o cuidado

[...] diz respeito à atitude diferente consigo, com os outros e com o mundo; indica a conversão do olhar do exterior para o próprio interior como modo de exercer a vigilância contínua do que acontece nos pensamentos; sugere ações exercidas de si para consigo mediante as quais alguém tenta modificar-se; designa maneiras de ser, formas de reflexão e de práticas que conformam o núcleo da relação entre subjetividade e verdade (CANDIOTTO, 2008, p. 91).

Sob esse prisma, o cuidado de si está fortemente ligado a um conjunto de regras e práticas pelas quais o sujeito acolhe determinadas verdades, subjetivando-se e

transformando seu ser a partir de uma ética¹⁴ de si. Segundo Foucault (2016), a relação do sujeito consigo e com os demais é transformada e estruturada a partir desse discurso verdadeiro e de seus efeitos, bem como pelas obrigações impostas por ele e pelas promessas sugeridas ou formuladas por ele. Nessa linha de pensamento, o sujeito, quando se subjetiva a partir de determinadas verdades, determina para si certas regras de conduta e, a partir daí, modifica suas singularidades e transforma sua vida em uma obra de valor estético de acordo com certos critérios e estilos (SOUZA, 2019), isto é, cria-se uma estética da subjetividade.

Frente a essa compreensão, Gregolin (2007) assevera que a subjetividade não se encontra no campo individual, mas sim em todos os processos de produção social e material. Como consequência, o sujeito moderno consome sistemas de representação e de sensibilidades, transformando-se em consumidor de subjetividades. Tais subjetividades encontram-se em circulação nas sociedades e são assumidas por indivíduos particularizados. Assim, colocam-se em circulação enunciados que regulamentam as formas de ser e agir.

Tais conceitos e apontamento teóricos nos ajudarão a compreender o processo de produção de subjetividade(s) das/pelas mães da contemporaneidade e a relação dele a um dado regime de verdades denominado “maternidade real”. Assim, entende-se que a construção discursiva em torno das/sobre as mães é um processo em que estratégias discursivas funcionam amparadas por regimes de verdade que autorizam a emergência de enunciados sobre o “ser mãe” na atualidade, como a razão neoliberal e seus imbricamentos com a política e a economia, por exemplo. Portanto, o aparato metodológico foucaultiano sobre o enunciado e as relações de poder possibilitam pensar como as práticas discursivas e não-discursivas se atualizam historicamente e produzem a subjetividade dessas e para essas mães.

Outro ponto a ser destacado reside no fato de as mídias digitais, nos tempos atuais, exercerem um papel fundamental na criação de espaços nos quais essas mães se apropriam, se discursivizam e se elaboram constantemente. Exatamente por isso, será dado especial destaque aos discursos elaborados por mães por meio dos *podcasts*, uma tecnologia surgida na contemporaneidade com o advento da internet e que propicia uma gama infinita de possibilidades quanto a produção e difusão de conteúdo.

Em suma, nesta dissertação, preocupamo-nos em investigar como as mães se objetivam e subjetivam por meio dos *podcasts*. Ou seja, como elas se constituem como objetos de que

¹⁴ Revel (2005, p. 45) acrescenta que “toda ética corresponde a determinação de uma ‘substância ética’, isto é, a maneira pela qual um indivíduo faz de si mesmo a matéria principal de sua conduta moral; da mesma maneira, ela implica necessariamente um modo de sujeição, isto é, a maneira pela qual um indivíduo se relaciona com uma regra ou com um sistema de regras e experimenta a obrigação de colocá-las em ação.”

falam, subjetivando-se neste mesmo processo. Sendo o *podcast* a materialidade dos enunciados tomados como *corpus* de análise, na próxima seção, tratamos acerca da especificidade dos *podcasts*, sua emergência e sua definição enquanto enunciado semiológico.

3 REFLEXÕES SOBRE O *PODCAST*

*“All we hear is Radio Ga Ga
Radio Blah Blah
Radio, what's new?
Radio, someone still loves you” (QUEEN, 1984)*

As mídias digitais têm contribuído para a criação de espaços nos quais os sujeitos se apropriam e se elaboram constantemente. Por meio delas, são colocados em circulação os diferentes discursos que se referem, por exemplo, à maternidade, de tal modo que essas mídias se configuram como um lugar central na elaboração, consolidação e deslocamento das subjetividades. Dessa forma, para que possamos compreender a produção de subjetividades maternas, assim como a emergência de novos regimes de verdade, propostas por esta pesquisa, faz-se fundamental compreender o *podcast* como um enunciado dotado de materialidade e espessura históricas.

Assim, explicitaremos, em um primeiro momento, a emergência dos podcasts, sua relação com o rádio e sua popularização na contemporaneidade, para, em seguida, delinear os elementos de sua função enunciativa por meio das reflexões já desenvolvidas em torno da especificidade dos enunciados em Michel Foucault.

3.1 O *podcast* e sua relação com o rádio

Em virtude da expansão e do surgimento das novas tecnologias de informação e comunicação, o século XXI tem sido marcado pela ascensão das mídias digitais propiciadas pela internet. No entender de Rezende (2007), o forte crescimento tecnológico contribuiu para a transformação do cenário da comunicação social, o que favoreceu o aparecimento de fenômenos como

a convergência dos meios, a hibridização de linguagens, declínio progressivo dos *mass-media*, o surgimento de formas individualizadas de produção, difusão e estoque de informação e a construção de um novo ambiente simbólico onde a mistura aleatória dos sentidos delinea a maneira peculiar de perceber e produzir mensagens. Todas estas mudanças nos impulsionam a repensar formas de nos relacionarmos com a informação, a comunicação e cultura (Ibid., p. 1-2),

A vista disso, para Piovezani (2008), o surgimento de novos objetos de estudo pressupõe uma adoção de novas práticas de pesquisa. Sendo assim, a popularização de aparelhos eletrônicos com conexão à internet opera uma grande mudança no modo com que a sociedade se estrutura e se organiza, sendo a virtualização exigida em diferentes segmentos da vida cotidiana (SOUZA, 2018). Conseqüentemente, essa transformação somada à “possibilidade de

comprimir arquivos digitais de áudio viabilizou a reprodução em aparelhos portáteis e impulsionou tremendamente o acesso à mídia sonora ao longo da última década.” (KISCHINHEVSKY, 2009, 227).

De uma forma geral, a partir dos anos 2000, a evolução tecnológica propiciou o desenvolvimento da tecnologia de indexação RSS¹⁵ em sites e blogs, o que fomentou o surgimento do podcast¹⁶ – em 2004, especificamente - e o distanciou do modelo de funcionamento do rádio hertziano, o qual depende de concessões estatais que sancionem sua distribuição por meio de ondas eletromagnéticas que são sintonizadas por antenas de aparelhos eletrônicos (PRIMO, 2005). Por ser uma tecnologia que opera pela internet, o podcast¹⁷ rompeu com as barreiras espaciais impostas pelas antenas de radiodifusão, o que permitiu aos ouvintes o consumo do conteúdo sonoro em qualquer lugar do planeta. Assim,

o podcasting desenvolveu-se à margem das emissoras AM/FM, embora estas tenham recentemente aderido à modalidade, utilizando-a para franquear acesso a conteúdos que antes se perdiam após as transmissões em broadcast. Inserido na lógica da comunicação de nicho, empreendida por novos atores sociais, o *podcasting* – quando desvinculado da radiodifusão convencional – apresenta maior diversidade potencial em termos de linguagem, temática e formatos. Mesmo assim, pelo menos até aqui, a maioria reproduz estilos de locução, formatos de programas, vinhetas e outros recursos típicos do AM/FM (KISCHINHEVSKY, 2009, p. 231).

De acordo com Primo (2005), este comportamento operado pelo podcast desencadeia novas formas de interação, tendo em vista que não há sincronia entre os processos de produção, publicação e distribuição dos arquivos sonoros. Nessa linha de pensamento, os podcasts desconstruíram a lógica síncrona de consumo de rádio, passando para uma transmissão sob demanda, a qual permite ao usuário a seleção de episódios e temas de acordo com seus próprios interesses e disponibilidade, ou seja, há uma participação ativa do ouvinte. Essa autonomia na escolha inaugura uma nova modalidade de interação atemporal com a mídia sonora, afinal, ainda de acordo com Primo (2005), essa nova forma de consumo permite que o ouvinte

¹⁵ De acordo com Primo (2005), os arquivos de texto RSS (*Real Simple Syndication*) são produzidos com linguagem XML e permitem que as publicações (sejam de áudio, vídeo ou outras) sejam captadas por *softwares* “agregadores”, os quais alertam seus usuários de que um novo conteúdo fora publicado. Essa tecnologia dispara notificações automáticas aos assinantes, que escolhem quando e onde irão consumir essas informações.

¹⁶ “Um meio veloz de distribuir sons pela internet, um neologismo que funde duas palavras: *iPod*, o tocador de arquivos digitais de áudio da Apple, e *broadcast*, que significa transmissão em inglês.” (FOSCHINI; TADDEI. 2006, p. 9)

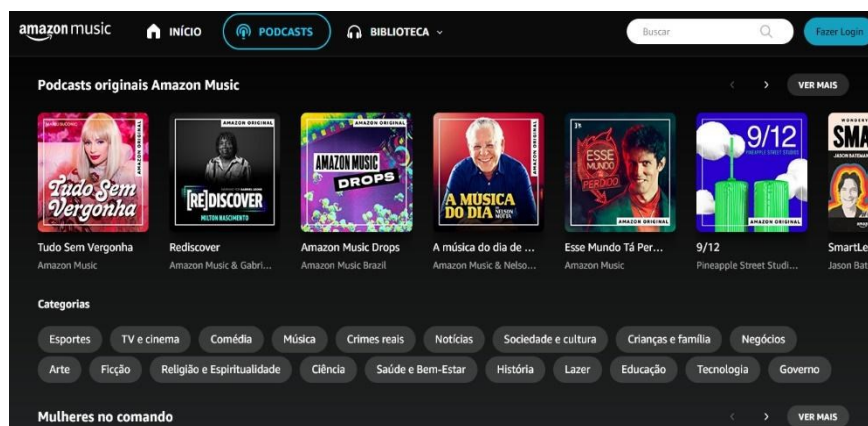
¹⁷ A respeito disso, Alex Primo (2005, p. 22, grifos do autor) faz importante ressalva: “o termo ‘**podcast**’ sofre da mesma ambiguidade que ‘programa’: pode tanto significar um produto midiático quanto ser um de seus episódios. É preciso, contudo, não confundir **podcasting** (o processo em sua totalidade) com podcast [o produto].”

selecione e carregue consigo os programas escolhidos anteriormente. Assim, o podcast rompe com a lógica passiva de consumo operada pelo rádio tradicional, isto é,

enquanto o *broadcasting* transmite o mesmo conteúdo a partir de uma central irradiadora para toda a massa, na rede o internauta deve ir buscar as informações que deseja. Essa é a diferença entre o que se convencionou chamar de tecnologias *push* (o conteúdo é “empurrado” até a audiência) e *pull* (o conteúdo é “puxado” pela audiência) (Ibid., p. 12).

Em virtude dessa incessante transformação das tecnologias e das mídias digitais, os podcasts passaram a ser também transmitidos a partir de plataformas digitais de áudios via *streaming*¹⁸. Alguns exemplos que reúnem milhares de usuários são: *Spotify*¹⁹, *Amazon Music*²⁰, *Apple Music*²¹, *Deezer*²², dentre outros. Essas plataformas²³, por serem destinadas exclusivamente para o compartilhamento de arquivos de áudio, favorecem a distribuição de podcasts pois reúnem um grande catálogo de canais com os mais diversos temas, o que facilita ainda mais o acesso e o consumo por parte do ouvinte.

Figura 1: Captura de tela da página inicial da *Amazon Music*, guia de *podcasts*.



Fonte: *Amazon Music*

A vista disso, nota-se que os podcasts têm alcançado grande audiência, justamente por essa variedade de formas de consumo e também pela autonomia conferida ao ouvinte, o qual seleciona os temas e organiza a recepção do conteúdo como lhe convém. Conseqüentemente, “ouvir um *podcast* não é como ouvir uma rádio: “o que será que está passando?”, mas é mais

¹⁸ De acordo com Primo (2005, p. 22) o streaming é caracterizado pela transmissão de dados “ao mesmo tempo em que [o arquivo] é escutado. Ou seja, não é preciso ‘baixar’ o programa em sua integralidade, antes da escuta.

¹⁹ Disponível em: <<https://open.spotify.com/>> Acesso em: 06 jan. 2022.

²⁰ Disponível em: <<https://music.amazon.com.br/>> Acesso em: 06 jan. 2022.

²¹ Disponível em: <<https://www.apple.com/br/apple-music/>> Acesso em: 06 jan. 2022.

²² Disponível em: <<https://www.deezer.com/br/>> Acesso em: 06 jan. 2022.

²³ Embora todas as plataformas ofereçam acesso ilimitado ao usuário apenas mediante pagamento de assinaturas, é possível utilizá-las com uma conta gratuita, ainda que haja algumas restrições e anúncios.

uma ferramenta criativa: “vou ouvir o que eu quero” (FRANCO, 2009, *apud* ASSIS, 2010, p. 5). Dessa forma, o consumo de podcasts se torna mais individualizado do que o rádio tradicional, o que contribui para uma fidelização do ouvinte, afinal, “não se ouve um podcast ‘por acaso’, da mesma forma como se abre um site por acaso ou lê-se uma postagem de blog de qualquer forma. O podcast é direcionado a um público, a um nicho [...]” (LUIZ, 2014, pp. 38-39).

Nesse sentido, conforme Primo (2005), torna-se possível destacar que o podcast se diferencia, em alguns aspectos, das modalidades de radiodifusão tradicional pois estabelece uma certa²⁴ democratização da mídia sonora, a partir de dois movimentos: o primeiro, como dito, reside na autonomia conferida ao ouvinte, que depende exclusivamente do acesso à internet para consumo dos podcasts. Já o segundo se sustenta a partir do seu modo de produção, isto é, a transmissão de um podcast não depende mais de concessões governamentais, como no rádio tradicional, mas do envio do arquivo gravado em formato mp3²⁵ para um servidor hospedado na rede. Em virtude dessas facilidades, o processo de criação de podcasts também se torna mais acessível à população, uma vez que não são exigidos grandes investimentos de capital e equipamentos para que eles sejam colocados online (PRIMO, 2005). Sendo assim,

Ainda que a tecnologia informática e o *know-how* necessários não estejam acessíveis a todo cidadão brasileiro, o custo é, realmente, muito inferior ao usado para montar uma emissora de rádio. Existentes as condições mínimas de acesso à Internet, a condução de entrevistas e debates com pessoas em qualquer lugar do mundo torna-se facilitada (Ibid., p. 9).

Nessa linha de pensamento, o podcast representa uma descentralização da produção sonora quando comparado ao modelo hertereziano de produção radiofônica, pois possibilita formas de expressão individual não necessariamente vinculadas às grandes organizações midiáticas. Esse movimento permite que sejam trazidos à tona diferentes temas, os quais nem sempre circulam nos grandes canais midiáticos; desse modo,

²⁴ Entendemos que, apesar de utilizarmos o termo democratização, nem toda a população tem condições de acesso à internet e aos dispositivos eletrônicos, devido às desigualdades existentes no Brasil. Dessa forma, endossamos o posicionamento de Primo (2005, p. 5) em que “o podcasting é, por enquanto, um processo midiático que exige que o ouvinte tenha um [dispositivo] conectado à internet para acesso aos programas e tenha familiaridade com o processo. Nesse sentido, o podcasting é, por enquanto, um processo midiático que não chega até as classes menos favorecidas, salvo possibilidades oferecidas por ONGs ou comunidades religiosas e de bairro, por exemplo. Em outras palavras, trata-se de uma nova forma de produção e escuta de informações sonoras e da abertura de espaços de debate apenas para aqueles que possuem acesso ao ciberespaço.”

²⁵ De acordo com Foschini & Taddei (2006, p. 16), “O MP3 é um formato para compressão de áudio que elimina as frequências de som inaudíveis ao ouvido humano [...] para permitir que os arquivos de áudio sejam leves e não ocupem muito espaço no computador. Ele permite vários fatores de compressão - bit rates - que afetam a qualidade do som e têm influência no peso (em termos de bytes) do arquivo.”

o podcasting pode ser usado como parte de estratégia de visibilidade de diversos atores sociais ou como simples desejo de expressão individual, embora o percentual que assume o papel de emissor seja francamente minoritário diante do total de ouvintes. apesar das ressalvas, entende-se aqui que há uma reorientação da própria lógica da indústria, num cenário cada vez mais complexo e fragmentário (KISCHINHEVSKY, 2017, p. 70).

Nesse sentido, é possível notar que os podcasts rompem com algumas características do rádio tradicional, sobretudo no que tange o modo de produção – descentralizado, a partir de nichos culturais – e ao processo de distribuição do conteúdo, o qual, neste caso, dá-se sob demanda. No entanto, os podcasts não raro se apropriam de outros traços do rádio convencional, como o formato de suas gravações, a forma de edição de conteúdos e de publicação do material sonoro. Faz-se fundamental destacar que esta nova modalidade midiática não pretende suplantiar o rádio tradicional, contudo, essas duas formas de comunicação sonora coexistirão e sofrerão interferência mútua (REZENDE, 2007). Em outras palavras,

o *Podcast* reconfigura os modos de produção e distribuição de conteúdo sonoro, sendo uma alternativa para a multiplicidade da expressão cultural, porém, suas características permitem que haja a co-existência entre os dois meios e até a hibridização de suas linguagens e códigos, levando-nos a pensar na reinvenção da comunicação sonora (Ibid., p. 11).

A vista disso, cabe-nos analisar essa modalidade de compartilhamento de conteúdo sonoro sob o enfoque discursivo, tensionando sua emergência a partir das relações com a história e seus efeitos de sentido, os quais produzem e põem em circulação outros dizeres, para que se possa observar as formas com que os sujeitos – e, neste trabalho, especificamente, as mães – apropriam-se desses discursos para subjetivar suas condutas e práticas.

3.2 A semiologia do *podcast*

Como explicitado nos capítulos anteriores, é por meio dos discursos que as relações humanas são agenciadas e consolidadas, ao passo que os enunciados são a superfície material em que esses discursos podem ser apreendidos em sua especificidade. A partir disso, pensar o *podcast* implica entendê-lo como uma materialidade dotada de uma função enunciativa, suas condições de possibilidade, seu funcionamento na história.

A vista disso, é possível relacionar o funcionamento dos *podcasts* como redes enunciativas que fazem circular discursos que produzem e ressignificam os sujeitos em determinado momento da história. Dessa maneira, os *podcasts* colocam em funcionamento uma série de discursos, práticas e comportamentos, isto é, de uma maneira ampla, o discurso da

mídia, “surge nas práticas discursivas da mídia com valor de acontecimento e aponta o modo como a nossa sociedade se relaciona como ela mesma.” (NAVARRO, 2008, p. 96).

Ao tomar os *podcasts* como uma das formas possíveis de realização dos enunciados midiáticos, reflete-se que, assim como os discursos da mídia, eles não apenas trazem à tona questões identitárias ou põem luz sobre temas polêmicos, mas são mecanismos discursivos que sinalizam uma memória e propiciam a produção de novas discursividades, a partir de um processo incessante de repetição discursiva (MARCELLO, 2005). Portanto, “rememoração e esquecimento fazem derivar do passado a interpretação contemporânea, pois determinadas figuras estão constantemente sendo recolocadas em circulação e permitem os movimentos interpretativos, as retomadas de sentidos e seus deslocamentos.” (GREGOLIN, 2007, p. 16)

Nessa linha de pensamento,

Os efeitos sociais do podcasting podem ganhar força através da interconexão sistêmica de pequenas redes. [...] A dispersão e a capilaridade dessa interação horizontalizada na Internet favorecem a propagação de informações, amplificando o debate no que toca ao seu alcance e ao conteúdo (por vezes acrescentando novos elementos ou mesmo suprimindo outros). Ou seja, esse efeito de rede — semelhante à “boca a boca” na interação presencial — surge à medida que nós de uma certa rede participam de outras redes. Quando levam informações de uma rede a outra, links entre esses grupos menores se estabelecem. Essa interconexão de subsistemas pode produzir grandes efeitos sociais, sem que haja controle ou orquestração do Estado ou da grande mídia. (PRIMO, 2005, p. 10)

Em vista disso, vale ressaltar que, em uma orientação discursiva, os enunciados circunscritos em determinada formação discursiva transitam entre outras formações, além de manter relações dentro de seu próprio domínio, explicitando sua inserção em um campo associado (FOUCAULT, 2014a). Ainda, a repetição e circulação dos enunciados deslocam e produzem efeitos de sentido múltiplos, os quais explicitam uma memória discursiva regida um sistema que autoriza (ou não) que determinado enunciado circule naquele momento histórico. Assim,

o campo enunciativo comporta, enfim, aquilo que se poderia chamar um domínio de memória (trata-se dos enunciados que já não são nem admitidos nem discutidos, que já não definem, por conseguinte, nem um corpo de verdades nem um domínio de validade, mas a respeito dos quais se estabelecem relações de filiação, de gênese, de transformação, de continuidade e de descontinuidade histórica (FOUCAULT, 2014a, p.97).

Sendo assim, tomar os podcasts como forma de apreensão de discursos que estão assentados sob uma memória do dizer, a qual produz efeitos no fio da história, além de servir

como uma forma de delinear os contornos dos corpos, seja daqueles que se colocam à frente dos microfones quanto dos que consomem o conteúdo gravado. Nesse viés, guardadas as devidas proporções, o trabalho de Navarro (2011, p. 2) sobre o discurso fílmico pode servir como forma para compreender, também, os podcasts, pois eles também introduzem no fio do discurso

‘uma população de mortos’ (passado, personagens e acontecimentos históricos, entre outros) e redistribuir o espaço das referências simbólicas, possibilita à sociedade situar-se a partir desse passado historicizado. Com isso, [...] visa ao leitor vivo, impondo-lhe um querer, um saber e uma lição.

É possível afirmar que os podcasts possuem um duplo funcionamento discursivo: são materialidades significantes em que se inscrevem a história e a memória de saberes, ao mesmo tempo em que são espaços e ferramentas que permitem aos usuários produzir e colocar em circulação discursos que constituem o que é ser uma mãe na atualidade, por exemplo. Assim, os podcasts permitem aos seus usuários pensarem sobre si mesmos a partir da repetição, bem como do deslocamento, do tensionamento, e da circulação desses dizeres.

Não obstante, assevera-se que os podcasts, ao serem tomados como materialidades semiológicas, são guiados por condições específicas de possibilidades as quais também respondem a uma dada ordem discursiva, em que os sujeitos não podem dizer qualquer coisa, a qualquer momento e/ou em qualquer lugar (FOUCAULT, 2014a). Consequentemente, evidencia-se a existência de relações de poder-saber que engendram o funcionamento dessa mídia, como questões de cunho político, tecnológico e social.

Na esteira disso, Souza (2018) argumenta que essas manifestações culturais propiciadas pelos podcasts - cuja audiência se faz cada vez maior e mais segmentada - estão fortemente associadas à interdição de grande parte desses dizeres-outros pelos *mass media*, guiados por uma vontade de verdade numa espécie de jogo entre a resistência e o exercício do poder. Entretanto, no entender de Primo (2005, p. 6),

[...] o discurso da grande mídia ganha eco na voz de *podcasters*. Logo, o ideal romântico que supõe que o discurso do internauta é absolutamente autônomo e inequívoco não leva em conta as formações discursivas daqueles que publicam comentários na Internet. Tal visão idealizada de um *podcaster* o retrataria como alguém bem intencionado, que tem acesso à verdade única e inquestionável. Em outras palavras, um *podcaster* amador, apesar de sua produção independente, pode reproduzir o discurso da grande mídia ou mesmo defender pontos de vista radicalmente conservadores ou mesmo preconceituosos.

Desse modo, se “não há enunciado que não suponha outros; não há nenhum que não tenha em seu redor um campo de coexistências.” (FOUCAULT, 2014a, p. 143), é necessário ter em mente que aquilo que é falado em determinado *podcast* não é único, exclusivo e originário daquele canal, mas se relaciona com uma infinidade de outros dizeres dispersos na sociedade. Assim, aquilo que é dito nos *podcasts* deve ser pensado como um fio condutor que pode evidenciar uma rede ainda mais complexa de dizeres. Isto é, “trata-se de pensar o enunciado em relação ao arquivo” (NAVARRO, 2008, p. 66). Portanto, Foucault (2014a, p. 178) esclarece que

é antes de mais a lei do eu pode ser dito, o sistema que rege o aparecimento dos enunciados como acontecimentos singulares. Mas o arquivo também faz com que nem todas as coisas ditas se acumulem [...] também não se inscrevam numa linearidade sem ruptura, e não desapareçam simplesmente devido ao acaso de acidentes externos; mas se agrupem em figuras distintas, se componham entre si segundo relações múltiplas, se mantenham ou se dissipem segundo regularidades específicas. (...)

Sendo assim, ao retomar ou refutar um determinado *podcast*, fica nítida a tensão entre o poder e as lutas de uma sociedade, isto é, o conflito entre verdades dissonantes, o que mostra o jogo de força e desejo pela verdade arraigado na sociedade, ao mesmo tempo em que há sempre uma negociação dos sentidos que são atribuídos a essas verdades. Assim, as proposições que são aceitas como verdadeiras neste século e autorizaram a emergência deste enunciado são vinculadas ao avanço tecnológico decorrente da globalização, a uma obsolescência²⁶ do rádio hertziano e à convergência das mídias digitais. Além de estarem fortemente ligadas às questões identitárias da sociedade. Nessa linha de pensamento,

o *podcasting* atende aos anseios de organizações não-governamentais, movimentos sociais e ativistas de minorias étnicas, religiosas, sexuais etc., fornecendo condições materiais para veiculação de conteúdos políticos e culturais a custos muito mais baixos. Mas, de nenhuma forma, o novo meio fica circunscrito a este universo de militância, contemplando igualmente projetos de caráter nacionalista, separatistas, fundamentalistas, tribos urbanas, grupos de afinidade transnacional, pesquisadores, amantes de artes plásticas, entre outros atores sociais (HERSCHMANN; KISCHINHEVSKY, 2008, p. 104),

A vista disso, é possível dizer que as relações estabelecidas entre *podcasts* não são neutras, tampouco livres de efeitos de poder. Em virtude disso, o sujeito do enunciado *podcast*

²⁶ Herschmann e Kischinhevsky (2008, p. 102) confirmam que “o meio rádio – que já foi veículo privilegiado em projetos de construção de identidades nacionais esvaziou-se ao longo das últimas décadas – vive um momento de redefinição, diante da revolução trazida pela convergência tecnológica.”

não diz respeito ao *podcaster*, pois, conforme explica Sargentini (2014, p. 172), “um sujeito não se reduz a um indivíduo corpóreo, mas por outro lado deixa claro que é necessário um corpo que funcione como suporte para o sujeito.”. Sendo assim, a posição-sujeito representa um lugar vazio em que o indivíduo pode assumir diferentes lugares, (FOUCAULT, 2014a) Assim, o sujeito do enunciado “não é o mesmo de um enunciado a outro; essa função pode ser exercida por diferentes sujeitos.” (GREGOLIN, 2004, p. 27). Isso significa que pensar a posição que o sujeito ocupa em determinado enunciado não tem a ver com a origem do dizer, nem tampouco com questões de autoria (cf. Capítulo 1).

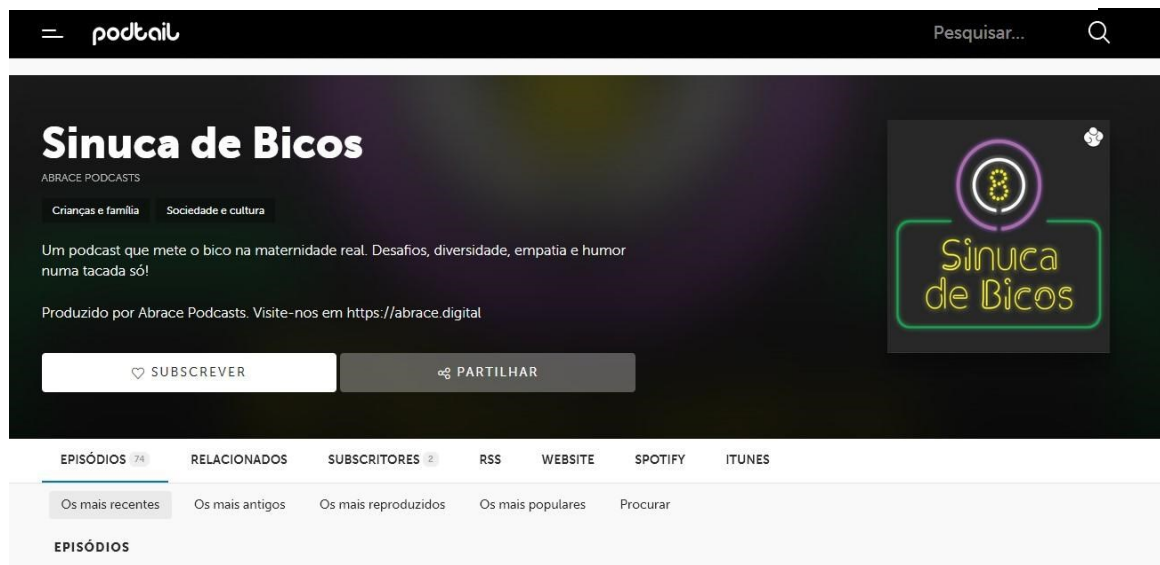
Nessa perspectiva, o enunciado podcast também congrega um referencial, isto é, o conjunto de “leis de possibilidade, de regras de existência para os objetos que aí se encontram nomeados, designados ou descritos, para as relações que aí se encontram afirmadas ou negadas”. (FOUCAULT, 2014a, p. 133). Dessa maneira, nota-se que o referencial do *podcast* é variável, na medida em que cada episódio se pode falar sobre temas distintos. Além disso, é possível notar que há uma materialidade específica que é constitutiva do podcast e o difere de outros enunciados midiáticos, definindo-o como tal. Nessa ótica, Souza (2017) retoma as reflexões de Foucault e explica que a materialidade do enunciado é uma característica imprescindível em uma análise discursiva, afinal, é preciso que ele possua uma substância, um suporte, um lugar e uma data. Portanto, apesar de haver certo número de constantes na forma e no conteúdo dos podcasts, essa existência material assegura que o enunciado seja irrepitível na ordem do discurso, ou seja, cada enunciação se torna singular.

A existência material do podcast, portanto, configura-se de uma maneira específica, afinal ele se estrutura semiologicamente, ou seja, para além da vocalização, mescla também conteúdo textual, imagético e de sonoplastia. No entender de Primo (2005, p.4), “o *podcasting* vai além da distribuição e escuta de arquivos de áudio. Esses produtos midiáticos podem também incluir imagens e links. Além disso, os podcasts estão normalmente vinculados a um blog, onde *podcasters* e outros interagentes podem debater cada episódio.” Consequentemente,

os capítulos dos *podcasts* permitem também uma experiência multimídia e hipertextual, que contrasta radicalmente com a da radiodifusão. Cada capítulo pode trazer associada uma imagem diferente. Essas imagens podem ser vistas em um software reprodutor, como *iTunes*, e em MP3 players com visor colorido como *iPod*. Cada imagem oferece o potencial de ilustrar visualmente as informações sonoras. Além disso, todo capítulo pode exibir um link para uma página na Web. [...] Assim, enquanto o programa é escutado, é possível navegar pelo site buscando novas informações. Com essas funcionalidades, o *podcasting* extrapola a simples escuta oferecendo imagens, além de capítulos e links para navegação no interior do programa e na Web (Ibid., 2005, p. 14).

Apesar de a voz ser o elemento principal da linguagem dos podcasts, de acordo com Ferrareto (2014), não se deve reduzi-lo exclusivamente a essa característica. Para o autor, existem outros elementos que devem ser levados em consideração para que a ligação entre o criador e o ouvinte seja consolidada e, nos podcasts, especificamente, há forte interferência da hipertextualidade, característica comum às mídias digitais. Nesse sentido, “o criador da mensagem precisa incorporar também ao processo de codificação os usos sociais e culturais das linguagens em cada contexto particular para obter o maior grau de eficácia comunicativa.” (BALSEBRE, 1994, *apud* FERRARETO, 2014, p. 31) É a partir desse breve panorama que, nos tópicos seguintes, delimitaremos as especificidades dos elementos dos podcasts, na tentativa de descrever seu caráter semiológico.

Figura 2: Captura de tela da página inicial do podcast “Sinuca de Bicos”



Fonte: <https://podtail.com/podcast/sinuca-de-bicos/>

3.2.1 A voz

No discurso dos podcasts, as vozes dos participantes se configuram como elemento central para apreensão de seu funcionamento discursivo. Para os estudiosos do rádio, a voz é o “veículo principal para a informação conceitual e transmissão de ideias, [além de cumprir] também uma função emocional, traduzindo sentimentos e sensações.” (CARVALHO, 2014, p. 6). Nesse viés, a voz permite circunscrever os embates entre verdades existentes na sociedade, pois, ao enunciar, o sujeito filia-se a determinados dizeres, denunciando sua localização na

ordem do discurso. Consequentemente, evidencia-se que a voz é uma manifestação política por excelência pois é por meio dela que os valores sociais são construídos (PIOVEZANI, 2014).

Tem-se a performance da voz quando cada palavra do texto verbal se conforma à plasticidade da voz, suas qualidades, seu ritmo, sua melodia, suas entonações. A voz porta-se como escolhida para aquele texto e, consequentemente, para aquele produto, engendrando valores que a linearidade da escrita oculta para uma mídia de múltiplas oralidades (SILVA, 1999, p. 73).

A vista disso, a voz e suas nuances estéticas, como timbre, entonação e dicção também estabelecem uma relação de proximidade com o ouvinte, por meio da identificação de aspectos culturais e sociais, o que favorece o reconhecimento do usuário diante ao conteúdo disponibilizado em cada podcast. Nesse sentido, para Ferrareto (2014), a combinação da voz com suas outras manifestações, dentre elas, o riso, o choro, o sussurro, por exemplo, podem compor uma estratégia ainda mais persuasiva na relação do produtor com o ouvinte.²⁷

Essa empatia e proximidade, ainda que imaginária, são estabelecidas graças à linguagem de um veículo que, como desejo demonstrar, reelabora signos de uma oralidade cuja situação comunicativa dava-se pela palavra oral, pela proximidade de corpos e intermédio da voz performática, [...] a sua linguagem apresenta características similares às desenvolvidas pelas narrativas das sociedades arcaicas (SILVA, 1999, p. 29).

Nessa perspectiva, as vozes dos participantes de podcasts funcionam como mecanismos importantes na (des)construção de subjetividades, pois o vínculo estabelecido a partir da audiência direcionada aos nichos culturais permite ao ouvinte se identificar e, assim, transformar ou reconfigurar seus valores de verdade, subjetivando sua própria existência a partir de discursos que se constituem como verdadeiros. Dessa forma,

a voz pertence simultaneamente ao corpo e ao espírito. [...] A voz permite detectar o tamanho, o peso, o porte físico, o sexo, a idade e a profissão e, frequentemente, até as orientações sexuais da pessoa que fala; e permite ainda, eventualmente, detectar a classe social, a origem étnica e por vezes o nível de educação (KARPF, 2008, *apud* PIOVEZANI, 2015, p. 6).

A voz, portanto, retoma características da cultura oral, produzindo efeitos de sentido e de verdade nos usuários de podcasts, assim como abre a possibilidade para a produção de

²⁷ Vale destacar que, em uma perspectiva discursiva de trabalho, as estratégias não dizem respeito à intencionalidade ou ao desejo do autor, por exemplo. Todavia, elas estão fortemente relacionadas ao modo com que se organiza e funciona determinado enunciado e quais efeitos de sentido podem ser apreendidos a partir disso.

subjetividades. Nos podcasts em análise neste trabalho, o tema central versa sobre a maternidade e a emergência de novas modalidades de ser mãe na sociedade contemporânea; a vista disso, as participantes falam de suas vivências enquanto mães e projetam suas vozes de diferentes modos, seja mais suave ao se referir aos filhos e/ou mais áspera para destacar as dificuldades enfrentadas, por exemplo²⁸. Isso evidencia que “a voz reflete o estado emocional do indivíduo, ansiedade, excitação, insegurança, medo [...]” (FERRARETO, 2014, p. 81). Sendo assim, dentre todas as possibilidades de uso da voz nas gravações dos podcasts, observa-se que todas revelam o jogo de poder no qual a maternidade está imersa, o que estabelece o vínculo com os ouvintes desses programas e, conseqüentemente, pode ocasionar uma transformação das condutas a partir desse processo de identificação.

Todavia, quem pode falar nos podcasts? Conforme dito, para adentrar na ordem do discurso e poder, dessa forma, utilizar a voz em podcasts, alguns requisitos devem ser atendidos. O primeiro deles está fortemente ligado ao acesso às tecnologias digitais, afinal, produzir um podcast requer investimentos financeiros para a obtenção de, no mínimo, equipamentos básicos para proceder com a gravação. Ainda, é necessária a aquisição de conhecimentos de produção e edição do material coletado (SOUZA, 2018); conseqüentemente, a voz autorizada para circular em publicações sonoras passa por esse primeiro entrave.

Para além disso, a voz dos participantes em um podcast é criteriosamente selecionada, a fim de estar em consonância com a identidade de cada programa. Nesse sentido, em grande parte dos canais, além da equipe fixa (também conhecida como *casting*)²⁹, os convidados externos devem possuir características pertinentes à proposta do podcast. No caso dos podcasts a respeito da maternidade, por exemplo, nota-se que todas as convidadas são mães, a fim de corroborar com a discussão dos temas relacionados a essa vivência, estando, assim, autorizadas a falar.

No que se refere à voz, observa-se que em todos os canais as mulheres que falam de suas experiências com a maternidade como se estivessem em um bate papo entre amigas, nesse sentido, as modulações da voz oscilam em momentos de descontração e angústias. De um modo geral, a conversa entre as mães caracteriza-se pela alternância constante de turnos de fala, de modo que as frases nem sempre são totalmente concluídas, embora existam episódios em que

²⁸ A respeito disso, Baumworcel (2005, p. 343) acrescenta que “o ritmo mais acelerado, por exemplo, na fala dos locutores dos noticiários acarreta uma certa tensão e contribui para criar um clima dramático, que chama a atenção do ouvinte para a importância do que está sendo dito.”

²⁹ Souza (2018, p. 7-8) explica que “entre os integrantes fixos encontra-se o *host*, nome dado ao apresentador principal do programa, normalmente a pessoa que está presente na maioria dos episódios (há *podcasts* que possuem mais de um *host*).”

as gravações aparentam ter sido feitas isoladamente, ou seja, sem interação presencial entre as participantes, como é o caso do canal Cadê a mãe dessa criança?. Há, também, trechos em que as participantes fazem pequenas pausas em seus relatos, as quais, em uma perspectiva discursiva, contribuem para a produção de sentidos.

A voz humana no discurso indica à imaginação das gentes e das imagens que produzimos em nossos espíritos. Trata-se de um elemento invisível que tanto nos dá a ver: é espelho, eco e avesso de nossas identidades. A voz se dá no instante, mas repercute o que fomos, o que somos e o que queremos ser. Indica, simula e dissimula a imagem daquele que fala e daquele a quem se fala. Por essas razões, a voz é signo da exterioridade e da interioridade do sujeito, pois indica feições do corpo e estados da alma implicados necessariamente na constituição e na circulação dos sentidos na sociedade. (PIOVEZANI, 2011, p. 128).

É por meio da voz e suas nuances que se estabelecem as relações de proximidade entre o conteúdo publicado e seus ouvintes, por meio da identificação de aspectos culturais e sociais. Sendo assim, ao levar em consideração que os podcasts circulam entre um público com acesso às tecnologias, as vozes em análise (re)colocam em circulação dizeres que possuem um caráter de verdades em torno da maternidade, dirigindo-se a mulheres pertencentes a um determinado nicho social, o que não exclui a possibilidade de outras mães consumirem tal conteúdo.

Os traços das vozes das participantes dos canais observados revelam que todas são jovens, com, no máximo, 35 anos de idade. Para além disso, observa-se sotaques que denunciam recortes geográficos e, conseqüentemente, econômicos. Em quase todos os podcasts, o que se nota é o vínculo com a região sudeste do país, excluindo-se apenas o podcast Sinuca de Bicos, cujas participantes residem em diferentes lugares do Brasil. Nessa ótica, o que se nota é o complexo jogo de poder no qual a maternidade e o próprio podcast estão imersos.

No entender de Piovezani (2007, p. 248-249), “alguns fatores como a entonação e o ritmo da fala expressam (...) um certo investimento volitivo e um tipo de orientação argumentativa das formulações linguísticas.” Nesse sentido, as vozes das participantes dos podcasts selecionados neste trabalho produzem efeitos de sentido que denunciam sua localização na ordem discursiva: são mães jovens, de classe média e que moram na região mais rica do país. A vista disso, as vozes que estão autorizadas a falar em podcasts que debatam temas em torno da maternidade passam por mecanismos que selecionam quem pode ocupar essa posição.

3.2.2 *A sonoplastia*

Apesar de a voz ser o elemento central na estruturação de um podcast, a sonoplastia, isto é, os efeitos sonoros, a trilha sonora e o silêncio, não se fazem menos importantes (FERRARETO, 2014). De uma maneira geral, a utilização desses recursos visa construir imagens sensoriais a partir de uma articulação do som à sua fonte produtora. Assim, é por meio da junção desses elementos que se torna possível a emergência de novos sentidos, assim como abre ainda mais as possibilidades de interpretação do conteúdo publicado.

Portanto, a linguagem radiofônica não é exclusivamente verbal-oral. Assim como a palavra escrita, músicas, efeitos sonoros, silêncio e ruídos são incorporados em uma sintaxe singular ao próprio rádio, adquirindo nova especificidade, ou seja, estes elementos perdem sua unidade conceitual à medida que são combinados entre si a fim de compor uma obra essencialmente sonora com o "poder" de sugerir imagens auditivas ao imaginário do ouvinte (BARBOSA, 1999, p. 52).

De uma maneira geral, os efeitos sonoros de um programa consistem em elementos que auxiliam a ambientação de uma determinada narrativa, assim, a linguagem sonora adquire uma significação ainda mais potente. Entretanto, deve-se ter em mente que esses efeitos vão além da criação de imagens mentais como os ruídos urbanos e os sons de animais, por exemplo, mas introduzem aspectos relacionados à atmosfera, isto é, a tonalidade psicológica, de alegria, tristeza e/ou mistério (BALSEBRE, 2005).

O efeito sonoro tem quatro funções: ambiental, expressiva, narrativa e ornamental. A função narrativa se desenvolve quando o efeito sonoro produz o nexo entre duas cenas da narração. Por exemplo, doze badaladas representando a noite e o canto do galo e dos pássaros, o dia. Assim se produz uma mudança de tempo narrativo sem necessidade de palavras. A função ornamental é mais estética, dá harmonia ao conjunto e fortalece o envolvimento afetivo do ouvinte e sua produção de imagens auditivas (BALSEBRE, 2005, p. 334).

Nessa linha de pensamento, os elementos sonoros dos programas, tal qual as palavras oralizadas, fortalecem o processo de produção de subjetividades em seus ouvintes. De acordo com Bruck (2011, p. 25), por meio da sonoplastia, é possível “produzir imagens mentais que fazem dele [o ouvinte] co-realizar, de modo intenso e profundo, os sentidos. Imaginário, representação, sensorialidade articulam-se em uma operação de marcação fortemente subjetiva.” (BRUCK, 2011, p. 25). Nesse sentido, a sonoplastia pode acionar um domínio da memória que permite ao ouvinte (re)atualizar os efeitos de sentido a respeito de determinado

tema. Assim, “os discursos fazem circular formulações anteriores, já enunciadas, produzindo um efeito de memória na atualidade de um acontecimento.” (SARGENTINI, 2010, p. 98).

Além disso, a trilha sonora empregada nos conteúdos radiofônicos e nos *podcasts* também são capazes de produzir sensações afetivas com o ouvinte. Assim, a música pode ser utilizada de diferentes formas, a depender do objetivo traçado por seu produtor. De acordo com Balsebre (2005), música é uma das formas da linguagem da emoção, assim, quando adicionada ao conteúdo radiofônico, a música é dotada de informações estéticas que geram relações de afeto e harmonia com os ouvintes.

A música radiofônica tem duas funções estéticas básicas: expressiva, quando o movimento afetivo da música cria “clima” emocional e “atmosfera” sonora, e descritiva, quando o movimento espacial que denota a música descreve uma paisagem, a cena de ação de um relato. A música é a imagem no rádio. (BALSEBRE, 2005, p. 333)

No entender de Barbosa (1999), a adição de elementos sonoros nunca é acidental, pelo contrário, é pensada como estratégia para criar uma conexão complexa entre o ouvinte e o conteúdo narrado. Por sua vez, ao tomar o podcast como discurso, salienta-se também a não neutralidade do dizer, afinal, a seleção de palavras, perguntas aos participantes, trechos musicais e efeitos sonoros não é feita de modo aleatório, mas segue critérios próprios a um dado ordenamento (BAUMWORCEL, 2005).

Como explicita Barbosa (1999), os elementos sonoros podem exercer diferentes finalidades: “funciona como pano de fundo, como pausa para reflexão, como pontuação entre ideias ou como valorização para elevar o impacto emocional ou evocar emoções.” (Ibid., p. 37). Portanto, a combinação de elementos

aguça a imaginação e constrói um vínculo entre a audiência e o real e também entre os próprios ouvintes. A audiência passa a partilhar uma série de bens simbólicos que ajudam na construção do *self*, proporcionando mecanismos de identificação de toda ordem (inserção social, gênero, etnicidade) (KISCHINHEVSKY, 2009, p. 225).

Na esteira disso, é possível observar que esses elementos funcionam de maneira metafórica, adentrando sutilmente na individualidade que quem ouve, o que pode transformar os discursos tomados como verdadeiros para cada indivíduo. Tendo isso em mente, em uma perspectiva discursiva, o processo de subjetivação é um

processo por meio do qual os indivíduos são confrontados com um jogo de saberes que lhes afeta, uma rede de poderes que permite que esses saberes sejam construídos, validados, disseminados e que exerce coerção para que eles sejam assumidos. diante desse confronto, o indivíduo faz uma construção própria e singular do seu modo de vida, entrando na teia discursiva ou escapando dela, conforme suas necessidades e dentro do limite de mobilidade que a própria teia possibilita (NAVARRO; BAZZA, 2017, p. 151).

Outro elemento bastante interessante a ser observado no funcionamento dos podcasts é o silêncio. Ainda que para muitos a ausência de sons possa se configurar como uma falha nas produções sonoras, o silêncio “quando contextualizado dentro de uma estrutura sintática, tem a possibilidade de adquirir significados que, por sua vez, podem realçar a importância da continuidade sonora, ou podem atuar como um signo, ou seja, representar um mistério, uma dúvida, a morte, a expectativa.” (SILVA, 1999, p.54)

Nessa ótica, o silêncio “potencializa a expressão, a dramaticidade e a polissemia da mensagem radiofônica, delimita núcleos narrativos e psicológicos e serve como elemento de distância e reflexão.” (BALSEBRE, 2010, *apud* FERRARETO, 2014, p. 35). A vista disso, o silêncio produz efeitos de sentido assim como a utilização da voz e/ou dos recursos sonoros já citados, dessa maneira, a ausência de sons pode desencadear reações distintas em cada ouvinte, além de evidenciar que o próprio silêncio é capaz de produzir significações³⁰ (ORLANDI, 2007).

Para além disso, a sonoplastia que integra os episódios analisados é composta por vinhetas, reproduzidas apenas na introdução de cada gravação. Essas vinhetas, em sua maioria, contam com melodias instrumentais (pianos e guitarras), mesclando sons tipicamente infantis, como choros, grunhidos e risadas de bebês, por exemplo. Pode-se notar, ainda, que não há efeitos de transição entre uma fala e outra, assim como não há inserção de trilhas sonoras ao longo dos episódios, com exceção do canal Mãe de primeira, cuja gravação é realizada com uma trilha sonora de músicas infantis ao fundo.

Ao entender que os recursos sonoros são capazes de acionar domínios de memória que que permite ao ouvinte (re)atualizar os efeitos de sentido a respeito de determinado tema, observa-se que nos podcasts sobre a maternidade a forte incidência de choros e risadas de crianças produz imagens que atrelam à mãe o papel central na criação de seus filhos (Sinuca de bicos; Mãe de primeira; Carreira e maternidade; Cadê a mãe dessa criança?). Para além disso,

³⁰ Orlandi (1999, p. 83) salienta que o silêncio pode funcionar de formas distintas. A primeira delas se refere ao silêncio fundador, o qual revela a iminência de um sentido e “indica que o sentido pode sempre ser outro”. Além disso, há o silêncio constitutivo, que explicita o apagamento de outros dizeres no fio do discurso e, por fim, o silêncio local, isto é, formas nas quais a censura se instala e faz com que nem tudo possa ser dito em determinada conjuntura.

o emprego de melodias instrumentais de guitarras, como é o caso dos canais Sinuca de bicos e Clube das mães cansadas, produz uma atmosfera caótica na qual a sobreposição de sons aponta para questões que associam a maternidade às dificuldades, criando-se uma imagem de que ser mãe é *punk*/radical. Assim, é possível entender que o funcionamento dos podcasts incide na (re)produção das subjetividades contemporâneas, e a articulação dos componentes sonoros corrobora ainda mais com esse processo.

3.2.3 O texto

Conforme explicitado, a voz se configura como elemento primordial em quaisquer produções sonoras. Entretanto, antes de iniciar a audição de um conteúdo, o ouvinte se depara com a interface visual dos *podcasts*, o que inclui, além de imagens³¹, pequenas sinopses. Nesse sentido, os textos que compõem a descrição dos canais e seus episódios fazem parte da experiência de consumo do usuário, o que agrega significação ao conteúdo sonoro (REZENDE, 2007).

Figura 3: Captura de tela da página inicial do *podcast* “Mães pela graça”



Fonte: *Spotify*

³¹ Desenvolveremos essa questão na subseção seguinte.

A respeito disso, cumpre ressaltar que, diferentemente do rádio tradicional em que o conteúdo é exclusivamente sonoro, os podcasts reúnem recursos comuns às mídias digitais, o que “extrapola a simples escuta oferecendo imagens, além de capítulos e *links* para navegação no interior do programa e na Web.” (PRIMO, 2005, p. 14) Dessa forma, os podcasts reúnem diversas linguagens, o que evidencia seu caráter semiológico e hipertextual³². Na esteira disso:

O podcast não é um texto em si, mas a narrativa textual faz parte de sua construção. Além disso, o podcast por estar inserido na internet possui informações e links relacionados nas páginas estáticas da internet. Outra realidade da hipertextualidade do podcast são as diversas referências que esse pode fazer. Tudo isso, sem considerar alguns aspectos tecnológicos que permitem a inserção de links, textos e imagens no próprio arquivo de áudio, sem que isso o transforme em vídeo (ASSIS, 2011, p. 98)

Para além disso, os textos que podem compor o roteiro de *podcasts* se orientam para uma organização que abrange diferentes linguagens (o textual, mas também o sonoplástico), pois empregam formas de oralidade em seus mais diversos funcionamentos. A vista disso, cabe ressaltar que a composição desse texto variará conforme a identidade de cada programa. (CARVALHO, 2014). Sendo assim, alguns canais terão roteiros mais elaborados, como é o caso de podcasts jornalísticos e de documentários, ao passo que, em outros, o roteiro se baseia em um esquema sobre o qual os participantes devem improvisar, como é o caso dos podcasts humorísticos, entre outros.

De uma maneira ampla, compreende-se que, nas produções sonoras “o texto escrito é um texto sonoro, por isso é necessário integrar na redação todos os recursos expressivos que conotam a referida impressão de realidade acústica, dando a mesma sensação de naturalidade e espontaneidade do discurso improvisado.” (BALSEBRE, 2005, p. 330) Em virtude disso, é possível observar em alguns roteiros, “a reatualização dos signos peculiares à oralidade e, conseqüentemente, à sua lógica, que coordena a organização dos textos orais a partir da justaposição de seus elementos” (SILVA, 1999, p. 29).

Para além dos elementos estritamente sonoros como a voz e a sonoplastia, o podcast conta com uma dimensão textual, pois cada canal possui um título, pequenos textos que o descrevem, assim como pequenas sinopses do conteúdo de cada publicação. Nesse viés, nos canais em análise, nota-se que há uma tentativa de direcionar as(os) ouvintes para outras páginas virtuais, sobretudo para as páginas pessoais de cada participante. Assim, observa-se um

³² A respeito disso, Lévy (1999, p. 57) explica que “a tendência contemporânea à hipertextualização dos documentos pode ser definida como uma tendência à indeterminação, à mistura das funções de leitura e de escrita. [...] Tudo se dá como se o autor de um hipertexto constituísse uma matriz de textos potenciais, o papel dos navegantes sendo o de realizar alguns desses textos colocando em jogo, cada qual à sua maneira, a combinatória entre os nós. O hipertexto opera a virtualização do texto.”

duplo movimento: estreitar os laços com os usuários do canal, o que pode contribuir no processo de subjetivação dos corpos maternos, bem como engajar e gerar maior retorno financeiro para as apresentadoras dos canais.

Introdução do Podcast, hostess e nossa gestação. Um bate papo muito divertido e descontraído de mães. Mães reais, sem romantismo, mas com muito amor <3 Por elas: @gabecardoso | @robertalasnaux | @robssanto
Instagram: https://www.instagram.com/podmae_oficial (POD, MÃE, 2022, s/p)

Se você é mãe e está cansada, seja bem-vinda ao clube! No primeiro episódio do podcast Clube das Mães Cansadas, 3 mães conversam sobre a carga de trabalho na pandemia e a eterna cobrança interna para fazer mais e mais... Nos acompanhe nessa conversa e mande sua história para o e-mail: clubedasmaescansadas@gmail.com (CLUBE DAS MÃES CANSADAS, 2021, s/p).

Às vezes, a mulher toma a desafiadora decisão de pedir demissão antes do bebê nascer. Nesse episódio de Soul Mãe conversaremos sobre essa situação, os desdobramentos e os sentimentos no momento de uma decisão como essa. Link para garantir gratuitamente o E-book e o Audiolivro "OS IMPACTOS REAIS DA MATERNIDADE NO TRABALHO": <https://www.sumaiathomas.com/ebook/> (SOUL MÃE, PODCAST, 2022, s/p).

Bem-vinda ao Mãe de primeira, o primeiro podcast sobre maternidade da rádio número 1 do Brasil! Um lugar pra gente falar sobre as dores e as delícias de ser mãe de [sic] uma jeito bem humorado e, claro, com muitas dicas de amiga! Bora bater papo no Instagram @maede1a No *Youtube*, acesse e se inscreva em youtube.com/maedeprimeira (MÃE DE PRIMEIRA, 2020, s/p).

Em suma, a utilização de textos nos podcasts podem tanto apontar para a pluralidade de linguagens quanto para a dispersão nas quais determinados enunciados repousam. Contudo, em grande medida, todos esses elementos são empregados visando uma valorização do conteúdo que está sendo dito nas gravações, estabelecendo relações de sentido e propiciando o processo de subjetivação.

3.2.4 *As imagens*

Conforme dito, antes de iniciar a escuta de podcasts e localizar o conteúdo que irá consumir, o usuário também recebe uma gama de imagens e de outros elementos visuais, tanto

nas plataformas quanto em sites em que se hospedam os podcasts. Não raro, os programas contam com imagens que lhes atribui uma identidade visual e estabelecem sentidos antes mesmo do ouvinte iniciar a reprodução do conteúdo selecionado; ainda, alguns programas utilizam *hiperlinks* os quais direcionam os ouvintes para outros sites da internet. “Então, por mais que o áudio do *podcast* não necessite da visualidade – da mesma forma que o rádio o faz – pelo fato de ele ser um elemento da cibercultura, ele traz em si elementos que vão além das relações auditivas.” (ASSIS, 2011, p. 100)

Assim, observar as imagens significa compreender a natureza semiológica dos enunciados em sua espessura histórica, bem como perceber que as imagens acionam e atualizam uma memória das práticas discursivas. Para tanto, as imagens devem ser compreendidas no cruzamento da memória com suas condições de possibilidade (ZOPPI-FONTANA, 2011, p. 167).

Figura 4: Captura de tela da página inicial do *podcast* “Maternidade de guerrilha”



Fonte: *Spotify*.

Nessa linha de pensamento, as imagens largamente utilizadas como capas dos podcasts podem ser analisadas como elementos dotados de uma intericonicidade, isto é, há uma ligação entre tais figuras com outras, assim, afirma-se que “não existe imagem que não nos faça ressurgir outras imagens, tenham elas sido outrora vistas ou simplesmente imaginadas.”

(COURTINE, 2013, p. 43) Portanto, assim como há um feixe de discursos que constituem determinado objeto, há, igualmente, uma rede discursiva que associa uma imagem a outra, situando-as na ordem do discurso. Nesse viés, as imagens repetem outras imagens a partir de uma memória coletiva que as congrega. (COURTINE, 2013). Para além disso, “se as imagens, [...] também tem um alhures, se elas também significam pela ausência, pelo que não é visível – e isto a gente só pode apreender pelo funcionamento da história, das imagens nas suas condições de produção em relação a uma memória que não é universal (ZOPPI-FONTANA, 2011, p. 172).

Além disso, uma das particularidades que atribuem ao podcast sua especificidade semiológica diz respeito à utilização de imagens como capas e maneiras de atribuir uma identidade visual a cada canal. De um modo geral, as imagens utilizadas como capas dos *podcasts* podem ser analisadas como elementos dotados de uma intericonicidade, isto é, há uma ligação entre tais figuras com outras, revelando sua relação com a história e com os sentidos. Nas capas dos podcasts analisados (apresentadas abaixo), observa-se a recorrência da utilização de figuras e textos que se relacionam com o universo da maternidade e do conteúdo sonoro/virtual; ainda, nota-se que a utilização de fotografias de mulheres como parte integrante dessas capas é escassa, estando limitada a apenas três canais. Com relação à utilização de textos como imagens, Curcino (2011, p. 187) acrescenta que

O texto, hoje, é produzido e apropriado tendo em vista a dimensão plástica tanto das letras quanto de sua construção composicional, a partir da qual o leitor é capaz de prenunciar o gênero discursivo a que pertence o texto, antes mesmo de ter acesso, pela decodificação da linguagem, ao seu conteúdo.

Além da recorrência de artes gráficas como capas dos *podcasts*, a identidade visual dos canais destacados na figura 5 utiliza cores que remetem ao universo infantil, cujas cores (azul e rosa) atribuem sentidos atrelados à dicotomia menino-menina, em que a cor rosa estaria condicionada ao feminino e a azul ao masculino, rememorando uma série de práticas em torno da maternidade³³. Na capa do *podcast* Mãe de primeira, observa-se um coração em tons de rosa com uma espécie de medalha em azul, já no podcast Carreira e maternidade, nota-se que a palavra carreira é destacada em azul e maternidade em rosa. Nesse viés, a rede de memórias associadas a essas cores produz efeitos de sentido que rememoram discursos em torno das questões de gênero, como a competitividade masculina (Mãe de primeira) e o mercado de

³³ Como exemplo desse discurso arraigado em nossa sociedade, em um vídeo que viralizou nas redes sociais, a então Ministra da mulher, Damares Alves, afirmou que “meninas vestem rosa e meninos azul”. Ver mais em: <<https://oglobo.globo.com/brasil/menino-veste-azul-menina-veste-rosa-diz-damares-alves-em-video-23343024>> Acesso em 02 de set. 2022.

trabalho (Carreira e maternidade). Além disso, na segunda capa há uma mulher sentada em uma posição que parece tentar equilibrar dois pesos, a maleta de trabalho, de um lado, e a mamadeira de outro, mais uma vez salientando a ideia de que ser mãe é equilibrar-se constantemente.

Figura 5: Capas dos podcasts "Mãe de Primeira" e "Carreira e maternidade"



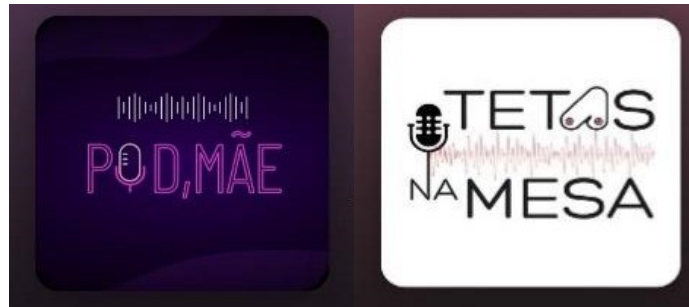
Fonte: Spotify.

Para Sargentini (2015, p.150) “ler a imagem é ler o discurso; ler o discurso na sua historicidade.” Nesse viés, analisar imagens significa compreender a natureza semiológica dos enunciados em sua historicidade, bem como perceber que as imagens acionam e atualizam uma memória das práticas discursivas. Assim,

(...) esse processo de transcodagem no qual as letras, as palavras, as frases ganham, então uma dimensão plástica, promove uma conjunção semiológica, que não apenas define uma hierarquia tipográfica (distinguindo, por exemplo, título de subtítulo), mas produz efeitos de sentido, sobretudo em domínios nos quais as implicações ideológicas de determinadas cores e de determinadas formas acionam uma memória. A informação cromática e seu apelo simbólico, portanto, participam da composição semiológica, e da construção dos efeitos de sentido. (CURCINO, 2011, p. 188).

Para além disso, na figura 6, a regularidade discursiva reside na utilização de elementos relacionados ao campo audiovisual, como as ondas sonoras e microfones. Com relação a estes, fica nítido o jogo imagético que se coloca: o microfone também é uma mamadeira, a qual inscreve as imagens em um domínio de práticas de cuidado com crianças e, portanto, associa-se com a maternidade. Na capa do *podcast* Tetas na mesa, há ainda a imagnetização da letra A, agora substituída por um par de seios “caídos”, o qual reforça sentidos a respeito do corpo das mães após a gestação.

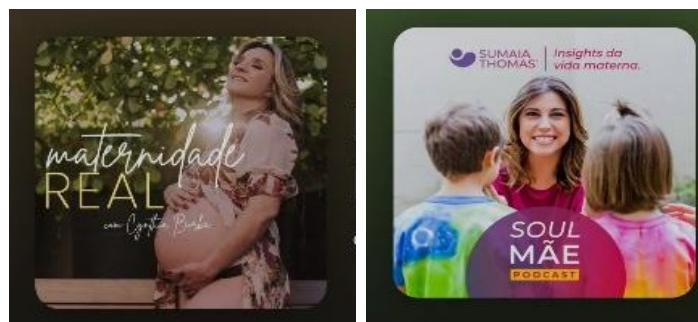
Figura 6: Capas dos podcasts "Pod, mãe" e "Tetas na mesa"



Fonte: *Spotify*

Já nos canais que utilizam fotografias na composição de suas identidades visuais, como é o caso dos podcasts *Maternidade real* e *Soul mãe* (Figura 7), observa-se que os sentidos produzidos em torno da maternidade materializam uma rede discursiva em que ser mãe está condicionado a gestar (*Maternidade real*), esse modo de vivenciar a maternidade também congrega discursos que cristalizam uma imagem de que ser mãe é possuir uma luz natural, capaz de dotar de plenitude a mulher gestante. Nesse viés, são acionados dizeres que reverberam o discurso médico e moral, como já discutido anteriormente. Em contrapartida, em *Soul mãe*, a imagem de duas crianças com cerca de 5 anos cada uma, ambas de costas para o fotógrafo, em primeiro plano, e uma mulher sorridente ao fundo, essa de frente para a câmera e quase da mesma altura das crianças, atualiza efeitos de sentido dentre os quais a maternidade estaria associada à disciplina positiva e a um certo equilíbrio entre mãe e seus filhos. Assim, “a escolha do tema, a contextualização do quadro, da foto, e a construção de um olhar por enquadramentos ordenam implicitamente as imagens em sequência, tudo isso se repete, sem que percebamos, de imediato, outras imagens.” (SARGENTINI, 2015, p. 154)

Figura 7: Capas dos *podcasts* "Maternidade real" e "Soul mãe"



Fonte: *Spotify*

A vista disso, tomar as imagens como parte dos elementos produtores de sentidos em canais de podcast, entende-se que esses enunciados colocam em funcionamento uma série de discursos, práticas e comportamentos. Sendo assim, os discursos em *podcasts* funcionam como

redes enunciativas que fazem circular discursos que produzem e ressignificam os sujeitos em determinado momento da história. Dessa maneira, observá-lo de maneira semiológica implica considerar suas especificidades como entidades produtoras de sentidos que, ao serem articuladas simultaneamente são capazes de apontar relações de poder sobre os corpos daqueles que se colocam à frente dos microfones, como também dos que consomem o conteúdo gravado. Desse modo,

o campo enunciativo comporta, enfim, aquilo que se poderia chamar um domínio de memória (trata-se dos enunciados que já não são nem admitidos nem discutidos, que já não definem, por conseguinte, nem um corpo de verdades nem um domínio de validade, mas a respeito dos quais se estabelecem relações de filiação, de gênese, de transformação, de continuidade e de descontinuidade histórica. (FOUCAULT, 2014a, p. 97)

Olhar para o *podcast*, portanto, significa assinalar que este é fruto de uma construção ao longo da história. Assim, o surgimento do rádio e posteriormente da internet, com suas implicações no processo de globalização, criaram condições de possibilidade para que o *podcast* pudesse emergir. Assim, em uma orientação foucaultiana de análise, essas transformações ao longo dos tempos são frutos de relações de saber-poder, conseqüentemente, o *podcast* não está alheio desses jogos em torno do poder, mas é fruto deles. Desse modo, consideramos que os enunciados midiáticos respondem a “determinadas formas de emergência, por ser enunciado a partir de uma posição sujeito e por ter uma existência material inscrita no interior de um domínio associado.” (SARGENTINI, 2011, p. 117).

De um modo geral, observa-se que os *podcasts* são capazes de transitar nos mais diferentes nichos culturais, ainda que existam barreiras que dificultem o acesso à toda sociedade, como a desigualdade econômica, por exemplo. Mesmo assim, pode-se perceber que os *podcasts* engendram uma ampla gama de discursos, comportamentos e práticas com valores de verdade, os quais sinalizam uma memória do dizer e seus jogos de dominação. “Ao discutir a repetição como elemento fundamental da produção de sentidos, Foucault acena para o fato de que as culturas cristalizam procedimentos tanto no campo da *dizibilidade* (certas fórmulas, maneiras de dizer) quanto no das *visibilidades*.” (GREGOLIN, 2011, p. 95, grifos da autora).

Na esteira disso, pensar o *podcast* e descrever as especificidades no seu modo de produção fornecem ferramentas capazes de compreender melhor a circulação de dizeres em torno da maternidade “real”, a qual acaba por normatizar certa forma de comportamento materno. Nesse enfoque, no próximo capítulo, trataremos, mais detidamente, dos percursos históricos da maternidade, assim como olharemos para o corpus na tentativa de esboçar nosso gesto de análise.

4 DISCURSOS SOBRE UMA MATERNIDADE "REAL"

*“um útero é do tamanho de um punho
num útero cabem cadeiras
todos os médicos couberam num útero
o que não é pouco (...)” (FREITAS, 2012, p. 47).*

Uma vez que pretendemos compreender em que medida as práticas discursivas dos *podcasts* direcionados à maternidade funcionam e produzem uma “maternidade real”, torna-se fundamental retomar alguns dos percursos históricos que fomentaram a construção do que hoje em dia entendemos como “ser mãe”. Para tanto, a fim de que essa questão seja respondida, organizamos nosso *corpus* em trajetos temáticos delineados a partir da escuta atenta dos episódios dos *podcasts*, a saber: i) mãe: corpo-máquina ii) mãe: corpo-normatizado iii) mãe: corpo-produtivo.

Em virtude disso, fazemos uma reflexão sobre a emergência, as estabilizações e transformações sobre diferentes modos de ser mãe ao longo da história para que, nas análises, seja possível observar os pontos de deslocamentos e o surgimento de novos modos de existência no que hoje em dia concebemos como contemporaneidade. Cumpre destacar também que embora a organização do percurso histórico da maternidade se apresente na ordem cronológica, para uma melhor organização do texto, nos alicerçamos em uma perspectiva cuja história não se dá por meio de um contínuo progressivo - no qual um período suplantaria o subsequente, mas por diversas (des)continuidades que operam incessantemente para a construção da maternidade.

4.1 Os caminhos da maternidade na história

Ser mãe e, conseqüentemente, a maternidade enquanto objeto histórico passaram por diferentes transformações ao longo da história. Nesse sentido, é possível afirmar que as práticas maternas são produtos da cultura dos povos, isto é, “elas estão ligadas aos valores que conferem a essa cultura temas comuns e unidade.” (KITZINGER, 1978, p.21). Isso nos permite afirmar que a medida em que a sociedade se desenvolve, os valores de uma época acompanham essas mudanças.

De modo geral, os primeiros registros em torno da maternidade remontam à pré-história³⁴ e a uma cultura em que a mulher ocupava uma posição de destaque em muitas relações sociais.

³⁴ Utilizaremos o termo “pré-história” de maneira genérica neste trabalho. No entanto, compreendemos que este período abarca múltiplas acepções no que se referem ao ponto de vista cultural, biológico e cronológico da história.

Neste período, de modo geral, a condição da mulher era cercada pela sublimação das capacidades reprodutivas femininas³⁵. De acordo com Guerra (2021, p. 6), as mulheres foram associadas a “líderes, inventoras de tecnologias e instituições como a agricultura e a domesticação animal, a medicina, a religião (centrada no culto a divindades femininas)”.

Passando para a Antiguidade Clássica (por volta de 4000 a.C), a maternidade foi fortemente consolidada sob os pilares da mitologia e da cultura grega. Contudo, diferentemente do período anterior, este regime atribui à mulher um lugar secundário nas esferas sociais, e a fertilidade que antes era tida como um atributo essencialmente feminino, agora está submetida ao masculino. Por meio dos mitos, principalmente, era possível notar uma transformação na organização da sociedade, em que os homens eram os protagonistas da reprodução humana, desconsiderando as mulheres nesta tarefa. Desse modo, “a mulher [era] considerada personagem secundária na concepção. Semelhante à terra que precisa ser semeada, seu único mérito [era] ser um bom ventre.” (BADINTER, 1985, p. 32). O mito de autoctonia, por exemplo, retrata o nascimento do primeiro cidadão de Atenas, Erichonios, o qual nascera diretamente da Terra por meio do sêmen divino, não pelo corpo de uma mulher (QUINTANA-GOMEZ, 2000).

Ainda que muitas figuras mitológicas tivessem filhos, Demeter³⁶ é a que mais se destaca no que se refere à maternidade. Sua figura é fortemente atrelada a de sua filha, Perséfone, a qual fora raptada por Hades (com aval de Zeus) para viver no submundo. Em virtude disso, Demeter, a deusa da natureza, também é conhecida pelo sofrimento na busca da filha sequestrada. Conforme aponta Molina (2006), as qualidades de Demeter estão associadas ao cuidado e a nutrição dos outros. No entanto, a deusa encarna um papel idealizado de esposa e mãe, o que a subordina às figuras masculinas.

Fundamentados pelo pensamento aristotélico, o desenvolvimento grego e, por sua vez, as bases da cultura ocidental foram teorizadas a partir de uma concepção em que o homem seria superior à mulher, o que deu início ao que hoje em dia conhecemos como cultura patriarcal. Assim, é possível afirmar que por meio de Aristóteles,

³⁵ Um forte indício dessa concepção foi materializado na famosa escultura paleolítica “Vênus de Willendorf”, a qual retrata o corpo ideal feminino daquele período. Os atributos físicos da escultura, como a vulva, o quadril volumoso e os seios fartos são fortemente atribuídos à fertilidade feminina.

³⁶ De acordo com Knibiehler (2001, p. 10, tradução nossa), “Deméter personificou a dimensão sobrenatural da maternidade. Ela era parecida com Rhea, sua mãe, e Gaia, sua avó, mães primordiais que mal emergiram do caos; mas diferia deles de maneira significativa. Deusa da terra cultivada, nutriente original, iniciou o homem na agricultura, numa vida perspicaz e organizada. Uma tradição conta que a partir do momento em que o cultivo de cereais foi inventado, o homem, mais bem alimentado, adotou a posição vertical. Portanto, Deméter, a educadora, marcaria as origens da humanização e de toda civilização.”

operou-se entre os sexos uma partilha tenaz dos espaços e das funções que neles se desenvolvem. A divisão entre a esfera doméstica e a esfera pública, incansavelmente repetida, acabará por parecer também ela fundada na natureza, e alguns confundem-na depressa de mais com as categorias do feminino e do masculino (KLAPISH-ZUBER, 1990. p. 6).

Já no Império Romano - que incorporou diversos costumes gregos -, a maternidade e o papel da mulher na sociedade ressaltavam pontos sutilmente distintos à cultura grega. Todavia, vale ressaltar que, para os romanos, a figura da mulher ainda era submetida ao domínio masculino, mesmo assim, sua função reprodutiva era bastante valorizada principalmente pela capacidade de repovoar as legiões dizimadas pelos diversos conflitos e guerras que permearam a consolidação de Roma. Assim, a fertilidade feminina era “uma honra e estava associada às glórias e provações pelas quais o país teve de passar. [...] quando sua função ainda era ‘cuidar da casa e fiar a lã’, [as mulheres] aceitaram serenamente e até com orgulho, segundo historiadores, a perda de seus filhos na guerra.”³⁷ (KNIBIEHLER, 2001, p.19, tradução nossa).

Além disso, seguindo o pensamento de Yvonne Knibiehler (2001), a sociedade romana foi bastante original ao instituir uma doutrina jurídica³⁸ que colocava a função materna no interior do marco familiar, além de desenvolver saberes médicos, mais precisamente práticas de higiene associadas ao momento do parto e da maternidade de uma maneira ampla. Esses saberes, segundo a autora, foram bastante influentes na sociedade da época e só foram contestados no século XIX.

No período compreendido como Idade Média, o regime feudal acentuou a divisão sexual das atividades sociais e econômicas, nos quais a autoridade masculina era central em ambas as

³⁷ No original: “*un honor y estaba asociada con las glorias y con las pruebas por las que tenía que pasar la patria. [...] cuando todavía su función era ‘cuidar la casa e hilar la lana’, [las mujeres] aceptaban serenamente e, inclusive, com orgullo, según los historiadores, la pérdida de sus hijos en la guerra.*”

³⁸ Sobre o direito romano e o papel central exercido pelo *pater familias*: “O direito romano, objeto de veneração até o século XX, é patriarcal: estabelece na família o poder do *paterfamilias* sobre os filhos. [...] A *mater familias* nada mais era do que a esposa do *pater familias*. Recebeu este título ou o de *matrona* (o título dependia das características do casamento), após a noite de núpcias, como forma de dar sentido ao seu papel reprodutor. Como ela se casou muito jovem (entre 12 e 15 anos, às vezes mais cedo, porque os romanos acreditavam por muito tempo que o coito favorecia o aparecimento da menstruação e da fertilidade), ela terminou sua educação na casa do marido. Tudo isso serviu para lembrá-lo de seu caráter instrumental.” (KNIBIEHLER, 2001, p.17-18, tradução nossa). No mesmo sentido, as lições de Lobo (2006, p. 157; p. 159): “Os romanos adotaram o regime legal estabelecido por Sólon, melhorando-o, todavia, com aquela intuição jurídica e precisão lógica, que, era regra, dão as fórmulas por eles criadas à feição de uma figura geométrica. Permitiram o testamento sem restrições, indo até o exagero da liberdade de testar, concepção, aliás, lógica para quem reconhecia a propriedade da casa como exclusiva do *pater familias* (*superpecunia sua*). [...] Como já assinalamos, pelas XII Tábuas a família romana continuou a ter como chefe indiscutível o *pater familias*, senhor absoluto da casa, exercendo sobre a mulher, os filhos, os escravos, os bens, um poder sem limites, a não ser os que fossem ditados pelo coração humano.”

esferas. Nessa época, houve também a consolidação do cristianismo e suas raízes judaicas o que permitiu, inclusive, haver um reforço da autoridade marital e paterna (BADINTER, 1985).

De acordo com Vasquez (2014), a visão ocidental a respeito da maternidade é atravessada pelos saberes religiosos (cuja representação está fortemente ligada à figura cristã de Maria), pelos saberes médicos em torno das transformações biológicas e psíquicas dos corpos femininos, pelos saberes políticos, que incluem a gerência da vida dessas mulheres. Desse modo, esses campos de saber objetivam os corpos femininos a partir de regime de verdades e, assim,

o corpo da mulher [...] se revela como um espaço de disputas discursivas: desde os impedimentos e restrições de iniciação sexual, o tabu da virgindade, passando pelas reprovações de exposição do corpo e da liberdade sexual, até o limite da exclusão da voz da mulher na decisão sobre o aborto. (IACONELLI, 2019, p. 95).

A doutrina cristã, por meio da figura de Maria, atribuiu grande importância ao papel materno³⁹, entretanto, seu poder sempre esteve intimamente submetido à intermediação de um homem, Jesus (KNIBIEHLER, 2001). Desse modo, textos⁴⁰ produzidos pela teologia cristã prescreviam a moral eclesiástica, evidenciando a inferioridade feminina, o que aproxima a doutrina cristã ao pensamento aristotélico⁴¹ já mencionado.

As palavras reservadas para definir a mulher servem unicamente para evocar a sua função principal: até a sua fraqueza física, garantia de submissão ao homem, favorece a procriação. Esta adequação e esta redução a uma função permitem a todos os teólogos detratores da mulher fazerem economia de uma reflexão sobre a psicologia, considerando-a como uma força inquietante, como um corpo que escapa ao domínio de um espírito, como um ser governado pelos seus órgãos, e em particular pelos seus órgãos sexuais. A mulher é inteiramente um ser natural, já que é o instrumento da continuidade da raça humana, o elemento essencial da natureza, essa força ativa que estabeleceu e que mantém a ordem do universo. (THOMASSET, 1990, p.65).

³⁹ Knibiehler (2001, p. 32, tradução nossa) destaca que o cristianismo transformou toda uma civilização de mulheres, “elevando a maternidade acima da natureza e até acima da afetividade, ela a arranca da imanência, a transfigura: abre o acesso à transcendência para as mulheres mais humildes. O mito e o culto da Virgem mãe permitiram aos cristãos compensar o desaparecimento das deusas com a Assunção de uma mulher, mas de uma única mulher.”

⁴⁰ Sobre esse aspecto, Badinter (1985) cita dois importantes textos: o livro bíblico Gênesis – no qual Eva fora criada por Deus para suprir as necessidades de Adão e lhe salvar da solidão; e a Epístola aos efésios, de São Paulo – que atribuía direitos e deveres iguais aos homens e mulheres, entretanto, ressaltava a hierarquia do homem e a subordinação feminina.

⁴¹ Duby e Perrot (1990, p. 45) acrescentam que “as interpretações de Aristóteles realizadas por Tomás de Aquino e por outros pensadores proporcionam à mentalidade clerical medieval as bases teóricas para asseverar a debilidade da mulher e a sua necessária submissão ao homem. A defesa da virgindade e da fidelidade ao esposo (incluindo o esposo não nobre) são lugares comuns em exemplos hagiográficos.”

Diante desse modelo de organização social que perdurou por toda a Idade Média, o vínculo afetivo entre a mãe e sua prole era bastante desvalorizado. Badinter (1985, p. 65) revela que “o primeiro sinal de rejeição do filho [estava] na recusa materna a dar-lhe o seio. E isso sobretudo numa época em que esse gesto significava uma possibilidade muito maior de sobrevivência para a criança.” Além disso, a autora acrescenta que

os cuidados, a atenção e a fadiga que um bebê representa no lar nem sempre parecem agradar os pais. [...] Como muitos desses pais não podem – e também alguns, mais numerosos do que habitualmente se pensa, não querem – fazer o necessário sacrifício econômico ou o de seu egoísmo, não foram poucos os que pretenderam se desembaraçar desse fardo. Existia e ainda existe uma gama de soluções para esse problema, que vai do abandono físico ao abandono moral da criança (BADINTER, 1985, p. 64).

Apesar de a mulher, neste período e até meados do século XVII, ser vista a partir de suas funções reprodutivas, a maternidade não tinha a responsabilidade de suprir as demandas afetivas dos filhos, assim como não existia o sentimento de infância (ARIÉS, 1981). “A criança desde muito cedo escapava à sua própria família, mesmo que voltasse a ela mais tarde, depois de adulta, o que nem sempre acontecia. A família não podia, portanto, nessa época, alimentar um sentimento existencial profundo entre pais e filhos.” (ARIÉS, op. cit, p. 231). Nesse viés, era comum os pais entregarem os bebês a amas-de-leite, as quais eram incumbidas de instruí-las para o convívio com os adultos após anos de distanciamento familiar.

Já no séc. XVIII, período da Revolução Francesa, vemos emergir um novo regime comportamental em relação às práticas maternas e aos cuidados dispensados às crianças. Em 1762, Rousseau publicou *Émile*, uma obra filosófica em que é possível assinalar as primeiras reflexões em torno da questão do amor materno (BADINTER, 1985). Neste livro, o filósofo se apoia sob uma concepção instintiva da maternidade, considerando-a uma questão central na vida das mulheres⁴². Em decorrência disso, “o foco ideológico desloca-se progressivamente da autoridade paterna ao amor materno, pois a nova ordem econômica que passa a vigorar com a ascensão da burguesia enquanto classe social impunha como imperativo, entre outros, a sobrevivência das crianças.” (MOURA; ARAÚJO, 2004, p. 46).

Na esteira disso, Knibiehler (2001, p. 57, tradução nossa) destaca que

⁴² Badinter (1985, p. 145) acrescenta que neste período houve uma espécie de “revolução das mentalidades”, ou seja, “a imagem da mãe, de seu papel e de sua importância, modifica-se radicalmente.” Além disso, a autora revela que diversas publicações recomendavam às mães que cuidassem “pessoalmente dos filhos, e lhes ‘ordenam’ amamentá-los. [As publicações] impõem à mulher, a obrigação de ser mãe antes de tudo, e engendram o mito que continuará bem vivo duzentos anos mais tarde: o do instinto materno, ou do amor espontâneo de toda mãe pelo filho.”

Rousseau chamou a atenção de seus contemporâneos para a importância do papel da mãe na educação. Ao preferir a natureza à cultura para a criança, o afeto à autoridade, a felicidade à salvação, ele comprometeu toda a educação a uma perspectiva mais materna do que paterna. E, claro, ela também valorizava a função materna mais do que nunca. Para que os leitores e, mais ainda, os leitores, fossem seduzidos.⁴³

No período que sucedeu a revolução, vimos o estabelecimento de uma nova ordem econômica e social: o capitalismo e a burguesia. Nesse ínterim, consolidou-se a noção de vida pública e vida privada, ou seja, “a vida do trabalho sai da casa para a fábrica, modificando o caráter da vida pública. A casa torna-se lugar reservado à família que, em seu interior, divide espaços, de forma a permitir lugares mais individuais e privados.” (BOCK, 2001, *apud* MOURA; ARAÚJO, 2004, p.46).

Com a saída dos homens para o trabalho nas fábricas e no comércio, as mulheres dedicaram-se ao trabalho doméstico e, em virtude disso, assumiram o domínio do ambiente privado⁴⁴ enquanto seus maridos ocupavam a política. Nesse sentido, Knibiehler (2001) destaca que ser mãe era tido como uma maneira de afirmar sua própria importância no âmago das relações sociais.

Com essas modificações, o estado passou a exercer maior controle sob a população, uma vez que administrava as relações econômicas de produção – pela crescente demanda da indústria - e, ao mesmo tempo, deveria garantir às famílias subsídios para a sobrevivência. Com isso, consolidou-se o conceito de Infância, a qual deveria ser protegida e privilegiada, a fim de produzir cidadãos capazes de gerar riqueza para o estado. Assim, “garantir a sobrevivência das crianças constituía-se em um novo valor e, desta forma, se inicia um processo de incentivo às famílias com destaque para a figura da mãe.” (VÁSQUEZ, 2015, p. 107).

Nessa intervenção em favor das crianças, fortemente amparada pelo desenvolvimento científico do século XIX, surgiram técnicas⁴⁵ que atribuíam à mãe a centralidade no cuidado com os filhos. Contudo, de acordo com Badinter (1985), o discurso que efetivamente conduziu

⁴³ No original: “Rousseau atrajo la atención de sus contemporáneos sobre la importancia del papel de la madre en la educación. Al preferir para el niño la naturaleza a la cultura, el afecto a la autoridad, la felicidad a la salvación, comprometió a toda la educación en una perspectiva más materna que paterna. Y, por supuesto, también valoraba la función materna más de lo que nunca se había hecho. De manera que los lectores y, más aun, las lectoras, quedaban seducidos”

⁴⁴ Knibiehler (2001, p. 63, tradução nossa) acrescenta que “Irmãs e primas, vizinhas e amigas viveram uma sucessão de gestações, partos, alimentação, desmame, troca de fraldas e mudança de idade. Cuidavam dos filhos com a ajuda de babás; trocavam receitas e modelos de roupas, consultavam obras médicas escritas para elas, sem abrir mão dos 'remédios da boa mulher'. Eles também lêem os numerosos tratados educacionais publicados por mulheres.”

⁴⁵ Tais técnicas eram fundamentadas sob os discursos médicos, jurídicos e educacionais; por exemplo, o incentivo à amamentação, a criação de leis de escolarização, e tribunais especializados nas questões infantis.

as mulheres na tarefa de cuidar dos filhos foi o de felicidade e de igualdade perante a sociedade da época. Diante desse contexto, o papel das mães teve crescente destaque – sobretudo no âmbito da vida privada e familiar. Assim,

a ampliação das responsabilidades maternas fez-se acompanhar, portanto, de uma crescente valorização da mulher-mãe, a ‘rainha do lar’ dotada de poder e respeitabilidade desde que não transcendesse o domínio doméstico. [...] À medida, porém, que as responsabilidades aumentaram, cresceu também a valorização do devotamento e do sacrifício feminino em prol dos filhos e da família, que novamente surgiram do discurso médico e filosófico como inerentes à natureza da mulher.” (MOURA; ARAÚJO, 2004, p. 47).

Como se pode observar, a maternidade na Europa foi paulatinamente construída por meio de convenções culturais que, em grande parte, relacionam-se à constituição dos estados modernos, as quais transformaram profundamente a intimidade e os sentimentos das sociedades, sobretudo no que se refere à vida familiar.

No Brasil, essa construção foi fortemente influenciada por essas transformações, assim como na Europa. Contudo, aqui, essas mudanças foram “revestidas de características específicas à condição de país-colônia que se vê subitamente elevado à sede do governo português.” (MOURA; ARAÚJO, 2004, p. 48). Desse modo, a maternidade em solos brasileiros incorporou aspectos europeus, sobretudo na valorização do amor familiar ancorado na autoridade masculina. Assim, “a mulher e os filhos [...], interessavam apenas enquanto elementos a serviço do patriarca, e viam na figura do homem não só o protetor, como o patrão, uma vez que a casa colonial funcionava como pequena unidade de produção [...]” (Ibid., p. 49).

Interessante notar que, no Brasil, do ponto de vista jurídico, a mulher continuou fortemente submetida ao *pater familias* ainda durante o século XX quando ainda vigorava o Código Civil de 1916. Pela forte influência do direito romano⁴⁶, o ordenamento jurídico brasileiro adotou esta concepção centrada no papel do patriarca, colocando a mulher em um papel instrumental de cuidar do lar e dos filhos. Conforme aponta Moraes e Teixeira (2018), somente com a Constituição Federal de 1988 haveria o reconhecimento da igualdade entre o pai

⁴⁶ Sobre essa influência: “Dominado, assim, o Direito dos povos americanos pela influência do Direito das metrópoles, as repúblicas latino-americanas ficarão colocadas no primeiro grupo ao lado da Espanha e Portugal, formando, com estes países, uma classe de assimiladores do Direito Romano em larga escala. E se excluirmos desta classe os Estados Unidos, não é porque sejam, atualmente, de todo, alheios a essa influência, mas, sim, porque, aí, ainda preponderam os elementos do Direito britânico, embora com tendência, como já vimos, para assimilarem também a concepção romana. Rigorosamente se pode dizer que, atualmente, a não serem os povos inteiramente alheios à civilização greco-romano-cristã, todos os demais obedecem, na formação do seu Direito, às inspirações do Direito Romano, embora modificado pelo natural evolução das idéias e das injunções oriundas de necessidades mesológicas e econômicas dos vários povos, mas, sem que, todavia, se desconheça nessa formação o traço saliente e indelével, o cunho magistral e inconfundível da vigorosa ciência dos Papinianos.” (LOBO, 2006, p. 421).

e a mãe, pois ambos teriam, ao menos formalmente, o mesmo papel na entidade familiar, reconhecida no artigo 226, §5^{o47}.

Nesse mesmo século XX, no campo filosófico e sociológico, diversos acontecimentos e mudanças impactariam as vidas das mulheres e das mães. Em 1949, Simone de Beauvoir causaria uma revolução copernicana na identidade feminina ao publicar a sua obra *O segundo sexo*. Nela, a filósofa dissociaria definitivamente as figuras da mulher e da mãe; dessa forma, Beauvoir dessacralizou a maternidade dando à mulher o poder de escolha. Embora muitas mulheres já escolhessem não ter filhos ou exercessem profissões tipicamente masculinas, até as reflexões de Beauvoir, tais condutas ainda não tinham sido profundamente estudadas e racionalizadas (KNIBIEHLER, 2001).

No entender Knibiehler (Ibid.), o movimento feminista teve papel fundamental nas mudanças de percepções em torno da maternidade. Betty Friedan, em 1963, no livro *A Mística Feminina*, colocaria a maternidade como motivo para a degradação e domesticação das mulheres, enquanto o surgimento de métodos contraceptivos e a legalização do aborto foram tidos como grandes vitórias para grande parte das mulheres.

Nessa ótica, ao escapar das influências da natureza, as mulheres passaram a dispor de um domínio quase absoluto sobre seus corpos, o que inclui a função reprodutiva; a função biológica passou a ser fruto de uma decisão da mulher. Essas mudanças também impulsionaram novas práticas como a busca pela divisão dos trabalhos domésticos e do cuidado com os filhos entre a mãe e o pai, enquanto as mães feministas sonharam em abolir as diferenças entre os sexos estabelecendo uma mesma educação e tratamento entre os filhos e as filhas (KNIBIEHLER, 2001).

Aliado a tudo isso, a liberação dos costumes também modificou radicalmente a identidade feminina. A liberdade sexual dos anos 1960 e 1970 fez com que o desejo e o prazer se dissociassem do desejo de ter um filho, por outro lado, a jovem mulher desejava ser ativa e independente economicamente e um filho poderia comprometer esses planos. Ainda, a busca por qualidade de vida e a consciência ecológica intensificaram os questionamentos em torno da decisão de se ter um filho. Este foi o núcleo da revolução materna. Em suma, todas essas mudanças e preocupações fizeram com que as mulheres refletissem sobre seus lugares e papéis na sociedade, o que fez com que passassem a fazer novas exigências. A maternidade tornou-se algo muito mais complexo e algo muito além do que gerar uma vida (Ibid., 2001).

⁴⁷ Art. 226. A família, base da sociedade, tem especial proteção do Estado. [...]§ 5º Os direitos e deveres referentes à sociedade conjugal são exercidos igualmente pelo homem e pela mulher.

Dessa forma, ao adentrar no século XXI e sua forte convergência tecnológica, novos questionamentos são feitos e modelos antes tidos como universais são contestados e reinventados, o que, conseqüentemente, transforma o papel social das mulheres e mães na sociedade. A vista disso, este trabalho busca elucidar alguns dos caminhos nos quais as mães estão realizando essas mudanças, observando os discursos presentes nos espaços digitais e suas múltiplas possibilidades de apropriação.

4.2 Considerações metodológicas: a escolha do *corpus*

A escolha do *corpus* deste trabalho se deu a partir de uma busca por *podcasts* relacionados à maternidade dentro da plataforma *Spotify*⁴⁸. Além de utilizar a ferramenta de busca com os termos “maternidade” (Figura 5) e “mãe” (Figura 6) como critério para descoberta de alguns programas, selecionamos outros canais a partir de conhecimentos prévios anteriores a consecução desta pesquisa.

Nesse sentido, alguns *podcasts* não contém os termos mãe/maternidade em seus títulos, mas seu conteúdo versa sobre essas questões; como é o caso do podcast *Calcinha Larga*⁴⁹, *Criando Monstrinhos*⁵⁰, *Sinuca de Bicos*⁵¹ e *Tetas na mesa*⁵².

Nosso primeiro critério de escolha se ancora na tentativa de agrupar a maior variedade de conteúdos sobre a maternidade, a fim de conseguir uma amostra diversa no que se refere às vivências da maternidade e, conseqüentemente, às formações discursivas nas quais tais enunciados se filiam. Assim, selecionamos os primeiros dez resultados para a busca com o termo “mãe” e mais dez com o termo “maternidade”, além dos outros quatro já mencionados acima. A respeito disso, destacamos que não selecionamos *podcasts* cujo objetivo era, de antemão, prescrever algum tipo de conduta, como exercícios de meditação, por exemplo. Ainda, excluimos de nossa busca resultados em línguas estrangeiras e também conteúdos produzidos

⁴⁸ Apesar de haver diversas plataformas de áudio, optamos por procurar todos os programas no *Spotify* em virtude de a plataforma ser a mais popular entre os usuários de streaming atualmente. De acordo com dados divulgados pela própria plataforma, no terceiro trimestre do ano passado, a empresa atingiu a marca de 381 milhões usuários mensais ativos, números que impactam fortemente o mercado de consumo de áudio e streaming no mundo. Veja mais em: < <https://newsroom.spotify.com/2021-10-27/spotify-reports-third-quarter-2021-earnings/> > Acesso em 25 de mar. 2022.

⁴⁹ Disponível em: < <https://open.spotify.com/show/3C8L0wvrjyYDMQljzDmvnu?si=afb171c4811d45b9> > Acesso em 03 dez. 2021.

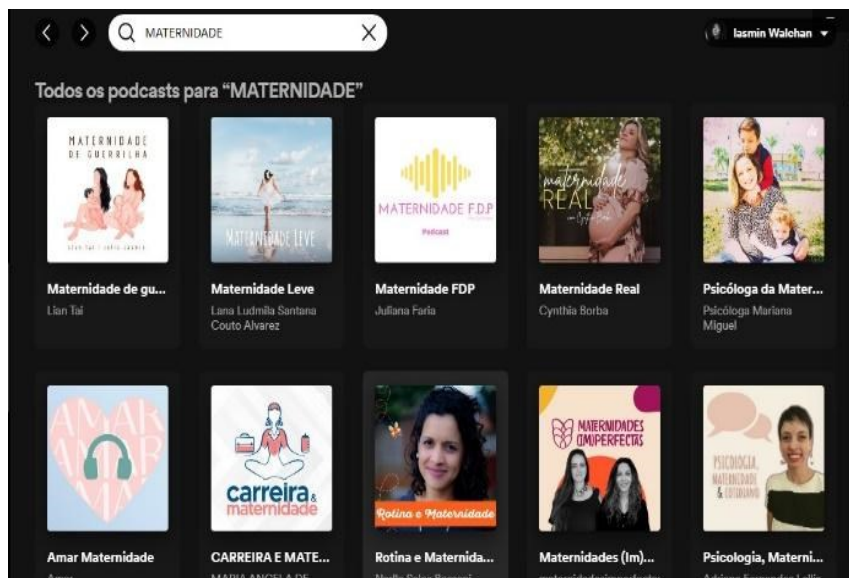
⁵⁰ Disponível em: < <https://open.spotify.com/show/6HpEyKl3PgRGgSG1OzoMMX?si=6ef46f01ed354fde> > Acesso em 03 dez. 2021.

⁵¹ Disponível em: < <https://open.spotify.com/show/5ks8ResoOV2hh1webdNhA5?si=5aff9c14005a4a2a> > Acesso em 03 dez. 2021.

⁵² Disponível em: < <https://open.spotify.com/show/1LYNvie9muaB1nyP7XNLEH?si=1b1705fd55a343ac> > Acesso em 03 dez. 2021.

por homens. A vista disso, nesse primeiro recorte do *corpus*, contamos com 24 *podcasts*, o que totalizou 24 episódios distintos.⁵³

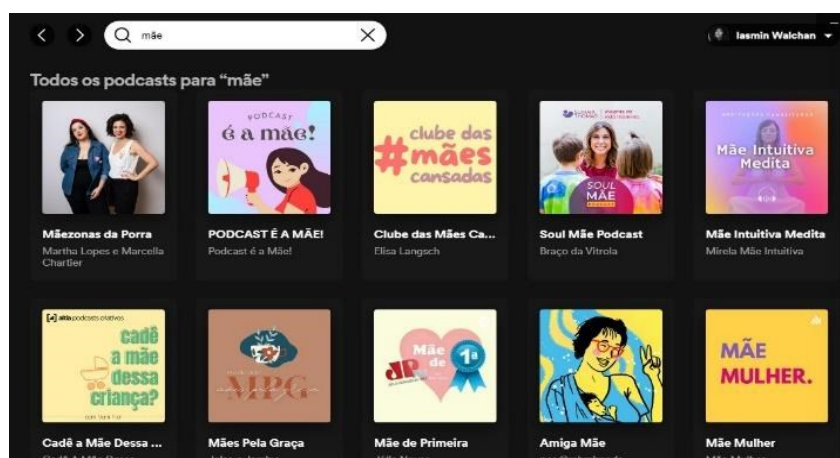
Figura 8 - Busca pelo termo "maternidade" no *Spotify*



Fonte: *Spotify*.

Em seguida, selecionamos o primeiro episódio publicado em cada um desses programas e os organizamos em uma lista, no intuito de classificar cronologicamente cada uma das publicações (Tabela 1). Após essa organização, percebemos que havia: um episódio publicado em 2017; um em 2018; três em 2019; nove em 2020; oito em 2021 e, por fim, dois em 2022. Sendo assim, selecionamos os episódios dos anos de 2017 e 2018, dois episódios de 2019, dois de 2020, dois de 2021 e dois de 2022, totalizando dez episódios a serem analisados. Além disso,

Figura 9 - Busca pelo termo "mãe" no *Spotify*



Fonte: *Spotify*.

⁵³ Para melhor visualização, elaboramos uma primeira playlist com esses episódios: Veja em: <<https://open.spotify.com/playlist/3IS8adE3eXOZBp1ODGrlyo?si=b796c62027f64821>>. Acesso em 02 mar. 2022.

nos anos em que há mais de um episódio a ser analisado, optamos por selecionar um cuja publicação tenha acontecido no primeiro semestre e a outra no segundo⁵⁴, de modo que não houvesse repetição de meses, no intuito de identificar as regularidades que se mantêm nesses períodos de tempo.

Tabela 1 - Quantidade de canais selecionados, organizados por ano de publicação

Ano de publicação	Mês de publicação	Quantidade de episódios selecionados	Canal
2017	Janeiro	1	Sinuca de bicos
2018	Julho	1	Mãezonas da porra
2019	Março	3	Tetas na mesa
	Maio		Podcast É a mãe!
	Outubro		Cadê a mãe dessa criança?
2020	Março	9	Mãedemia: álcool em gel para os seus ouvidos
	Abril		Podcast maternizando
	Maio		Calcinha Larga
	Junho (3ep.)		Mãe de Primeira/Maternidade Leve/Mãe Mulher
	Agosto		Criando Monstrinhos
2020	Novembro (2ep.)		Carreira e maternidade/Maternidade de guerrilha
2021	Fevereiro	8	Mães pela Graça
	Março		Maternidade FDP
	Abril (3ep.)		Clube das mães cansadas/Rotina e maternidade
	Junho		Maternidade, autoconhecimento e outros assuntos
2022	Agosto (2ep.)		Maternidade real/Psicóloga da maternidade
	Janeiro	2	<i>Soul</i> mãe Podcast – <i>Insights</i> da vida materna
	Fevereiro		<i>Pod, mãe</i>
Total:		24	

Fonte: Elaboração autora.

Tabela 2 – Título dos episódios selecionados, organizados por mês de publicação

Ano de publicação	Mês de publicação	Quantidade de episódios selecionados para análise	Canal	Primeiro episódio publicado pelo canal
2017 2022	Janeiro	2	Sinuca de bicos <i>Soul</i> mãe Podcast - <i>Insights</i> da Vida Materna	Expectativa x realidade Demissão na gravidez
2022	Fevereiro	1	<i>Pod, mãe</i>	Maternidade real

⁵⁴ Exceto o de 2022, em que selecionamos os dois episódios do primeiro semestre, em decorrência da data de escrita deste trabalho.

2019	Março	1	Tetas na mesa	De quem são as tetas?
2021	Abril	1	Clube das mães cansadas	Cansei de estar cansada
-	Maio	0	-	-
2020	Junho	1	Mãe de Primeira	A quarentena da mãe
2018	Julho	1	Mãezonas da porra	Puerpério
2021	Agosto	1	Maternidade real	Amamentação, desafios da maternidade
-	Setembro	0	-	-
2019	Outubro	1	Cadê a mãe dessa criança?	Culpa
2020	Novembro	1	Carreira e maternidade	Como conciliar carreira profissional e maternidade?
-	Dezembro	0	-	-
Total:		10		

Fonte: Elaboração autora.

Abaixo, a lista de episódios de podcast selecionados conforme critérios explicitados

1. Expectativa x realidade. [Sinuca de Bicos] Data de publicação: janeiro de 2017. (Duração: 34min);
2. Puerpério [Mãezonas da Porra]. Data de publicação: julho de 2018. (Duração: 58min e 22seg);
3. De quem são as tetas? [Tetas na mesa] Data de publicação: março de 2019. (Duração: 40 min e 17seg);
4. Culpa. [Cadê a mãe dessa criança?] Data de publicação: outubro de 2019. (Duração: 12 min 15seg);
5. A quarentena da mãe [Mãe de primeira] Data de publicação: junho de 2020. (Duração: 58min e 22seg);
6. Como conciliar carreira profissional e maternidade? [Carreira e maternidade] Data de publicação: novembro de 2020. (Duração: 23min e 27seg);
7. Cansei de estar cansada [Clube das mães cansadas] Data de publicação: abril de 2021. (Duração: 48min e 52seg);
8. Amamentação, desafios da maternidade [Maternidade real] Data de publicação: agosto de 2021. (Duração: 32min e 25seg);
9. Demissão na gravidez. [Soul mãe Podcast - Insights da Vida Materna]. Data de publicação: janeiro de 2022. (Duração: 23min 17seg);
10. Maternidade real [Pod, mãe] Data de publicação: fevereiro de 2022. (Duração: 40min e 07seg);

Feito isso, elaboramos uma playlist⁵⁵ dentro da própria plataforma, a fim de facilitar a escuta de todos dos episódios selecionados. Não obstante, ressaltamos que, neste momento de apresentação do gesto de análise, não descrevemos e interpretamos o conteúdo sonoro de cada episódio de forma individual e isolada; antes, trabalhamos o corpus como um arquivo, apresentando recortes e transcrição de sequências, por meio da minutagem, nos quais empreendemos a análise por meio de eixos temáticos, a saber: i) mãe: corpo-máquina, ou seja, a incidência de estratégias de poder/saber sobre os corpos dessas mulheres durante e após a gestação; ii) mãe: corpo-normatizado, isto é, retomada de discursos em torno das formas reprodutivas femininas e, por fim, iii) mãe: corpo-produtivo, em que essas mulheres falam a respeito de questões pertinentes ao mercado de trabalho e outros aspectos da vida em uma sociedade capitalista.

Nessa linha de pensamento, ressaltamos o trabalho de Gregolin (2005, p. 9-10), “(...) o trajeto temático permite visualizar, no interior da dispersão do arquivo, momentos de regularidade, de sistematicidades que – embora instáveis – permitem a inteligibilidade de certas escolhas temáticas num dado momento histórico”. Embora muitas vezes os três eixos apareçam de maneira oblíqua, ou seja, não há menção explícita a eles por parte das participantes, a partir do gesto de escuta foi possível identificar pontos em comum, os quais acreditamos poder compor um mesmo discurso em torno da maternidade, adquirindo seu estatuto de verdade de acordo com as transformações na história. Desse modo, os trajetos temáticos elencados para esta pesquisa são feixes de relações e deslocamentos capazes de fazer emergir enunciados que edifiquem um novo regime de verdades, a maternidade real. Tratam-se já, em si, de um gesto analítico, a partir do questionamento discursivo ora proposto.

A chegada a esses três pontos norteadores também se sustenta a partir da observação/leitura dos episódios do *corpus* de análise e também a pertinência desses temas em leituras sobre a maternidade como: Badinter (1985); Knibiehler (2001); Duby & Perrot (1980), por exemplo. No caso deste trabalho, em que se almeja compreender a(s) forma(s) pela(s) qual(is) as práticas discursivas desses *podcasts* funcionam e produzem uma maternidade real, trabalhar à luz desses trajetos temáticos possibilita visualizar mais fortemente as relações de saber-poder que agenciam o funcionamento de regimes discursivos sobre o “ser mãe”, o que favorece a compreensão dos modos de subjetivação dessas mulheres contemporâneas.

⁵⁵ Disponível em: <<https://open.spotify.com/playlist/38yQuq8yzZxRTNwu7akJXH?si=0bfaa49f79aa426a>> Acesso em 02 mar. 2022.

Em virtude disso, faremos uma descrição/interpretação dos enunciados de maneira conjunta, a fim de apresentar as regularidades discursivas em meio à dispersão em que elas se situam. Assim, organizamos a análise por meio de séries enunciativas no intuito de explicitar o funcionamento do arquivo que permite essas mulheres falarem de uma “maternidade real” no contexto midiático. Para tanto, observamos as maneiras pelas quais as mães contemporâneas falam de si, em um movimento duplo de objetivação/subjetivação de suas práticas e condutas, além de tentar descrever os mecanismos de saber-poder que atravessam a fala dessas mulheres, abrindo a possibilidade de revelar como os discursos que as constituem circulam com valores de verdade em nossa sociedade. Portanto, diante a tentativa de compreender a historicidade e as condições de possibilidade para o aparecimento de cada um desses episódios publicados na plataforma de *streaming* mais popular da atualidade, faz-se importante observar quem são as mulheres que falam em cada um desses canais.

4.2.1 Os canais de podcasts e os episódios analisados

No *podcast* Sinuca de bicos, Ana Clara Fonseca (mãe de Ana Elis) e Karina Xavier (sem filhos, mas tentante) são as *hosts*⁵⁶ que conduzem o bate papo a respeito dos dilemas em torno da maternidade. De acordo com a descrição do próprio canal, Sinuca é “um podcast que mete o bico na maternidade real. Desafios, diversidade, empatia e humor numa tacada só!” (SINUCA DE BICOS, 2017, s/p). No episódio selecionado, elas contam com a presença de mais quatro mulheres, Ana Lira (mãe do Francisco, de cinco meses), Melissa Mendonça (mãe do Henrique, dois anos) Aline Wanderer (mãe da Laís, de um ano) e Raquel Sare (mãe da Isabela, com dois anos). Sinuca de bicos estreou em 2017 e foi descontinuado em 2020, entretanto soma um total de 72 programas no ar. Nas redes sociais como o Instagram⁵⁷, o perfil conta com cerca de 1500 seguidores. Já no *Podcast* Mãezonas da porra, quem comanda a conversa são as jornalistas Martha Lopes e Marcella Chartier, mães Gabriel (sete anos), Felipe (um ano) e João (seis anos). Embora o perfil no Instagram⁵⁸ conte com apenas 551 seguidores, o canal no *Spotify* totaliza 34

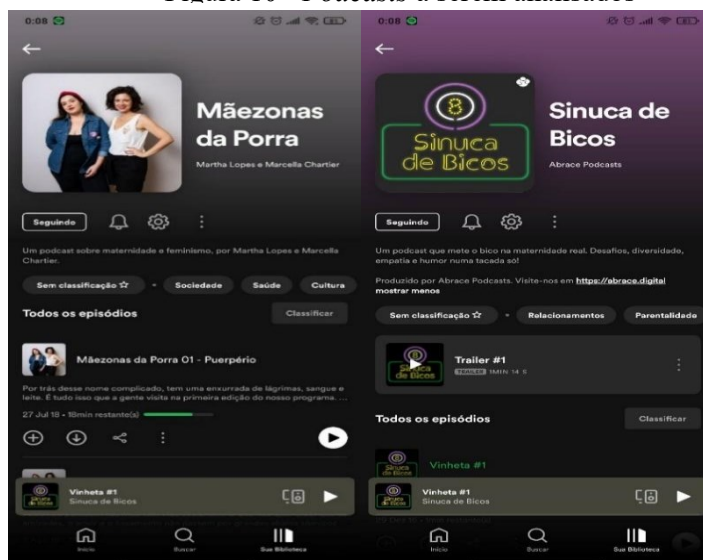
⁵⁶ O host de um podcast é seu apresentador principal. Essa função pode ser exercida por um ou mais participantes nos programas. Alguns canais podem, inclusive, não possuir alguém encarregado disso. Nesses casos, os participantes têm o mesmo papel. De acordo com Lopes (2015, p. 58) “a existência de um *host* pode facilitar muito o processo de gravação, já que ele pode assumir o papel de condutor da pauta, ficando atento para os momentos em que há dispersão do assunto, “puxando” assim os participantes de volta para o tema. O *host* de um programa pode ser tanto aquele que tem mais conhecimento sobre o tema do podcast como o que tem mais desenvoltura para apresentar, ou ainda o que tem maior intimidade com os demais participantes.”

⁵⁷ Disponível em: <<https://www.instagram.com/sinucadebicos/>> Acesso em 15. Mar.2022.

⁵⁸ Disponível em: <<https://www.instagram.com/maezonaspodcast/?hl=pt>> Acesso em 15. Mar.2022.

publicações, sendo o último *upload* realizado em dezembro de 2019. Conforme as apresentadoras o descrevem, este é “um podcast sobre maternidade e feminismo” (MÃEZONAS DA PORRA, 2018, s/p).

Figura 10 - *Podcasts* a serem analisados



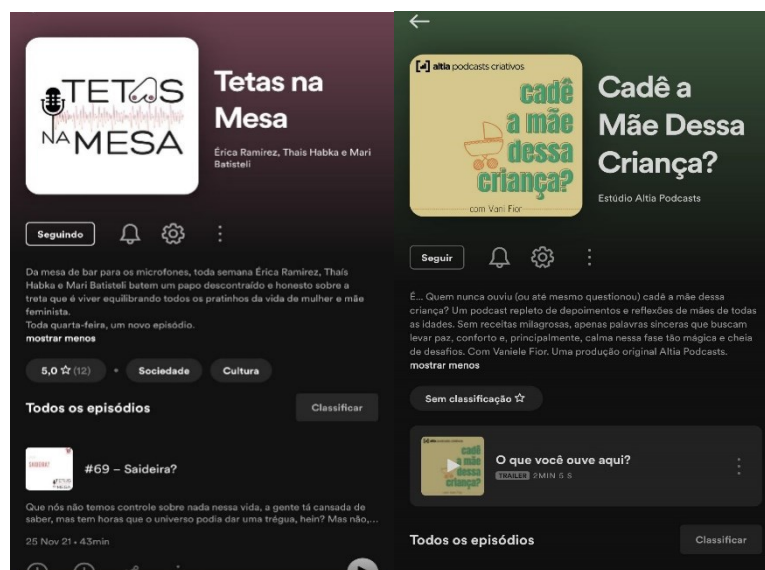
Fonte: *Spotify*.

O *podcast* *Tetas na mesa* totaliza 69 episódios, dentre os quais Érica Ramirez, (mãe de Francisco, com dois anos) Thaís Habka (mãe de Maria Flor, três anos) e Dani Batisteli (mãe de Guilherme, com dois anos) são quem falam de suas vivências das mais variadas formas. “Da mesa de bar para os microfones, toda semana [essas mulheres] batem um papo descontraído e honesto sobre a treta que é viver equilibrando todos os pratinhos da vida de mulher e mãe feminista” (TETAS NA MESA, 2019, s/p). Fora da plataforma de streaming, o perfil do *podcast* no Instagram⁵⁹ tem 4095 seguidores e, assim como os demais, também passa por uma pausa no envio de conteúdos desde o dia 16 de dezembro de 2021. Por outro lado, no canal *Cadê a mãe dessa criança?* Vaniele Fior, mãe de Joaquim (cinco anos) e João (um ano), e suas convidadas, Gabriela Machado, mãe do Daniel, e Franciane Spiguel, mãe do Pedro e do Lucas, produzem “um podcast repleto de depoimentos e reflexões de mães de todas as idades. Sem receitas milagrosas, apenas palavras sinceras que buscam levar paz, conforto e, principalmente, calma nessa fase tão mágica e cheia de desafios.” (CADÊ A MÃE DESSA CRIANÇA, 2019, s/p). Nas redes sociais⁶⁰, este *podcast* conta com um número menos expressivo de seguidores, totalizando apenas 405 usuários.

⁵⁹ Disponível em: <<https://www.instagram.com/tetasnamesa/>> Acesso em 15. Mar. 2022.

⁶⁰ Disponível em: <<https://www.instagram.com/cademaepodcast/>> Acesso em 15. Mar. 2022.

Figura 11 - Podcasts a serem analisados



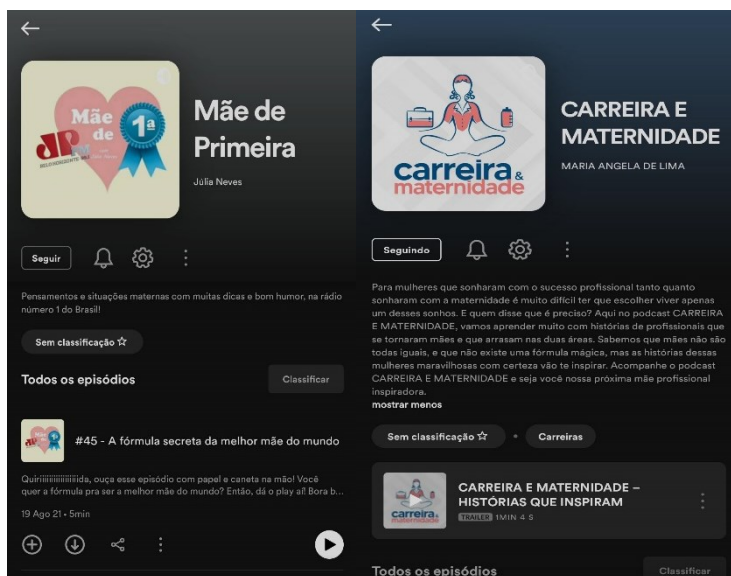
Fonte: Spotify.

Por sua vez, o *podcast* Mãe de primeira, cuja produção fica a cargo dos estúdios Jovem Pan, totaliza 45 episódios publicados nos quais Júlia Neves, jornalista e mãe do Luiz Gustavo, de um ano, materializa “Pensamentos e situações maternas com muitas dicas e bom humor” (MÃE DE PRIMEIRA, 2020, s/p). No Instagram⁶¹, este podcast está atrelado à conta de sua apresentadora e reúne 176 seguidores. Ainda, Maria Ângela de Lima, mãe de Victor (sete anos), no *podcast* Carreira e maternidade, revela “histórias de profissionais que se tornaram mães e que arrasam nas duas áreas. Sabemos que mães não são todas iguais, e que não existe uma fórmula mágica, mas as histórias dessas mulheres maravilhosas com certeza vão te inspirar.” (CARREIRA E MATERNIDADE, 2020, s/p). No episódio em Análise, Maria Ângela conversa com Kênia, mãe de Nataly, Thaísa e Gabriel (15, 12 e 9 anos) e com Renata, mãe de Fábio, João e Matheus (18, 14 e 9 anos de idade). Seu podcast conta um número reduzido de arquivos publicados, sendo apenas 11. No Instagram⁶², seus números também são tímidos, totalizando apenas 94 seguidores.

⁶¹ Disponível em: <<https://www.instagram.com/maede1a/?hl=pt>> Acesso em 15. Mar. 2022.

⁶² Disponível em: <<https://www.instagram.com/carreira.maternidade/>> Acesso em 15. Mar. 2022.

Figura 12 - Podcasts a serem analisados

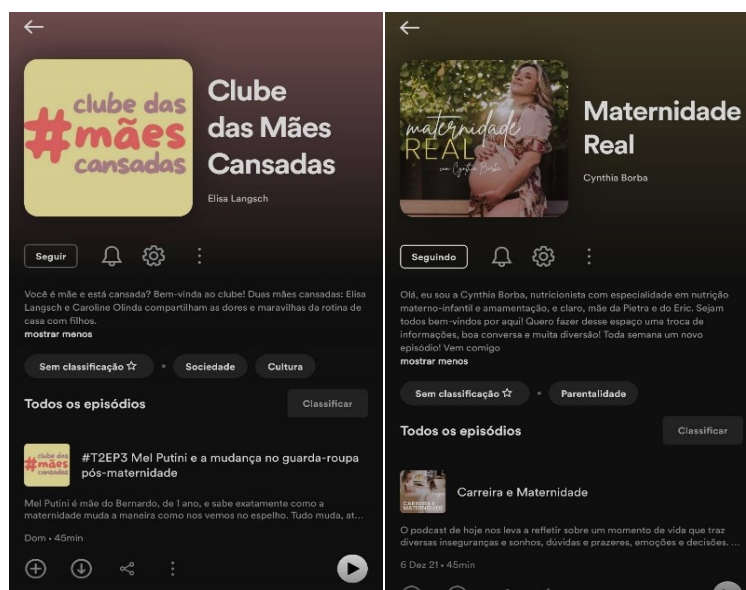


Fonte: Spotify.

Elisa Langsch (mãe de Dudu, um ano) e Caroline Olinda (Mãe de José, 9, Bento e Miguel, 7 anos), no Clube das mães cansadas, “compartilham as dores e maravilhas da rotina de casa com filhos.” (CLUBE DAS MÃES CANSADAS, 2021, s/p). Este canal tem, até o momento, 40 episódios publicados. No episódio selecionado para análise, as apresentadoras batem um papo com Carol Guedes, mãe do Heitor, 7, e do Ricardo, 2 anos. Além disso, no canal Maternidade Real, Cynthia Borba, mãe de Pietra e Eric, nutricionista especializada em nutrição infantil busca “fazer desse espaço uma troca de informações, boa conversa e muita diversão!” (MATERNIDADE REAL, 2021, s/p).

No episódio selecionado, Cynthia conta com a participação de duas mulheres, a Fisioterapeuta e Doula Mariana Piedade, mãe de Mia) e também a Convidada X, mãe de dois garotos. Cumpre destacar que seu nome verdadeiro não é revelado aos ouvintes. É o *podcast* com menor número de episódios publicados – apenas quatro - entre os meses de agosto a dezembro de 2021. No Instagram, não foi possível encontrar uma página dedicada ao *podcast*, mas sim a vida profissional como nutricionista de Cynthia, apresentadora do canal.

Figura 13 - Podcasts a serem analisados

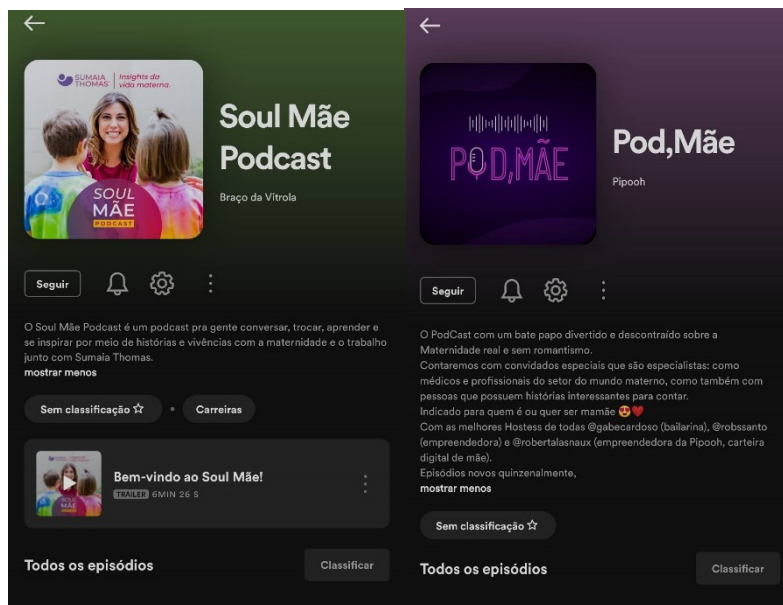


Fonte: Spotify

Por fim, em *Soul mãe podcast - Insights* da Vida Materna, Sumaia Thomas, mãe de duas crianças, é entrevistada por Rosana Fabri e afirma que “Soul mãe foi pensado e construído com base na minha experiência e o meu dia a dia como mãe e profissional, tendo como objetivo trabalhar a comunicação do mundo corporativo com as descobertas e dilemas da maternidade” (SOUL MÃE, 2022, s/p). Embora o canal não tenha um perfil exclusivo, todas suas atualizações estão vinculadas à página de Sumaia, a qual conta com 2195 seguidores no Instagram⁶³. Por ter estreado em 2022, este *podcast* possui, até o momento, três episódios publicados. Ainda nessa linha de pensamento, o *Pod, mãe, podcast* também de 2022, reúne seis episódios disponíveis e o maior número de seguidores no Instagram⁶⁴: mais de 37 mil pessoas. Em *Pod, mãe*, Roberta Lasnaux (mãe de Maria Alice, 3 anos), Gabe Cardoso (mãe de Eva, 5 meses) e Roberta Santo (mãe de duas meninas, Pietra, 10 e Betina, 7, e madrastra de Lorenzo, com 9 anos) compartilham suas experiências afirmando se tratar de “Um bate papo muito divertido e descontraído de mães. Mães reais, sem romantismo, mas com muito amor” (PODMÃE, 2022, s/p).

⁶³ Disponível em: <<https://www.instagram.com/sumaiathomas/>> Acesso em 15. Mar. 2022.

⁶⁴ Disponível em: <https://www.instagram.com/podmae_oficial/> Acesso em 15. Mar. 2022.

Figura 14 - *Podcasts* a serem analisados

Fonte: *Spotify*.

A partir desse breve resumo a respeito dos *podcasts* a serem analisados, é possível observar algumas semelhanças na forma com que esses podcasts funcionam e se estruturam. Começando pela utilização de imagens: grande parte opta pelo uso de imagens gráficas e textos em vez de fotografias. Ainda, percebe-se que o tratamento com a linguagem nas sinopses está frequentemente atrelado à variedade informal da língua portuguesa, possivelmente, na tentativa de estabelecer, de antemão, um vínculo mais afetivo com uma possível ouvinte. Em contrapartida, embora o *Spotify* não informe aos usuários a quantidade de ouvintes dos *podcasts*, a maioria parte dos canais, exceto o *Pod, mãe*, não conta grande impacto numérico fora da plataforma de *streaming*, assim como muitos dos canais suspenderam suas atividades ao longo dos anos, o que pode revelar questões relacionadas à ampla profusão de novos canais e circulação das informações nas redes digitais. As semelhanças entre os podcasts também se convergem diante o nicho em que cada um deles se insere, a maternidade.

Nesse sentido, todos os canais e seus respectivos episódios tratam de temas presentes no cotidiano das mães, dentre eles, questões de trabalho, círculos afetivos, estilo de vida, rotina com os filhos e sua relação consigo mesma. Desse modo, todos os episódios buscam traçar modos de ser mãe na sociedade contemporânea. A vista disso, na próxima subseção, realizamos a escuta analítica em nosso corpus de análise, com o objetivo de traçar as maneiras pelas quais essas mães se discursivizam ao falarem de suas experiências, produzindo uma outra forma de ser mãe, neste caso, especificamente a “maternidade real”.

4.3 Gesto de análise: a maternidade e o discurso na produção de subjetividades

Em um primeiro momento, entende-se que o esboço de análise aqui realizado é apenas um caminho dentre tantos outros e não tem como objetivo esgotar as inúmeras possibilidades de leitura. Nesse sentido, este trabalho compreende que o trajeto de análise contempla apenas uma das diversas formas de compreensão das práticas em torno da maternidade, a qual, aqui, constitui-se e se subjetiva a partir de práticas de discursivização em *podcasts* endereçados a essa temática. A vista disso, nesta pesquisa, o objeto maternidade é pensado como uma parte específica de todas as narrativas existentes em torno do que é ser mãe e, especificamente, ser uma mãe real na contemporaneidade fortemente atravessada pelas mídias digitais.

Para tanto, salientamos que este gesto de análise incidirá mais fortemente na materialidade linguística dos enunciados, mesmo que nas subseções nas quais tratamos a respeito da semiologia dos podcasts também exista uma tentativa de abarcar as outras materialidades que compõem os podcasts (materialidade sonora e visual, a saber). Assim, esta pesquisa se configura como parte de um trabalho maior e mais complexo que pretendemos nos debruçar futuramente. No que se refere à materialidade linguística dos podcasts analisados, faz-se importante destacar que delimitamos três eixos temáticos, os quais foram selecionados após a escuta de todos os episódios que compõem o *corpus* para análise e também a partir de leituras teóricas em torno da maternidade nas quais esse trajeto se faz presente. Dessa forma, a tabela 3, abaixo, tenta mostrar em que medida cada episódio contempla cada um dos eixos:

Tabela 3: Trajetos temáticos distribuídos de acordo com os episódios em análise

Episódio	Corpo-máquina	Corpo-normatizado	Corpo-produtivo
Expectativa x realidade	X	X	X
Demissão na gravidez	X		X
Maternidade real	X	X	X
De quem são as tetas?	X	X	X
Cansei de estar cansada	X	X	X
A quarentena da mãe	X		X
Puerpério	X		X
Amamentação, desafios da maternidade	X	X	X
Culpa	X	X	X
Como conciliar carreira profissional e maternidade?	X	X	X

Fonte: Elaboração autora.

Vale destacar que os enunciados classificados na tabela podem não pertencer apenas a um trajeto temático, mas abarcar todos eles. Nesses casos, optamos por agrupar esses enunciados sob sua temática mais latente. Além disso, conforme explicitado nos capítulos anteriores, este trabalho está pautado sob uma perspectiva em que a verdade é construída a partir de múltiplos movimentos, os quais englobam diferentes campos de saber. Sendo assim, consideraremos a historicidade presente nos corpos das mães como elemento motriz para análise. Para que isso seja feito, montamos séries enunciativas, a fim de reunir as impressões dessas mulheres i) durante a gestação e ii) após o nascimento do(s) bebê(s), estabelecendo um contraponto com o período antes de engravidarem, quando houver essa possibilidade.

Em um primeiro momento, observamos a forma pela qual essas mulheres relatam a experiências que viveram a partir de engravidar. Nesse viés, a primeira série montada se refere ao período em que essas mulheres descobrem suas gravidezes, em que é possível visualizar uma posição-sujeito que materializa esses corpos a partir do jogo de objetivação das estratégias médicas, jurídicas, religiosas e sociais. A vista disso, foi possível notar que alguns enunciados se ancoram a partir de dois elementos: a constante associação maternidade-doença-morte e a forte interferência dos relacionamentos afetivos nas vidas dessas mulheres, sejam em forma de apoio ou julgamentos.

Já no segundo grupo de enunciados, após o nascimento do(s) filho(s), o sujeito mãe é produzido a partir do incômodo decorrente da intensa transformação das práticas em que essas mulheres se inseriam antes de gestar. Nesse sentido, é possível visualizar o conflito existente às práticas cristalizadas de uma certa maternidade idealizada, em que a mulher se anula em função do filho, e a construção de uma nova subjetividade a partir do nascimento do bebê.

Para além disso, destaca-se novamente o recorte feito dentre as múltiplas maternidades presentes na sociedade, sobretudo, a sociedade do século XXI. Embora sejamos sensíveis às questões de gênero, raça, classe e entendamos que tais problemáticas atravessam os corpos maternos, muitas vezes segregando mulheres e crianças, consideramos como objeto de análise apenas aquilo que fora materializado em nosso *corpus* de trabalho. Portanto, destaca-se que não se pretende abarcar a totalidade das formas de ser mãe, tampouco negar que essas outras modalidades existem, mas explorar as condições históricas que permitiram a “maternidade real” emergir e circular contemporaneamente nesses enunciados em análise e de que maneira isso engloba aspectos que vão além da própria maternidade.

4.3.1 Corpo-máquina: o corpo como alvo e superfície para e dos poderes

Como se pôde notar na Tabela 3, alguns enunciados narram a forma pelas quais as mulheres lidam com seus corpos antes, durante e até mesmo após a gestação. De uma maneira geral, ao falarem sobre suas vivências enquanto gestaram, percebe-se a incidência de poderes sob os corpos das gestantes, os quais são capazes de provocar incômodos de diferentes naturezas. Esses poderes que atravessam e constituem os corpos maternos não são algo exterior à relação entre sujeitos e a história, mas intrínseco aos próprios corpos, uma vez que é sobre eles que são impostas regras, proibições e normas de conduta (FOUCAULT, 2008a). Nos excertos abaixo, observa-se o corpo feminino como alvo de investidas de saberes de ordem médica e social:

- (1) Eu achava que iria fazer exercícios. Yoga, hidroginástica, essas coisas todas aí que falam para gente que é bom. Fazer uma alimentação balanceada. Cara! mas gente, eu não fiz um exercício. Não fiz uma caminhada na gravidez inteira. Nenhuma, nenhuma. A única coisa que eu fiz foi alguns exercícios de preparação para o parto, quando eu fiz o curso de preparação para o parto. (...) E eu já era gorda antes da gestação, né? Imagina a pressão, porque mulher gorda é bomba-relógio. Diabetes? pressão alta? Gente, você só pode engordar 12 quilos! (...) E eu achava super injusto, né? porque, assim, **a única época da minha vida em que era permitido estar gorda**, eu tinha que controlar o meu peso, cara! (23'43'', SINUCA DE BICOS, 2017).
- (2) Um café a mais que você toma, na hora de escolher uma comida que você põe no prato, e **você vai se questionando se aquilo faz bem ou se não faz. E se você não vence a tentação você acaba sentindo aquela coisa: “pô, isso não é legal.”** E depois que ele nasce, então pronto. É aí a coisa vai acontecendo, é um choro a mais, é uma temperatura da água que você erra, é uma unha que você não conseguiu cortar. Aquilo vai começando a ter nome e a culpa é batizada. (CADÊ A MÃE DESSA CRIANÇA? 01'30'', 2019).

As participantes dos *podcasts* explicitam algumas das diferentes estratégias em que o corpo da gestante é tomado como objeto de controle, devendo se adequar a inúmeras regras e normas de conduta de diferentes campos do saber. Podemos ver com destaque as imposições postas pela medicina (1). Nesse sentido, aqui, posição-sujeito, a qual pode ser denominada de mãe-vigilante, devido à quantidade de doenças a ela atribuídas, aponta para um lugar bastante crítico em relação ao papel da mulher, uma vez que não haveria como escapar desse poder que impõe não só o dever de ser magra e bela, mas também, saudável. Ao atribuir essa infinidade de problemas de saúde às gestantes, essas produções discursivas também retomam crenças nas quais o corpo da mulher seria inferior, frágil, sendo assim, as mães deveriam se submeter a certas restrições, quase como uma forma de sacrifício, um “princípio de precaução” (BADINTER, 2011, p. 57).

Também, podemos perceber em tais trechos que as questões médicas mantêm uma ligação com as regras e padrões sociais quanto à estética dos corpos das mulheres, e, mesmo

durante a gestação, o controle sobre os corpos continua. Embora não haja uma necessária correlação entre tais campos, não raras vezes os padrões de beleza são associados e coincidem com o que é tido como saudável. Nos trechos transcritos acima dos *podcasts*, colocamos em suspenso o momento em que a participante cita sua insatisfação por não poder estar “livre” desses padrões atribuídos às mulheres não-grávidas na sociedade. Ou seja, nem mesmo durante a gravidez ela seria livre para ser gorda.

Em (2), a participante faz menção à culpa como resultado dos comportamentos tidos como desviantes das normas. E a transgressão das normas em geral e, aqui, especificamente, das normas médicas, gera nas mães um processo de culpabilização que está fortemente assentado nos discursos religiosos, sobretudo no cristianismo e outras religiões monoteístas do ocidente. Essa construção da culpa passa pela ideia de pecado e pela sacralização da figura da virgem Maria, ou seja, cria-se um modelo ideal que deve conduzir os comportamentos das mulheres e quaisquer condutas desviantes implicam em um forte sentimento de culpa.

Ainda, percebe-se que após o nascimento da criança, os saberes médicos que antes recaíam exclusivamente sobre o corpo da mulher gestante adquirem uma nova faceta: a pediatria. Isso não quer dizer que o corpo da mulher deixou de ser alvo do poder, pelo contrário, agora, sua carga é amplificada, pois o poder disciplinar continua a incidir sobre o seu corpo e ao corpo da criança, com as indicações de cuidados com a prole, sejam elas de caráter médico ou moral. Assim, “na longa duração da história das mulheres, ele, o poder, agiu como uma eficiente força produtora de enunciados desencadeadores de práticas e subjetividades” (WITZEL, 2014, p. 529). Assim, a partir do nascimento da criança, a mãe torna-se a responsável não só pela construção e manutenção de um corpo perfeito para si, mas também para seus filhos, ou seja, criam-se novas obrigações, deveres e cuidados médicos constantes com a prole.

No entender de Foucault (2008a), a medicina se configura como um importante campo de saber-poder ao longo de todo o século XX, pois a partir do vínculo entre ciência/corpo, são (re)produzidos regimes de verdade sobre o corpo, regulamentando-os e disciplinarizando-os. Conseqüentemente, ao esquadrihar os corpos maternos, a medicina também produz tecnologias de poder que regulamentam não apenas a vida no âmbito individual, mas da sociedade como um todo.

A disciplina recortou o corpo na sua individualidade para a reprodução dos exercícios e a produção dos corpos dóceis, enquanto o biopoder tomou o corpo no conjunto da população, exercendo um exercício de governo da vida por meio do controle dos nascimentos, das mortes, das práticas sexuais, além da moradia, da instrução, do trabalho, tomando os corpos em conjunto e

aplicando-lhes as leis e normas (FOUCAULT, 2005, *apud* BARACUHY; PEREIRA, 2013, p.325).

Dessa maneira, nos enunciados acima, notam-se efeitos de verdade que conduzem a um entendimento de que o corpo gestante deve se submeter a certas condutas e regras para que seja aceito pela sociedade, isto é, a mulher deve dispor de técnicas para se manter física e mentalmente saudável, dentro de uma racionalidade patriarcal em que o corpo da mulher deva ser regulado para exprimir feminilidade, como também fica compelido à mãe a responsabilidade pela vida da criança, para que esta nasça e cresça com saúde e, conseqüentemente, seja útil para a sociedade, gerando menos problemas ao Estado, evidenciando uma racionalidade neoliberal. Assim, nota-se que há um procedimento de maximização da vida, por meio do adestramento do corpo materno. Tal procedimento remonta àquilo que Foucault (2018a) define como disciplinas, isto é, a transformação do corpo como máquina, o que interfere diretamente na gestão da vida da população. Desse modo, o adestramento e a regulação das condutas maternas alimentam a engrenagem neoliberal fortemente arraigada na sociedade contemporânea.

A racionalidade neoliberal é produtiva, formadora do mundo: ela coloca sob um viés econômico cada esfera e empenho humano e substitui um modelo de sociedade baseada em um contrato social produtor de justiça por uma sociedade concebida e organizada como mercados, com Estados orientados pelas necessidades do mercado. (...) seus princípios não governam somente por meio do Estado, mas permeiam os locais de trabalho, as escolas, os hospitais, as academias, as viagens aéreas, o policiamento e toda forma do desejo e decisões humanas. (BROWN, 2019, p. 20).

Nessa linha de pensamento, o corpo da mulher se torna alvo de investidas de poderes oriundos de diferentes campos, nos quais se destaca o campo médico e, de maneira mais ampla, o econômico. A eficácia dos mecanismos de poder que atuam na vida das mães é tamanha que a autovigilância se faz constante e, a culpa, também. Esse ponto de vista é endossado também por outra mãe, no *podcast* *Cadê a mãe dessa criança?* em que diz:

(3) A culpa é algo ligado diretamente à responsabilidade. **Quanto mais responsável por algo, mais culpa você sente se acontece alguma coisa errada. E quando a gente engravida, a gente já começa a carregar tanta responsabilidade.** Aí começam a vir as culpas: se você não passar repelente, o bebê pode ter microcefalia; se comer carne crua, ele pode ter má formação; se fizer muito esforço, pode ter descolamento de placenta. Ao mesmo tempo, a sociedade cobra que você se mantenha ativa, porque gravidez não é doença (2'50'', *CADÊ A MÃE DESSA CRIANÇA*, 2019).

No trecho acima, são enumeradas diferentes imposições às mulheres grávidas e, caso não sejam acatadas, podem gerar sanções negativas ao bebê e, conseqüentemente, à própria mãe, uma vez que é a partir dela que a sociedade se multiplica. A culpa, mais uma vez enunciada, retoma à noção de pecado e à figura sacralizada da virgem Maria, a qual foi discursivamente produzida sob a ideia de que tudo suporta em razão de seu filho (VASQUEZ, 2014). Desse modo, estariam todas as mães condicionadas a serem exemplarmente perfeitas, submetendo-se aos mais diversos sacrifícios para atingir uma suposta purificação.

A culpa ficou tão fortemente associada à maternidade que é considerada um sentimento natural. Pois não é. A culpa não é uma reação biológica regulada por hormônios. As mulheres se sentem culpadas porque as fazem se sentir assim. Dizem às mães que todas as falhas, todas as negligências, qualquer displicência em suas numerosas obrigações, qualquer recusa ao sacrifício, vai afetar a psique da criança, estragar o futuro dela e prejudicar não só a relação mãe-filho, mas todas as relações subsequentes na vida do filho. Isto, se a mãe relapsa não criar um delinquente juvenil ou um criminoso completo e acabado (FORNA, 1999, p. 21).

Sob esse enfoque, Meyer (2005) enfatiza as relações de saber-poder como elementos constituintes nessas relações mães-filhos, as quais são capazes de reinscrever os corpos maternos em uma dinâmica de vigília e controle. Além disso, a repetição de orações condicionais em (3) também apontam para uma infinidade de normas pelas quais o corpo gestante deve se submeter, do contrário, a mulher deverá arcar com a culpa por eventuais problemas. Ainda assim, observa-se neste enunciado sua constituição pelo discurso médico e neoliberal sobre a maternidade, afinal, há inúmeros riscos à saúde, mas ela “não é doença” propriamente. Nessa linha de pensamento, Foucault (2018) aponta que esses procedimentos que visam a gestão da vida podem ser nomeados como “biopolítica”, a qual é constituída pelo biopoder.

O biopoder é exercido de forma sutil, quase imperceptível, e produz comportamentos que o propagam e que aguardam por técnicas mais eficientes em garantir a vida. Produz, também, os culpados, os indolentes, que não quiseram perceber que a ciência, as novas tecnologias, os governos e a mídia investem na divulgação de saberes cujo objetivo é apenas melhorar e prolongar a vida da população. (SOUSA, 2012, p. 49).

Ao pensar a maternidade e os investimentos de poder que a produzem, na contemporaneidade, torna-se possível perceber diferentes e complexos procedimentos de controle e de vigilância sobre esses corpos. Dentre essas técnicas, destaca-se o autocontrole dos atos, como visto nos trechos acima, seja para se alimentar, praticar exercícios físicos ou promover o bem estar do bebê.

Ainda, todos os cuidados médicos são rigorosamente medidos, controlados e parametrizados, desde a realização do pré-natal, com a realização de inúmeros exames até o parto. E não só após o nascimento do bebê, o controle; as medições e regras continuam durante todo o crescimento da criança e é sobre a mãe que recai o dever e as obrigações de respeitar e cumprir rigorosamente o que é posto. Há ainda uma constante vigilância em torno dos corpos e das condutas das mães, ainda mais diante dos inúmeros meios tecnológicos e digitais que surgiram nas últimas décadas, que expõem ainda mais as condutas, escolhas e rotinas das mulheres ao julgamento de um número cada vez maior de pessoas.

Outro ponto a ser destacado nos *podcasts* encontra-se na desproporcionalidade entre as obrigações, imposições e o peso que recai sobre os corpos das mães em comparação com as mudanças sentidas pelos homens a partir da paternidade. A impressão, na verdade, é que todas as mudanças e o fardo recaem exclusivamente sobre o corpo da mulher, enquanto que há quase uma invisibilidade da figura paterna nesses discursos. Não há fortes mudanças ou novas obrigações impostas aos homens no cuidado direto da saúde dos filhos, uma vez que a figura materna deve exercer esse papel, seja durante a gravidez seja após o parto.

Assim, nota-se um funcionamento discursivo que condiciona as mulheres grávidas a seguirem determinadas formas de cuidado com seus corpos, o que pode impactar também no corpo de seus bebês. No entender de Foucault (2008a), a construção de verdades só é realizada dentro de práticas de saber-poder, as quais se localizam no interior de campos de saber e de práticas sociais. Nesse viés, os efeitos de verdade em torno da maternidade circulam e funcionam apoiados por saberes e poderes da medicina e de outros campos. Nessa perspectiva, “as mães são bombardeadas com mais informações do que conseguem absorver e o conselho é sempre apresentado como o ‘melhor para o seu bebê’, porém envolve vários outros interesses (ou problemas) sociais, políticos e culturais.” (FORNA, 1999, *apud* MEYER, 2005, p. 83).

Uma vez que não há como escapar dos efeitos de poder e, na tentativa de corresponder a dada ordem do discurso sobre a maternidade, muitas mulheres buscam na literatura estratégias para melhor conduzir suas práticas, como se nota em (4) e (5); assim, os efeitos de poder passam a ser desejados por essas mães:

- (4) **Eu me lembro de ler muitos livros sobre criação de bebês e é obvio que esses livros, mesmo os mais alternativos, com o perdão da expressão, cagam um pouco de regra.** Então, era impressionante como tudo que esses livros diziam não se encaixavam na minha vida. Eu ficava tentando aplicar isso de uma forma bastante forçada, então essa coisa de: “acorde e vá amamentar na poltrona”, “espere o bebê dormir para você retomar seu sono.” Eu gastava horas nesse processo porque meu filho não saía do peito, e aí eu o fazia arrotar depois, enfim, todo esse processo. Eu lembro de me sentir muito sozinha sentada nessa cadeira de madrugada. (MÃEZONAS DA PORRA, 04’52”, 2018).

- (5) Na verdade, a minha grande expectativa pode se resumir de uma única forma: é mais ou menos o sentido de **toda essa informação que eu estou buscando pra entrar de uma forma não compulsória nesse universo da maternidade**, mas entrar com essa disponibilidade mesmo, com essa consciência de tudo isso realmente **tornar os caminhos mais fáceis**. Então, assim, teoricamente, essa é a grande questão. (05'22'', SINUCA DE BICOS, 2017).
- (6) Mas eu me lembro que, **eu, que sou uma mulher das letras, sempre li e sempre busquei soluções para os meus problemas na literatura, e buscava compulsivamente ler coisas sobre bebês e puericultura para conseguir me amparar...** lembro que uma amiga maravilhosa falou pra mim: “Martha, você não vai encontrar as respostas nos livros porque não existe um livro sobre você e seu filho.” (MÃEZONAS DA PORRA, 54'44'', 2018).

A produção dos corpos maternos em (4), (5) e (6) é construída, mais uma vez, a partir da tentativa de reprodução de um modelo ideal de técnicas e normas a respeito da maternidade moldado por uma racionalidade neoliberal, em que as mães buscam métodos que as lancem ao sucesso, isto é, cuidar de seus filhos como se fossem máquinas, minimizando prejuízos e aumentando vantagens. Mesmo que as mulheres que enunciaram nesses trechos quisessem ser conduzidas de acordo com esses guias, nota-se que há sempre algo que lhes escapa, fracassando, pelo menos em partes, a tentativa de se encaixar de maneira plena em determinado padrão. Tal movimento coloca em jogo uma outra forma de construir sua subjetividade, a qual este trabalho visa descrever, a maternidade “real”.

O modelo imposto nas sociedades contemporâneas em que a mãe ideal consegue conciliar o trabalho fora do lar com o cuidado dos filhos, cumprindo, assim, uma dupla jornada, está longe da realidade de inúmeras mulheres que não possuem nenhum ou quase nenhum amparo social. Destacam-se, nessas jornadas, as mães das classes sociais menos favorecidas, as mães solo, enfim, uma imensidão de mulheres que estão distantes de alcançar o modelo ideal e cumprir com todas as tarefas e obrigações impostas, aumentando ainda mais suas angústias diante dos fracassos⁶⁵.

Nessa linha de pensamento, interrogar quais efeitos de verdade essas mães produzem ao falarem de si abre a possibilidade de compreender aquilo que tem sido denominado como “maternidade real” na sociedade contemporânea. De uma maneira geral, as relações de saber-poder que produzem efeitos na subjetividade dessas mulheres passam pela desessencialização materna, de modo que a maternidade possa ser exercida de uma outra forma. Mesmo assim, o

⁶⁵ Como exemplo do desamparo vivenciado por muitas mulheres, destacamos a entrevista de Jair Bolsonaro que defende haver diferenciação salarial para mulheres pela possibilidade de engravidarem. Ver mais em: < <https://gauchazh.clicrbs.com.br/politica/eleicoes/noticia/2018/10/o-que-bolsonaro-disse-sobre-salarios-e-direitos-trabalhistas-de-mulheres-em-entrevista-concedida-a-zero-hora-em-2014-cjn585nmv04f901pi6ioxn6bv.html> > Acesso em 04 out. 2022.

que se nota é que seja antes, durante ou após a gestação, o corpo da mãe continua a ser docilizado de modo a responder a determinado funcionamento social. Assim, compreende-se que esses incômodos e dúvidas discursivizados por essas mulheres refletem os efeitos de saber-poder que engendram sua própria constituição. É o que observamos no excerto (7):

(7) **Foi a partir do momento em que eu me vi grávida que todas essas questões explodiram na minha cabeça.** Como ia ser o meu parto, como ia ser a criação... e o parto, na verdade, acho que foi o primeiro impacto pra mim, porque sou filha de cesárea, numa família de cesáreas, todas assim: “ah, essas mulheres não têm dilatação, então vamos para a cesárea.” Eu tinha tanto pavor da dor do parto quanto da ideia de alguém abrir a minha barriga e mexer dentro de mim eu estando consciente. (SINUCA DE BICOS, 16’24’’, 2017)

Na esteira disso, ao definir as formas de poder, Foucault (2008a) explica que o poder só pode ser exercido sob sujeitos livres, isto é, aqueles que podem aceitá-lo ou resistir a ele. Sendo assim, as mulheres que resistem a essas regras de conduta fortemente consolidadas a partir de discursos masculinos e optam por outras formas lidam frequentemente com a culpa, a solidão e diversos julgamentos, como mostram os enunciados abaixo (8) e (9). Dessa maneira, “os enunciados que constroem o biopoder acabam efetuando alguns ‘tiros que saem pela culatra’, provocando a intransigência de alguns em relação a outros, a discriminação daqueles que não se encaixam nas normas do corpo magro, sadio, bonito e feliz.” (SOUSA, 2012, p. 53).

(8) **É uma sensação de solidão muito profunda. Primeiro, para mim, acho que quando eu tive meu primeiro filho, o choque foi perceber como ser mãe é ser sozinha, porque parece que é um cargo muito alto, né?** As decisões, em última instância, elas são tomadas por você. E isso desde a gestação, do parto, claro, aí a gente sempre falando de um viés feminista que é de onde a gente fala. Mas é isso. Se você se coloca dessa forma em que você quer tomar as decisões sobre o seu corpo, em última instância, é sempre você que vai tomar essa decisão. É solitário. (3’29’’ MÃEZONAS DA PORRA, 2018).

(9) No final da minha gestação era uma encheção de saco tão grande, de “onde você vai parir?” Eu ia parir em casa. **Eu não queria falar para ninguém que ia parir em casa porque só de eu falar da casa de parto já foi um reboiço na minha família.** E aí quando eu decidi parir em casa foi: não vou falar para ninguém sobre isso. Mas aí todo mundo: “ah, mas em que hospital?” que hospital? Aí eu falei: “gente, se alguém me perguntar mais uma vez eu vou para o meio do mato, achar uma índia na beira do rio e vou parir no meio do mato. Não me perturbe mais!” (SINUCA DE BICOS, 17’26’’, 2017)

Considerando que os enunciados não existem isoladamente, mas inseridos em uma rede complexa de relações (FOUCAULT, 2014a), os trechos (8) e (9) denunciam a racionalidade patriarcal, na qual a mulher não pode ter domínio pleno sobre si, uma vez que, para essa lógica, a mulher é um ser inferior e dependente de outrem. Ao mesmo tempo, esses dizeres atualizam

as tensões reivindicadas pelos movimentos feministas⁶⁶, os quais têm sido cada vez mais amplificados na contemporaneidade. A vista disso, a resistência a essas práticas cristalizadas mobiliza redes de saber-poder em torno da vida dessas mães que, nesse caso, estão associadas ao discurso de gênero presente na ordem do discurso feminista assim como ao discurso econômico forjado pelo sistema capitalista, como mostra o enunciado (10):

(10) **Nunca vi, na minha vida, como as pessoas tendem a se intrometer na amamentação prolongada dos outros.** Então, eu também quero deixar claro aqui que amamentei a Pietra por sete anos, e esses sete anos são muitos dias, são 3 mil dias, - porque ela fez a gente contar outro dia – e claro, teve muitas intempéries nesse caminho. (...) **A gente vive em um conceito de desmame. A gente vive um assédio das empresas. Então a fórmula está aí, a chupeta está aí. A gente fala que os apetrechos que estão associados ao aleitamento todos aí para assediar a mulher desde o hospital.** Então, hoje a gente tem, infelizmente, dentro do hospital, um *boom* de recomendação de fórmula infantil e de bicos artificiais. (MATERNIDADE REAL, 09’50’’, 2021)

No trecho acima, percebe-se também os jogos de poder-saber que atravessam a subjetividade dessas mulheres. Ao olhar para a (des)continuidade da história e a produção de verdades, nota-se uma transformação a maneira com que a amamentação tem sido tratada pelos saberes médicos. Se outrora a amamentação natural tenha sido desestimulada pela comunidade médica, assentada na dinâmica das famílias europeias do século XVIII cujo hábito era a contratação de amas-de-leite para os filhos (BADINTER, 1985), com a expansão do movimento higienista⁶⁷ em meados do século XIX, o aleitamento materno adquire seu estatuto de verdade, contribuindo para a transformação das práticas maternas.

É o aleitamento que está no cerne da revolução materna a que assistimos nos últimos vinte anos. Imperceptível, mas firmemente, ele ganha cada vez mais adeptos no mundo ocidental. Esse gesto milenar, longe de ser anódino, exprime uma filosofia da maternidade que condiciona a situação da mulher e seu papel na sociedade. Nos anos 1970, ele é trocado pela mamadeira, o que permite às jovens mães continuar a trabalhar; as que amamentam, então, constituem uma pequena minoria. (BADINTER, 2011, p. 57-58).

⁶⁶ O tema da maternidade esteve bastante presente nas discussões e no ativismo político do começo da Segunda Onda do feminismo. De acordo com Pedro (2013, p. 256, nota de rodapé), “Costuma-se definir como Primeira Onda o movimento feminista que, no final do século XIX e início do XX, reivindicava para as mulheres direitos políticos (votar e ser eleita), direito à educação com currículos iguais aos dos homens e ao direito ao trabalho remunerado com salário igual por trabalho igual. “Segunda Onda” denomina o movimento iniciado a partir de meados dos anos 1960 e que acrescenta reivindicações referentes à sexualidade (direito ao prazer), ao corpo (aborto e contracepção).”

⁶⁷ Foucault (1999) explica que essa transformação no campo da medicina está diretamente ligada à esfera biopolítica da sociedade, uma vez que a noção de higiene passa a ser central no controle da vida, da morte e das doenças da população.

Essa transformação no modo com que a amamentação era tratada se tornou importante ferramenta para a mudança no modo de vida da população, a qual agora busca a majoração da vida, uma vez que ela produzirá riquezas para o Estado. A produção de subjetividades maternas, nessa perspectiva, é (re)construída dentro de uma racionalidade neoliberal que busca maximizar o custo-benefício do capital humano (RAGO, 2018). Na concepção de Foucault (2008c, p. 334),

(...) os neoliberais procuravam explicar, por exemplo, como a relação mãe-filho, caracterizada concretamente pelo tempo que a mãe passa com o filho, pela qualidade dos cuidados que ela lhe dedica, pelo afeto de que ela se prova, pela vigilância com que acompanha seu desenvolvimento, sua educação, seus progressos, não apenas escolares mas físicos, pela maneira como ela o alimenta, mas como ela estiliza a alimentação e a relação alimentar que tem com ele – tudo isso constitui, para os neoliberais, um investimento, um investimento mensurável em tempo, um investimento que vai constituir o que? Capital humano, o capital humano da criança, capital esse que produzirá renda. Essa renda será o que? O salário da criança quando ela se tornar adulta. E, para a mãe, que investiu, qual renda? Bem, dizem os neoliberais, uma renda psíquica.

Está lógica neoliberal é observada nos apontamentos feitos por Meyer (2000) a partir da análise do Manual de Manejo e Promoção do Aleitamento Materno, documento elaborado pelo Ministério da Saúde, com apoio da OMS/OPAS/UNICEF, e entregue aos hospitais pelo país. A autora reflete que no Manual são listadas supostas vantagens às mães, aos bebês e a sociedade com o aleitamento materno, destacando-se neste último ponto proveitos essencialmente de cunho econômico-financeiros como, por exemplo, a economia ao se evitar os custos de uma alimentação artificial com fórmulas, a economia com água e combustível e, ainda, o tempo poupado ao diminuir a frequência das consultas médicas, uma vez que a criança adoeceria menos. Neste último exemplo, o Estado ainda economizaria com os custos das consultas, hospitalizações e demais serviços médicos, além de haver um controle de natalidade.

Ao enunciar que “a gente vive um conceito de desmame”, o sujeito que fala em (10) (re)atualiza os efeitos de sentido a respeito da inserção das mulheres mães no mercado de trabalho, as quais muitas vezes recorrem aos bicos artificiais para manter seus empregos. Ao mesmo tempo, ele mostra uma lógica de consumo⁶⁸ própria do sistema capitalista moderno, que captura o indivíduo lhe prometendo a solução para suas necessidades, nesse caso, facilitar o processo de amamentação e de cuidados com o bebê.

⁶⁸ No entender de Bauman (2009, p. 110), “a vida dos consumidores é uma infinita sucessão de tentativas e erros. É uma experimentação contínua, mas não de um *experimentum crucis* capaz de conduzi-los a uma terra de certezas mapeadas e sinalizadas de modo fidedigno.”

(11) **Amamentar é resistir. Resistir à chupeta, porque é um assédio sem tamanho da família. É resistir ao conceito de desmame, porque a fórmula está incutida dentro da maternidade. Então a gente já sai com essa listinha de dentro da maternidade.** É resistir a esse conceito de que exclusividade não precisa ser seis meses, né? Pode ser indução precoce de alimentos. É resistência pura mesmo. (...) amamentar é uma forma de resistência mesmo, com certeza. É muito penoso porque é lidar com pessoas dizendo que o leite é fraco, que o bebê chora porque está com fome, quando, na realidade, o menor dos motivos é a fome. (MATERNIDADE REAL, 01'57'', 2021)

A vista disso, a resistência mencionada pelas participantes do podcast aponta para uma prática materna que recusa a lógica capitalista que vende a solução para os dilemas maternos, ao mesmo tempo que reforça uma ideia de competição entre as próprias mães, afinal, nessa ótica, aquelas mães que não conseguiram amamentar naturalmente e aderem aos métodos artificiais são estigmatizadas. Percebe-se, então, em (10) e (11) que a relação entre resistência-amamentação fixa regiões de sentido em que os termos “conexão”, “cuidado”, “vínculo” e “simbiose” poderiam funcionar como sinônimos para descrever essa prática.

Aponta-se, ainda, para o fato de que essa competição certamente será desigual, uma vez que os diferentes contextos políticos, socioeconômicos e culturais possibilitam diferentes condições para o sujeito ser capaz de agir de certa maneira ou pôr em prática essa resistência. Diversas circunstâncias podem influenciar decisivamente para atrapalhar ou mesmo impedir a amamentação, desde as obrigações inadiáveis com o trabalho para as mulheres mais pobres que não possuem outras alternativas de se manterem, até condições clínicas como a depressão pós-parto. Assim, mesmo diante dessas desigualdades, a competitividade se instala entre as mães dentro da lógica neoliberal. Nesse sentido:

Enunciando um discurso individualizante que aposta na competitividade e que valoriza a liberdade e o risco, a razão neoliberal valoriza uma suposta autonomização das mulheres no próprio plano da subjetividade, incitadas a tornarem-se ‘empresarias de si mesmas’, livres para consumirem e assumirem todos os riscos de seus passos. (RAGO; PELEGRINI, 2019, p. 11).

Ainda, dentre essa disputa entre verdades a respeito da maternidade e seu forte vínculo com a emancipação feminina operada pelos movimentos feministas, nota-se que o discurso neoliberal captura essas pautas, produzindo como efeitos o “empresariamento de si”, como pode ser observado em (7) e (12):

(12) **Já estava certo que eu queria cesárea, uma opção minha, tá? E tá tudo bem. Vamos deixar bem claro: cada mãe, cada mulher escolhe o que quer.** Eu tinha deixado claro para mim que se, vamos supor, se eu chegasse na maternidade com de 7cm para cima de dilatação eu tentaria um parto

normal e tudo mais. E aí depois de um tempo eu mudei e quis fazer uma cesárea. Conversei com minha médica e a Eva nasceu super saudável, de cesárea, porque eu quis. (POD, MÃE, 31'01'', 2022)

Por fim, todas as práticas e discursos que envolvem a maternidade estão impregnados de mecanismos de controle social e disciplinamento, os quais são construídos e consolidados ao longo da história, razão pela qual faz-se necessário o estudo e aprofundamento dessas questões. No próximo tópico, veremos essa construção dos discursos que vinculam a maternidade com a condição feminina.

4.3.2 *Corpo-normatizado: o desejo pela maternidade*

Conforme explicitado anteriormente, em diversos períodos da história da humanidade, a mulher foi fortemente associada a suas características reprodutivas, fazendo delas sua única vantagem em relação aos homens. Nesse sentido, não é incomum observar a circulação de dizeres que reatualizam esses sentidos já cristalizados. De um modo geral, nos enunciados recortados dos *podcasts* em análise, percebe-se a ocorrência de questões em torno de uma forma compulsória de viver a maternidade, fortemente ligada às questões reprodutivas e morais. Assim, muitas vezes, a subjetivação dos corpos femininos passa por um ideal construído culturalmente em torno da maternidade, o qual se pode relacionar a uma maternidade idealizada, isto é, aquela em que a mulher deseja ser mãe, por, supostamente, crer que esta é sua função de existência.

No entender de Scavone (2001), as transformações no conceito de família e suas relações com as questões de gênero contribuíram para que o papel social da mulher enquanto mãe fosse perpassado por contradições que englobam, também, o processo de industrialização e a inserção dessas mulheres no mercado de trabalho. Nos episódios em análise, observa-se que o desejo pela maternidade é um tema bastante recorrente, ainda que a expectativa idealizada e a realidade vivida sejam alvo de críticas e reflexões, como se nota nos trechos abaixo:

(13) Eu não ouvia muito as pessoas falarem que o momento em que o bebê nascia era complicado. Então, **eu tinha muito o sonho de der um filho, eu estava pensando muito naquele momento**. Então, eu imaginava que quando ele nascesse eu ia viver dias lindos com ele no meu colo, e aqueles momentos maravilhosos de realização, de plenitude e tudo mais. E, obviamente, me surpreendi muito com aquela vida real. Com aquele peito cheio de leite, rachando, sangrando, dormindo super pouco, enfim, aquele quadro do puerpério que a gente conhece tão bem, né? (0'51'' MÃEZONAS DA PORRA, 2018).

(14) O que eu quero falar é que, assim, mesmo a gente se preparando... Eu e o João, a gente não estava se programando para ter filhos, **mas eu já estava morrendo de vontade de ter**. Então eu estava lendo muita coisa, pesquisando, vivendo experiências junto com o meu irmão no nascimento dos meus

sobrinhos e tal. Mas eu achei que eu estava, sabe, assim, sabendo de bastante coisa, já preparada. Cara, quando acontece a treta é bem diferente. (14'36'', SINUCA DE BICOS, 2017).

(15) É uma loucura, né? Porque, gente, foi planejado, mas a gente nunca está preparada realmente quando a criança nasce. Mas estou amando! Quando a gente fala assim, “você está pronta para ser mãe?” acho que não existe, né? Eu acho que **todo mundo tem que ter essa experiência. Tem que ter. Eu amo esse momento que eu estou vivendo e aconselho as pessoas, as minhas amigas, a terem filhos. Porque é um momento muito especial da mulher mesmo, construir uma família e ter todo aquele laço. Eu acho que é muito importante.** (04'07'', POD, MÃE, 2022)

(16) A minha mãe é dona de escola infantil. Então, eu fui criada nesse universo que tem traços da maternidade, sempre dos filhos dos outros. Isso sempre foi uma pulguinha muito grande na minha cabeça. **Eu sempre tive, sei lá, uma intuição, uma coisa ali dentro que me dizia que o dia que eu tentasse ser mãe ia ser como florescer mesmo.** Teria que me repensar, me remodelar inteira, me rever toda, pra estar mais preparada, para, de uma forma consciente, me dispor a esse momento. E ao foi exatamente o que aconteceu, com a idade, com o meu casamento. Eu achei a pessoa que eu gostaria de dividir esse momento efetivamente na minha vida. Aí chegou e **foi inevitável.** (09'07'', SINUCA DE BICOS, 2017).

Em todos os trechos acima, observa-se uma posição-sujeito “mãe-desejante” que corrobora com a ideia de que a mulher deva se submeter a viver a maternidade em algum momento de sua vida. Tais enunciados trazem à tona discursos morais, dentre os quais a vivência da maternidade é capaz de engrandecer o espírito e promover realizações pessoais, como nos excertos (13) “aqueles momentos maravilhosos de realização, de plenitude e tudo mais” e (15) “é um momento muito especial da mulher mesmo, construir uma família e ter todo aquele laço.” No enunciado 15, especificamente, é possível perceber com mais clareza a articulação de um domínio ligado às práticas religiosas, em que a figura da família tem grande importância. A vista disso, pode-se associar que o discurso religioso representado pelo mito de Maria, isto é, uma mulher isenta de sexualidade e incondicionalmente devota a seu filho, representa uma das diversas modalidades de normatização da maternidade, uma vez que esse discurso coloca em circulação sentidos que enfatizam virtudes (sobre)naturais das mães, o que constitui, assim, parte dos modos de subjetivação maternos na contemporaneidade (MARCELLO, 2003).

Mesmo assim, no trecho 4, assim como nos trechos 13 e 14, a realidade que essas mulheres viveram não aparenta ser da ordem sublime, tampouco pôde ser apreendida por meio de pesquisas e leituras de tratados médicos. A vista disso, nota-se uma quebra de expectativas entre o que essas mulheres julgaram ser a maternidade antes de gestarem com aquilo que elas de fato presenciaram após o nascimento de seus filhos. De uma maneira ampla, é preciso que as mulheres queiram ser mães. Conseqüentemente, para que o desejo de gestar habite o imaginário das mulheres, a árdua realidade pelas quais elas irão viver não deve ser ventilada como seus

benefícios. Para Badinter (2011, p. 102), esse conflito está fortemente ligado às formas contemporâneas da sociedade e ao modelo econômico neoliberal, uma vez que:

(...) a maioria das [mulheres] ocidentais tem em princípio a possibilidade de escolher entre os interesses de mulher e o desejo de maternidade. Por um lado, elas querem os meios de independência, a possibilidade de se afirmar profissionalmente e uma vida conjugal e social realizadora. Por outro, a experiência da maternidade e todas as alegrias e o amor que uma criança encarna. Em resumo, como dizem as americanas: *To have it all*, ter tudo isso. Para alcançar esse ideal, elas têm filhos mais tarde e em menor número. Porém, desde o nascimento do primeiro, elas se veem na posição de negociadoras de sua dupla identidade.

A respeito desses conflitos e dilemas os trechos (17) e (18) complementam essa discussão:

(17) **O meu filho foi um processo super duro. No fim da gestação, eu já estava sentindo uma tristeza. Foi um filho muito desejado, muito!** Então foi meio chocante quando eu me vi de 34, 35 semanas. De repente [sic] panicada: esse filho vai nascer, e agora? Vai estragar minha relação com meu marido. Vai mudar tudo e tal. E aí é muito louco porque não estragou, mas olha... [risos] foi intenso sim. A gente viveu momentos de muitas emoções também na relação entre nós dois. (12'43'' MÃEZONAS DA PORRA, 2018).

(18) A grande questão da maternidade, que é: a gente quando pensa em ser mãe, tem toda uma expectativa de como vai ser esse momento, desde como vai ser o momento da nossa gravidez, como vai ser o parto, de como vai ser o cuidado com essa criança e quando acontece, acontece tudo diferente, né? **A realidade é completamente diferente.** (04'50'', SINUCA DE BICOS, 2017).

De certa maneira, são esses e outros dizeres que compõem parte de uma rede discursiva na qual é possível inscrever aquilo que temos denominado como “maternidade real”, afinal, esses conflitos pelos quais essas mulheres refletem suas existências passam por uma negociação identitária que engloba tanto as necessidades da criança como suas próprias necessidades, sejam elas profissionais ou não. Nesse viés, a maternidade se constitui nesse hiato entre a mulher e a mãe. Portanto, o “(...) espectro da mãe má se impõe a ela tanto mais cruelmente quanto inconscientemente ela interiorizou o ideal da boa mãe.” (BADINTER, 2011, p. 103).

Optar por ser mãe não garante, como inicialmente se acreditou, uma melhor maternidade. Não apenas porque a liberdade de escolha talvez seja um embuste, mas também porque ela aumenta consideravelmente o peso das responsabilidades em um tempo em que o individualismo e a “paixão de si” nunca foram tão poderosos (BADINTER, 2011, p. 20).

Na visão foucaultiana, o controle das condutas por meio da biopolítica se materializa a partir do controle dos corpos, sejam eles individuais (corpo físico) ou coletivos (corpo social). Nesse sentido, a gestão da vida atravessa amplamente os corpos das mães, uma vez que é por

meio deles que a sociedade pode se perpetuar. Assim, o que se produz a partir da atuação desses poderes é uma disputa em torno da sexualidade feminina e da gestão da vida da população. “Como a função materna é um pilar da sociedade e da força dos Estados, torna-se um fato social. A política investe no corpo da mãe e faz do controle da natalidade uma questão em evidência.” (PERROT, 2007, p. 69).

A respeito disso, os discursos científicos são colocados mais uma vez em circulação, afinal é necessário que as mulheres tenham filhos em tempo hábil para a manutenção dos Estados, sendo assim, os discursos médicos operam na defesa de que há um relógio biológico para a reprodução humana, como é o caso dos trechos (19) e (20):

(19) Fui fazer meu doutorado fora, e sempre falava: “filhos só depois do doutorado”. Voltei pro Brasil em 2010, a gente se casou em 2011. **Aí falei: pronto! Agora vou engravidar e vou ter filhos, e o que aconteceu? Aconteceu a infertilidade.** Aconteceu que eu não engravidava. Não deu certo, quer dizer, nem no melhor dos planos a gente não consegue controlar. (12’37’’, SINUCA DE BICOS, 2017).

(20) Ela foi uma criança extremamente planejada. **Eu queria ser mãe e tudo bem, eu já tinha 34 anos, eu casei com 31, esperei um pouco e engravidei. A primeira gestação eu perdi.** Acho que isso é um assunto que devemos debater aqui. De não desanimar. É normal. É muito mais normal do que a gente pensa, tá? Lógico que, **quando você perde, você fala: “e agora? Não vou conseguir ser mãe!” É um drama.** Você tem que passar o luto. Eu acho que não é fingir que está tudo bem e seguir, não, não. É o luto, sim. Você fica triste sim. **Você se sente incompetente, pelo menos, para mim, eu me senti incompetente.** (21’07’’, POD, MÃE, 2022).

De um modo geral, nota-se que há um efeito de verdade que incide sobre essas mulheres, fazendo-as desejarem ser mães o mais rapidamente possível e, nos casos em que a gestação não segue adiante (20), instala-se na mulher um sentimento de que sua função não fora cumprida do modo adequado. O campo associado no qual esses enunciados se inserem aponta, assim, para as práticas em torno da moral e dos costumes arraigados em nossa sociedade, as quais qualificam o corpo da mulher e sua capacidade reprodutiva conforme sua idade. Nesse viés, as mães aparentam ser incompetentes, pois não correspondem com o que a sociedade espera de seus corpos. Além disso, em (19) e (20), é possível observar posicionamentos em que essas mulheres sofrem uma certa coerção para se tornarem mães o quanto antes, inserindo-as na ordem do discurso médico, isto é, com valor de verdade cientificamente comprovada.⁶⁹ Observa-se, assim, que “se

⁶⁹ Destacamos, também, que grande parte dessas mulheres que sofrem com infertilidade e/ou perdas gestacionais recorrem à medicina (e, portanto, continuam inseridas na ordem do discurso científico) para solucionar tais entraves. Para Reis (2008, p. 16), “o objetivo de cada mulher, de ser sujeito de suas escolhas no campo da procriação, para a maioria, ainda está longe de ser atingido. A fecundação, a gestação e o parto tornaram-se objetos de intervenção biomédica, de uso cada vez mais intensivo de tecnologias, fenômenos, portanto, sujeitos a disputas desiguais de poderes.”

materializa sobre o corpo feminino o peso de seu gênero, o peso de seu útero. Tal peso encontra reforço em toda teia familiar que acaba por transmitir representações tradicionais de gênero que articula a felicidade feminina com a maternidade.” (VASQUEZ, 2014, p.105).

Por outro lado, essa coerção exercida sobre as mulheres exerce e reforça sentidos de que aquelas que não podem/querem gestar são corpos em falta, corpos menos “femininos”. Além disso, ao levar em consideração uma racionalidade neoliberal que fundamenta as bases das sociedades contemporâneas, a manutenção das taxas de fertilidade/natalidade é essencial para a sobrevivência do próprio sistema. Nesse sentido, os enunciados acima apontam que o desejo em se tornar mãe passa pelo dilema de ser ou não mãe e o que tal dilema implica.

Os motivos da escolha da maternidade podem estar ligados a inúmeras causas que, isoladas ou conjuntas, se explicariam no ponto de interseção do biológico, do subjetivo e do social: o desejo atávico pela reprodução da espécie, ou pela continuidade da própria existência; a busca de um sentido para a vida; a necessidade de uma valorização e de um reconhecimento social (como no caso de algumas mães adolescentes, ansiosas por ocupar um espaço de maior respeitabilidade na sociedade); o amor pelas crianças; a reprodução tradicional do modelo da família de origem, entre outros. (SCAVONE, 2001, p. 50).

Nessa linha de pensamento, a teoria feminista tem bastante influência no que se refere à possibilidade de escolha da maternidade, principalmente pela luta pelos métodos contraceptivos e o direito ao aborto. De acordo com Scavone (2001), as correntes do feminismo são elementos que contribuíram para a politização da maternidade, opondo-se a uma visão de maternidade puramente biológica e compulsória. Em (21), essa possibilidade de escolha da maternidade se mostra com mais clareza e coloca luz em torno das disputas discursivas que compõem a subjetividade das mulheres a respeito desse tema:

(21) O interessante que eu queria comentar é que, assim, muitas pessoas dizem: “aí, eu sempre quis ser mãe, eu sempre tive essa expectativa na minha vida”. **Eu nunca quis ser mãe. Nem pensava nisso, assim. Era uma coisa muito abstrata. Não era uma coisa que era uma prioridade – vou fazer e tal. E aí chegou um momento da vida que foi um *baby boom*, né? não sei se todo mundo passou por isso, mas na minha vida de repente começou a ter um *baby boom*. Todo mundo começou a ter filho ao meu redor. A minha família, as amigas, todo mundo começou a ter bebê. A minha sobrinha nasceu mais perto de mim, assim. Aí eu comecei a ouvir falar sobre criação de filhos, troca de fraldas (...) (7’30”, SINUCA DE BICOS, 2017).**

Se, supostamente, cabe à mulher poder escolher ser mãe, seja por meio de procedimentos médicos que a levem à gestação (nos casos de infertilidade, abortos espontâneos e outros) seja por meio do (des)uso de métodos contraceptivos, nenhum deles garante que o vínculo entre uma mãe e seu filho será transcendental. Badinter (1985) assevera que o discurso

em torno do amor materno, isto é, o vínculo intrínseco e incondicional estabelecido entre as mães e seus filhos, é um conceito elaborado e permeado pelos saberes filosóficos, médicos e políticos em meados do século XVIII. Portanto, não deve figurar como única modalidade de experienciar a maternidade. A autora também explica que essa concepção está atrelada ao surgimento da noção de infância e a necessidade de reduzir a mortalidade infantil da Europa medieval. Essa concepção também leva em consideração que associar as práticas maternas como algo instintivo e natural da natureza feminina reforça a manutenção de uma ordem econômica burguesa na qual cabe à mulher o cuidado com a casa e a prole.

Em (22) e (23) observamos a forma como os sentidos em torno do desejo pela maternidade são reatualizados e postos em circulação, em outras palavras, trata-se da construção e perpetuação da noção de sentimento materno (BADINTER, 1985). Assim, apesar de seus atributos biológicos, a maternidade tem sido construída também por discursos que perpassam questões médicas, morais e religiosas, o que novamente remete às tecnologias da biopolítica (FOUCAULT, 2018). Nesse viés, “a maternidade e o sujeito-mãe são efeitos de discursos e de contingências sociais, culturais e econômicas específicas e, portanto, não são simplesmente aspectos da natureza.” (VASQUEZ, 2014, p. 106).

Nos excertos abaixo, a construção discursiva aponta para um sujeito fragmentado entre o ser mãe e exercer o amor materno – e todo peso cultural que envolve essa carga – e ser mulher, livre para realizar escolhas e trilhar caminhos. A partir da discursivização de si, essas mulheres enunciam que suas experiências maternas não se encaixam de maneira plena no discurso dominante, pois estão sempre fluindo entre dois polos: a mãe por excelência e a mulher feminista.

(22) Uma frase que, pra mim, caiu perfeitamente, é: **“amo meu filho e odeio ser mãe.”** Acho que o objetivo desse *podcast* tem muito a ver com isso. Você não precisa, tá? Não estou falando que você precisa odiar seu filho, não! Você pode amar, isso não é obrigatório. Você não precisa amar maternar, amar tudo que envolve. Não. Você pode também não gostar alguns dias ou pode não gostar sempre. **A gente tem também uma certeza de que a gente também não ama o filho todo o santo dia e todos os santos minutos, como em todas as nossas relações.** (33’36”, TETAS NA MESA, 2019).

(23) Inclusive a minha sensação quase que diária, do final do dia, depois que a Maria Flor sai da escola (escola que graças a deus voltou das férias) quero que ela durma logo porque eu quero agora ficar em casa quieta ou que seja para ver televisão, pra ler um livro, pra meditar, pra comer, e às vezes eu me sinto culpada e acho que muitas mães também. Tipo: “nossa, a criança já estava na escola e agora você quer que essa criança durma.” Sim, está tudo bem. **A gente continua amando eles. A gente continua querendo ser mãe deles. A gente não quer ainda mandar eles para adoção só pelo fato de que a gente não estar pensando neles 100% do tempo.** A gente precisa quebrar esses conceitos e

preconceitos sobre o que acontece com uma mulher quando ela se torna mãe. (31'48'', TETAS NA MESA, 2019).

Depreende-se, então, que há um funcionamento discursivo que estabelece às mulheres determinadas condutas maternas, operacionalizando um exercício de poder que faz a manutenção do que tradicionalmente se espera da maternidade, produzindo um efeito de imutabilidade dessas práticas. Contudo, os enunciados destacados mostram que, para essas mulheres, o discurso verdadeiro em torno da maternidade funciona de outra maneira, sobretudo, pela desconstrução desses padrões estabelecidos e moldados pela sociedade.

Na perspectiva foucaultiana, as relações de poder e as formas de resistência são duas faces de uma mesma moeda e, portanto, não podem ser dissociadas. Isso implica admitir que toda resistência se configura em um dado exercício de poder. Conseqüentemente, a resistência se opõe “aos efeitos de poder que estão ligados ao saber, à competência e à qualificação”, mas também ‘ao mistério, à deformação e a tudo o que pode haver de mistificador nas representações que se impõem às pessoas.’ (FOUCAULT, *apud* SOUZA, 2017, p. 119).

Ao partir de uma compreensão na qual toda produção discursiva é circunscrita por relações de poder/saber, os discursos postos em circulação nos excertos acima produzem as mães a partir do embate entre regimes de verdades relacionados à maternidade. Se, por um lado, o regime de verdades idealizado subjetiva as mulheres a ponto de fazê-las desejarem ser mães, por outro, vê-se a emergência de um regime outro em que essas mulheres se recusam a acatar todas as práticas tidas como ‘maternas’. Sendo assim, o regime de verdades que torna possível o processo de subjetivação dessas mulheres aponta que não é necessário viver em função de seus filhos, assim como não é preciso abdicar-se de suas aspirações e interesses.

Especificamente em (23), é interessante notar como o sentido da adoção aparece e produz significações. Ao mesmo tempo que o sujeito enunciatador reivindica seu lugar enquanto uma mulher capaz de ter uma vida além dos filhos, o aparecimento do trecho “*A gente não quer ainda mandar eles para adoção só pelo fato de que a gente não estar pensando neles 100% do tempo*” funciona de modo irônico e retoma uma rede de enunciados em que o amor materno é tido como algo natural da condição feminina, uma vez que mandar o filho para a adoção significaria abandoná-lo à própria sorte⁷⁰. Nesse viés, no trecho (23), há uma visão de que as

⁷⁰ Nas sociedades europeias do séc. XVII e até mesmo no Brasil colônia (séc. XIX), uma das formas mais comuns de abandono era a Roda dos Expostos, que “consistia em um mecanismo giratório que continha um vão ligeiramente estreito junto à parede frontal de um hospital ou casa de saúde. Neste pequeno espaço, tornava-se possível deixar uma criança para que fosse criada geralmente por freiras e religiosas que trabalhavam nestes hospitais ou nestas casas de saúde.” (MARCELLO, 2003, p. 42)

mulheres que encaminham os filhos para a adoção são pessoas que não amam seus filhos, excluindo as inúmeras causas que podem justificar tal decisão, como a miséria e a fome.

O regime de verdades que permeia o processo de subjetivação dessas mães também coloca em circulação dizeres que apontam para o lugar dos homens/pais nessa disputa discursiva. Conforme mencionado na subseção anterior, há uma desproporcionalidade entre as obrigações impostas às mães e o papel dos pais diante das demandas que um bebê requer.

(24) **A gente realmente até queria, mas a gente não deixou de ser mãe. A gente ter saído pra beber e fazer coisas que para os homens é dado, é muito simples, não é questionado em nenhum momento a necessidade daquilo para vida deles.** (29'01'', TETAS NA MESA, 2019).

(25) **Para os homens, eu acho que cai muito em um lugar de, como eles foram criados culturalmente para, meio que substituir a mãe pela mulher e esperar que aquela mulher cuide um pouco dele.** De repente, essa mulher está com os cuidados deslocados para um bebê. Então eu acho que, o homem, especialmente se ele não está aberto para se repensar, se reconstruir, para repensar os papéis de gênero e tal, ele se sente nesse lugar. “qual é minha função agora que ela só tem olhos para esse bebê e não mais para mim? eu não posso ajudar” Porque, claro, pensando pela lógica cultural e machista é como se ele não tivesse nada para fazer com esse bebê, afinal, ele vai trocar fraldas ou ficar com o bebê enquanto a mãe dorme? Imagina... (32'22'', MÃEZONAS DA PORRA, 2018).

(26) **Agora imagina a grande parte das mães que criam seus filhos sozinhas, que não tem a família por perto, que sustenta esse filho 100% da renda vem dela e que não sente que merece esse chopp semanal, né? Esse é um ponto também. A gente tem o apoio, mas fica naquela: ai, gente, mas eu vou deixar o meu filho pra fazer uma coisa só para mim? Vou ser menos mãe.** Mãe de merda. “nossa, você é mãe, que coisa de puta.” Imagina, largar o filho e ir pro bar beber. Você passou batom, ainda? Mais puta ainda. Gente, é bizarro. E a gente ainda passa por isso, assim. Então você imagina a grande maioria das mulheres que tem ainda mais dificuldades pra ter esse momento de respiro, de conversa. (27'28'', TETAS NA MESA, 2019)

Nos trechos acima, nota-se o imbricamento de algumas questões de gênero e sua relação com a maternidade, como, por exemplo, a definição dos papéis sociais masculino e feminino nos âmbitos privados e públicos das sociedades. Em (24), por exemplo, observa-se que há um comportamento masculino naturalizado – sair para beber - e esse mesmo comportamento, ao ser executado por uma mulher, gera julgamentos e comentários maldosos. Do mesmo modo que, em 25, é imputado à mulher que cuide de seu marido tal como ela cuidaria de um filho, reforçando uma lógica patriarcal na qual as mulheres são responsáveis pelo cuidado não só dos filhos, mas de toda a família no âmbito privado. A vista disso, os estudos feministas contribuíram para a (re)discussão do lugar do homem/pai, produzindo inquietações que são reverberadas nas falas das mulheres dos *podcasts* em análise.

O feminismo, ao questionar a clássica distinção entre o privado e o público, com o slogan “o pessoal é político”, colocou em debate, nas arenas acadêmica e política, temas relacionados à família, à sexualidade, ao trabalho doméstico, à divisão sexual do trabalho e ao cuidado com as crianças como capacidade inata da mulher, que antes não eram, aí, considerados. Com a (hoje) antológica frase de Simone de Beauvoir (1980) de que não nascemos mulheres, mas nos “tornamos” mulheres, o feminismo também colocou em xeque o pressuposto biologista que permitia inscrever o feminino no sexo anatômico e passou a prestar atenção nos modos pelos quais, no âmbito social e da cultura, somos produzidos e educados como sujeitos de gênero. (MEYER, 2005, p. 85).

Nessa linha de pensamento, a problematização da relação público-privado feita por meio dos movimentos feministas produz efeitos no bojo da sociedade contemporânea. Mesmo assim, é nítido que a responsabilidade pelos cuidados com os filhos recai fortemente sobre as mães, ainda que existam alguns homens dispostos a dividir as obrigações de cuidado com os filhos e com a casa, como é o caso dos excertos (27) e (28). Na esteira disso, observa-se que há um funcionamento discursivo que ultrapassa a mera execução de atividades, pois ainda que esses homens se comprometam com algumas tarefas de cuidado com os filhos e com a casa, as mães continuam a se sentir pressionadas e culpadas:

(27) A gente está falando aqui de um pai que é companheiro. Um pai que tem participação ativa na criação e na rotina da criança. Eu vejo isso também na minha casa. Nós sempre dividimos a responsabilidade pelas decisões na vida dos nossos filhos. **Mesmo assim, quem fica mais estressada pelas decisões sou eu, quem se sente culpada quando algo sai errado também sou eu.** Que mãe nunca teve o momento “mãe lixo”, em que a gente acha que está fazendo tudo errado? E nessa hora, eu acho que a culpa não tem mais a ver com responsabilidade. A gente começa a sentir culpa por coisas que estão totalmente fora do nosso alcance. (06’02’’, CADÊ A MÃE DESSA CRIANÇA?, 2019).

(28) Até então, tudo bem, vocês dividem as tarefas domésticas, mas tem certas coisas que podem esperar e aí cada pessoa faz no seu tempo. Agora é um bebê que não dá pra esperar, que tem coisas que tem que ser feitas agora, já. Às vezes, mesmo que a mulher não amamente, **vai cair muito mais coisa em cima dela, não tem como.** E aí esse cara tem que compensar. As vezes as discussões rolam, no caso, muitas vezes. [risos] acho que mesmo **que a mulher não esteja tão preocupada com,** sei lá, não tem essa mágoa feminista que eu tinha, **com essa divisão ser igual, o máximo possível, obviamente, ela vai se deparar com necessidades que ela não dá conta de resolver pra si mesma, pro bebê.** Então essa pessoa que tá com ela tem que assumir um lugar que é novo também. (28’24’’, MÃEZONAS DA PORRA, 2018).

A discursivização a respeito da possibilidade de escolher pela maternidade, portanto, passa por questões relacionadas aos discursos médico, cultural, moral e social. Mesmo para as mulheres que planejaram suas gravidezes ou para aquelas que não se programaram, existem relações de saber-poder que engendram o processo de constituição dos corpos maternos. Na

esteira disso, na próxima subseção, observaremos a forma pela qual a racionalidade neoliberal opera na constituição/subjetivação desses sujeitos-mães enquanto um corpo produtivo.

4.3.3 *Corpo-produtivo: a maternidade e a sociedade do trabalho*

Nos enunciados em análise, é possível observar que as mulheres-mães, apesar de estarem inseridas dentro da ordem do discurso ‘materno’, isto é, mesmo que possuam certa autoridade para falar sobre o ‘ser mãe’, encontram-se sob um forte conflito operado pela separação dos espaços públicos e privados, separação que é decorrente da ascensão do modelo econômico liberalista. Conforme dito, durante muito tempo, o papel social da mulher se restringia à esfera doméstica, assim, cuidar de sua prole enquanto os homens ocupavam os espaços públicos era tido como uma importante tarefa na manutenção da vida e, conseqüentemente, do exercício do biopoder.

Entretanto, devido às transformações no comportamento das sociedades capitalistas, somado às reivindicações dos movimentos feministas, a mulher passou a ocupar espaços no ambiente de trabalho, sem, contudo, poder se abster dos cuidados com a casa e a família. Sendo assim, nos enunciados das mulheres que falam de suas experiências nos *podcasts* em análise, observamos o funcionamento do discurso econômico e os efeitos de poder que tal discurso carrega em si.

Uma questão recorrente diz respeito a uma romantização da maternidade cujo foco é criar filhos felizes, saudáveis e docilizados para o mercado de trabalho. Contudo, percebe-se que esse enfoque é “dirigido às crianças e não àquilo que seria definitivamente possível, ou mesmo viável, para as mães e para as mais diversas configurações familiares.” (PEREIRA; TSALLIS, 2020, p. 5). Outro ponto importante se insere diante a organização masculina do mercado de trabalho, em que as mulheres precisam exercer suas funções com o mesmo ou até maior “afinco” masculino, sendo que, na grande maioria dos casos, os homens não partilham de maneira horizontal das responsabilidades domésticas que recaem sobre as mulheres.

Na história do Brasil, a interferência do Estado na órbita do trabalho feminino foi marcada por ambigüidades. As ações governamentais priorizaram a proteção e defesa da instituição familiar, reforçando a importância da maternidade e os cuidados femininos do lar. Considerando o trabalho das mulheres fora do domicílio uma atividade provisória e/ou complementar ao trabalho exercido pelo chefe de família, tais ações, em geral, privilegiaram os homens em detrimento das mulheres no mercado de trabalho. (BORELLI; MATOS, 2013, p.70).

Nessa ótica, a sobrecarga de trabalho das mães é perpetuada, produzindo efeitos na subjetividade dessas mães. Nos enunciados (29), (30) e (31), é possível observar como as mães são atravessadas por essas questões:

(29) Acho que aqui também entra uma questão cultural. Não é só porque carregamos o bebê na barriga, não é só porque a gente amamenta nos primeiros meses. **É que sempre foi papel exclusivo da mulher cuidar dos filhos enquanto o pai traz dinheiro pro lar. Agora a mãe também tem que trazer dinheiro para o lar, mas continua com essa responsabilidade, mesmo que velada.** Ainda que não seja dito expressamente que ela tenha essa responsabilidade, é assim que a gente se sente. Tá na hora de mudar, né? (6'35'', CADÊ A MÃE DESSA CRIANÇA, 2019).

(30) Hoje o mundo está tão difícil. **A gente precisa do trabalho para dar uma boa vida para eles, e precisamos que eles compreendam que nem todo o tempo a gente pode ficar com eles. A gente tem o trabalho, tem as obrigações. Então a gente tem que conciliar. Acho que a vida de mulher é bem difícil.** A gente tem que saber se tem comida na hora certa, as vezes você está trabalhando, passa um pouquinho, uma meia hora que você atrasa e você fala: “meu deus, será que as crianças estão em casa? Será que elas já comeram? Será que tomaram banho?” é uma preocupação constante que a gente tem que lidar com isso o tempo todo. (17'02'', CARREIRA E MATERNIDADE, 2020).

(31) A minha questão era que, a gente vai construindo uma carreira, vai subindo nessa carreira... e aí eu tenho um pouco de pena pra quem está nesse topo de carreira, às vezes, porque **a empresa passa a ser dona da sua vida o dia inteiro.** Não é só você pensar: “eu vou embora. Tchau, um beijo e um abraço.” O dia inteiro resolvendo demandas, o dia inteiro no celular (...) eu chegava em casa ia assistir ao Jornal Nacional e o mundo caía. Tudo o que eu tinha planejado pro dia seguinte eu tinha que replanejar e tal. Então, **eu não estava nunca com a atenção plena com eles. Eu estava aqui, mas eu estava de olho na TV com a cabeça no outro dia, pensando em outras coisas. Muitas coisas eu fui deixando de ver e de viver. Isso estava me esgotando.** (42'17'', CLUBE DAS MÃES CANSADAS, 2021)

O incômodo gerado por essas múltiplas demandas na vida das mulheres aponta para um regime de verdades em que as mães devem ser capazes de administrar não só seus filhos, mas sua casa e seu emprego, como se isso fosse uma espécie de consequência das lutas travadas pelo feminismo em prol da ausência de barreiras entre os espaços públicos e privados. Assim, tanto o discurso neoliberal quanto o discurso patriarcal continuam exercendo poderes na vida dessas mães, afinal, sob uma lógica patriarcal, não foram elas que tanto desejaram essa emancipação? Esse desequilíbrio na divisão das tarefas entre homens e mulheres também produz efeitos na subjetividade materna ao ponto de elas acreditarem que conseguirão conduzir tantas responsabilidades, como se nota em (32) e (33):

(32) Eu por exemplo, não tinha uma pessoa que trabalhava na minha casa. Não quis ficar na casa da minha mãe. O meu marido, na época, ia ter, acho que, 15 dias, até menos, em casa comigo em casa com o bebê. Então eu ia ficar em casa sozinha com o bebê. E quando eu estava grávida eu pensava: que

trabalho um bebê pode dar que eu não dê conta, né? É um bebê! **Vai dar pra eu fazer minha comida, vai dar pra eu lavar a minha roupa e a roupa do bebê e deixar a casa em ordem. E, obviamente, isso não aconteceu.** Logo no começo, eu lembro que eu ligava para minha mãe chorando: pelo amor de Deus, vem aqui! E minha mãe chegava na minha casa, eu dava o bebê na mão dela e ia pro quarto chorar. (01'50'', MÃEZONAS DA PORRA, 2018).

(33) A mãe que amamenta, gente, amamenta. Nas horas vagas ela trabalha. Nas horas vagas ela faz qualquer outra coisa, porque.... na verdade, a doação plena do aleitamento em livre demanda requer muito da mãe. A ausência do sono, o sono picado. Aí vêm aquelas pessoas e falam: “você tem que fazer o horário da criança”, “porque que na hora que ele dorme...” **Porque quando ele dorme eu tenho que lavar a roupa. Quem é que vai lavar a roupa da criança? Quem vai guardar a roupa da criança dentro da gaveta?** (16'21'', MATERNIDADE REAL, 2021).

De uma maneira geral, espera-se que as mães se organizem ao ponto de conseguir equilibrar todas essas demandas. Consequentemente, “organizar-se diz respeito também a um aumento no contato entre mãe e filho; diz respeito à escolha, à distribuição ordenada das atividades; às formas específicas de agir e de se comportar, de modo que o cuidado de si é articulado como cuidado do outro.” (MARCELLO, 2003, p. 162).

Por sua vez, em (34) e (35), nota-se, mais uma vez, a incidência do discurso neoliberal no processo de produção de subjetividade dessas mães. Por meio da generalização das formas empresa, no tecido social, isto é, o empresariamento de si próprias, essas mulheres devem dar conta de acumular trabalhos sem ousar perder sua produtividade e organização. Assim, “na governamentalidade neoliberal, instaura-se um novo regime de verdade que afirma a importância do cálculo econômico e da concorrência até mesmo em dimensões da vida antes inimagináveis como as relações amorosas, familiares e subjetivas.” (RAGO, 2018, p. 133).

(34) Aí eu penso na coisa do trabalho. Na coisa de você querer se rever, se reencontrar como mulher. Cadê o resto todo da tua vida que de repente foi tirado? E aí eu penso muito em como a gente tem uma angústia de querer ser tudo ao mesmo tempo e como isso é não só inviável, né? Tipo, **é impossível ser a melhor mãe, a melhor profissional, a melhor tudo. Como também não dá pra fazer tudo ao mesmo tempo.** Você até pode ser a melhor mãe, a melhor profissional do que você considera, enfim, do que o seu chefe considera, sua chefe, sei lá. Só que as coisas tem um tempo, né? (22'04'', MÃEZONAS DA PORRA, 2018).

(35) Esse trabalho informal acontece nos intervalos das mamadas, gente! Ou seja, muitas vendem roupas em casa, outras vendem cosméticos, outras trabalham com aulas online, né, Mariana? Sim, eu voltei a atender com dois meses. E era até engraçado, **porque parece que eu estava nas olimpíadas do Faustão, aqueles jogos de verão. O neném mamando, eu lá dando aula, meu peito para fora na aula.** (18'26'', MATERNIDADE REAL, 2021).

Este empresariamento de si, nos excertos observados, desloca toda a responsabilidade sobre o próprio sujeito, de tal modo que se algo não deu certo, ele é o culpado de seus infortúnios. No caso das mães, especificamente, o sucesso de ser uma boa mãe depende

exclusivamente delas, afinal, a medicina dispõe de inúmeros procedimentos tanto para a saúde dos filhos como a da própria mulher; há milhões de informações disponíveis na internet acerca de toda a gama de assuntos que possam englobar a maternidade, o mercado de trabalho, entre outros. Dessa forma, ao capturar a maternidade, a lógica neoliberal desconsidera as múltiplas realidades e experiências de vida das mães, acirrando uma ideia de competitividade e comparação em que esse sistema opera.

Observa-se, portanto, que há uma racionalidade que faz esses e os outros dizeres sobre a maternidade “real” serem possíveis, isto é, há uma base na qual muitos discursos se assentam e produzem sentidos sobre o que é ser uma mãe na atualidade. Em grande parte dos trechos analisados, existe uma ligação com os discursos do neoliberalismo que capturam os corpos maternos, disciplinando-os, esquadrinhando-os e os tornando cada vez mais úteis à dinâmica de gestão da vida e produção de riquezas para o Estado. No entanto, ao olhar para os dizeres materializados nos episódios em análise, essa captura, apesar de ser um tanto quanto coercitiva, é capaz de produzir um campo de resistência no qual essas mães repensam suas práticas, seus ideais e suas formas de conduzir suas vidas. Como se observa em (36) e (37):

(36) Engravidei, meu filho nasceu e foi uma sucessão de tapas na cara, sim. **Ele me fez entrar em contato com um lado meu que já não suportava acordar todos os dias pra fazer uma coisa que não fizesse absolutamente sentido na minha vida.** Porque agora eu tinha uma coisa muito mais importante, colocou tudo em perspectiva. Mas é importante falar que a minha história de “ai, não consegui voltar ao trabalho” não era porque eu achava que eu tinha que ficar com ele o tempo inteiro, pelo contrário. **Eu sempre tive muita ansiedade de voltar a trabalhar e ser produtiva e fazer coisas por mim. A grande reflexão que ele me trouxe era que trabalho você merece fazer agora? O que compensa você estar longe de mim e que vai te fazer ser uma mulher mais completa, agora que a maior parte de você é dedicada a outra pessoa.** (TETAS NA MESA, 5’18”, 2019).

(37) No início, com o bebê muito pequeno, ainda mais eu, que era o meu primeiro bebê, eu não conseguia fazer mil coisas ao mesmo tempo. Com o tempo você vai aprendendo, né? Hoje em dia você pega água, faz o que for. Mas no início eu ficava lá ajustando a pega e tal com as duas mãos. Então **essa sensação de “eu estou aqui presa nessa cadeira” era uma coisa que me aterrorizava. Então pensei: vou fazer pelo menos alguma coisa que eu goste, para sentir que eu estou fazendo algo, pelo menos estou aproveitando.** (...) Então eu pensei: “bom, o que eu gosto?” aí eu fui ler e assistir *Netflix*. Adoro assistir *Netflix*. Fui assistir a séries, mas eu fui tão julgada por isso, gente! Eu recebi alguns comentários de algumas pessoas, tanto virtuais quanto na minha cara, que eu conheço falando: “nossa! Onde você arrumou tanto tempo pra assistir série?” Aí eu: “como assim? Estou aqui sentada o dia inteiro!” (...) **foi algo que eu me permiti.** (26’17”, CLUBE DAS MÃES CANSADAS, 2021)

Para Foucault (2018, p. 105), os campos de resistência são capazes de produzir “na sociedade clivagens que se deslocam, rompem unidades e suscitam reagrupamentos, percorrem os próprios indivíduos, recortando-os e os modelando, traçando neles, em seus corpos e almas,

regiões irredutíveis.” Em outras palavras, esse movimento opera, portanto, uma resistência aos efeitos de verdade em torno de uma maternidade idealizada, assim, há uma recusa a alguns efeitos de poder que são exercidos sobre as mães. Nessa ótica, Foucault (Ibid., p. 104) assevera que “onde há poder há resistência, e, no entanto, (ou melhor, por isso mesmo) esta nunca se encontra em posição de exterioridade em relação ao poder.”

O movimento operacionalizado por essas mulheres em tom de crítica também mostra que a vida profissional das mães está fortemente ligada à sobrecarga de trabalho, à abdicação de desejos pessoais e sacrifícios para conseguir conciliar esses dois campos. Há, assim, uma incongruência entre as práticas maternas e o que se espera das mulheres em suas práticas profissionais, desse modo, “se colocam lado a lado duas práticas de ordens diferentes e cria-se um valor correspondente entre elas.” (MARCELLO, 2003, p. 160). Os trechos abaixo mostram que, para que essas duas dimensões da vida materna possam ser executadas adequadamente, é necessário que o sujeito faça uso de técnicas de controle e organização, a fim de que a gestão de seu tempo possa ser melhorada.

(38) **A gente não precisa escolher entre ser mãe e ser profissional.** A gente pode [exercer as duas funções]. Mas a gente também pode escolher fazer uma pausa para ser mãe, para aprender com a chegada da maternidade e depois retomar esse caminho, essa jornada profissional. E porque isso é tão importante? Porque **o trabalho é um pilar da felicidade.** Tem alguns momentos que a gente para, mas é só esse desejo. Isso volta a bater em nossa porta. (1’57’’, SOUL MÃE PODCAST, 2022).

(39) **Eu amo o meu filho, mas também amo trabalhar. E sei o quanto é difícil atuar nessas duas áreas, no caso, sou mãe solo, não conto no dia a dia com a ajuda do pai, e isso é um complicador nesse desafio. Mas acredito que venho vencendo, com muita alegria, dedicação, disciplina e cansaço.** Porque cansa, né minha gente? Nunca gostei de romantizar a maternidade, porque não é fácil. É claro que não vamos lá, nas redes sociais, publicar essa parte pesada do nosso dia a dia. Mas não dá pra dizer que nossa vida de mãe se resume aos sorrisos fotografados e registrados nas nossas redes sociais, não é verdade? (1’15’’, CARREIRA E MATERNIDADE, 2020)

Assim, podemos ver como as mães encaram o fato de viverem em uma sociedade em que a mãe ideal consegue conciliar o trabalho fora do lar com o cuidado dos filhos, cumprindo, assim, uma “dupla jornada”, ou seja, tendo o dever de cuidar de seus filhos e trabalhar como se fossem máquinas. Essa realidade está longe de ser superada, uma vez que, inseridas em uma lógica patriarcal, para a maioria das mães, as responsabilidades em torno da administração do lar recaem exclusivamente sobre elas, sendo “privilegiadas” aquelas que recebem alguma “ajuda” dos companheiros homens.

Até hoje, a reivindicação de que o trabalho doméstico não recaía somente sobre os ombros das mulheres, mas seja dividido com os homens e o Estado, permanece, pois ainda não foi atendida a contento. Poucas mulheres têm a sorte de contar com a participação do companheiro nas tarefas do lar. Mesmo as que recebem tal colaboração (considerada uma “ajuda”), sentem-se as principais responsáveis pela organização e boa administração do lar. (PEDRO, 2013, p. 251)

Portanto, o cumprimento de todas as regras e imposições dessa maternidade ideal está longe da realidade das mulheres que não possuem nenhum ou quase nenhum amparo social. E, se até para as mães mais privilegiadas sob o ponto de vista econômico, essa tarefa se mostra praticamente impossível, o que dizer das mães em situação de vulnerabilidade social, as mães solteiras, as mães de crianças atípicas, as mães LGBTQIA+? Enfim, uma imensidão de mulheres que estão distantes de alcançar o modelo ideal e cumprir com todas as tarefas e obrigações impostas, aumentando ainda mais suas angústias diante dos fracassos. Toda essa angústia diante de objetivos homéricos também é reverberada em (40) e (41); antes mesmo de serem mães, são convocadas a organizarem seu tempo, seu futuro e seus planos:

(40) A gente é criada pra ser mãe. E aí, na adolescência, quando se apaixonava fica pensando [em filhos, casamento] ou então **aquela coisa que é cobrada da gente: então a gente vai estudar, a gente vai fazer uma faculdade ou vai arranjar um emprego, uma pós-graduação, comprar uma casa, comprar um carro, casar, e aí viajar o mundo, e aí depois que estiver tudo isso *check* na lista: agora a gente pode ter um filho.** Antes dos 30, por favor! E ficar milionária também. (11’37’’, SINUCA DE BICOS, 2017).

(41) Eu acho que nós, aqui, e muita gente foi criada muito diferente das nossas mães, por exemplo: ninguém aqui foi criada com a mãe falando assim: “Carol Guedes, quando você fizer 18 anos você abra seu olho e começa a ficar de olho nos caras aí, porque vai aparecer um marido para você”. Ninguém aqui foi criada muito com esse pensamento. A gente vem de uma geração, e também isso faz sentido do nosso círculo onde a gente mora e tudo, **a gente foi muito criada em um foco assim: “você vai entrar na faculdade.” Nós nos conhecemos na UnB. Ninguém aqui entrou na UnB porque queria muito. A gente tinha que entrar na universidade, não tinha outra opção.** (36’33’’, CLUBE DAS MÃES CANSADAS, 2021).

Observamos, assim, como esses enunciados estão inseridos em uma racionalidade neoliberal, em que o trabalho se constitui como um imperativo e o tempo se torna elemento chave para o sucesso e manutenção do sistema econômico, pois é necessário que o sujeito conduza sua conduta de acordo com uma gama estrita de possibilidades de agir. No que se refere às mulheres, faz-se necessário que elas atinjam certos patamares na vida profissional, para que possam, em seguida, pensar em ter filhos, uma vez que os cuidados com a prole podem causar prejuízos nas funções econômicas. O que está em jogo no dizer dessas mulheres resvala

no conceito foucaultiano do *homo oeconomicus*, isto é, a forma pela qual a razão governamental captura e modela a sociedade e os indivíduos.

O *homo oeconomicus* é, digamos, o ponto abstrato, ideal e puramente econômico que povoa a realidade densa, plena e complexa da sociedade civil. Ou ainda: a sociedade civil é o conjunto concreto no interior do qual é preciso recolocar esses pontos ideais que são os homens econômicos, para poder administrá-los convenientemente. (FOUCAULT, 2008, p.403)

Nessa linha de pensamento, a racionalidade neoliberal captura de maneira ampla os corpos femininos, de modo que até mesmo depois de gerar seus efeitos de poder continuam a ser exercidos, como é o caso dos trechos abaixo:

(42) **A gente vive um tempo em que as coisas têm o tempo certo pra acontecer. Você acorda tal hora, você vai tomar café, depois você vai almoçar, você vai dormir, fim de semana é outra lógica.** Enfim, a gente vive um tempo que o bebê ele explode o seu tempo, porque não existe mais esse tempo. Você passa a ficar acordada de madrugada, ele vai dormir grande parte do dia ou então ele vai mamar de duas em duas horas. Tudo diferente do que você está acostumada. E você precisa se conectar com o tempo. (17'17'', MÃEZONAS DA PORRA, 2018).

(43) **A sociedade meio que massacra.** Tipo: “ai tá bom! agora que seu filho já está crescidinho, já está com cinco meses, [sic] bota ele na creche e vida que segue, querida.” Tipo: “você é mãe, você pariu, agora dá um jeito nessa vida aí.” Só que não, né!? Somos pessoas diferentes, não é mais nem a mesma profissional nem mais a mesma filha, daquela mãe, daquele pai, a mesma irmã, a mesma amiga, **somos uma nova pessoa que realmente nasceu com aquele bebê e a sociedade não dá espaço para a gente existir, pra gente nascer, né?** (20'56'', TETAS NA MESA, 2019).

(44) Quando eu voltei para a empresa era isso, tipo: “e aí, vamos lá, vamos lá! Você ficou cinco meses parada”. Tipo: “Tem isso, isso e isso para terminar”. Sim, tinha coisas esperando a pessoa voltar, é surreal, **é engenharia, né gente?** Surreal. “Então vamos lá, termina o que você estava fazendo, revisa aquele projeto que voltou e **volte descansada, afinal, você ficou cinco meses de férias. Cinco meses descansando. Vamos produzir, vamos produzir.**” Quando você está ali, ainda: “meu deus! Quem sou eu? O que eu estou fazendo aqui?” (21'47'', TETAS NA MESA, 2019).

As condições de possibilidade que permitem tais enunciados serem produzidos aponta para o caminhar da globalização, em que os espaços públicos e privados estão cada vez mais mercantilizados e imbricados; assim, cabe às mães se adequarem à lógica de mercado, seja na tentativa de implementar uma rotina de cuidados com o bebê, seja na retomada do trabalho após o período de licença-maternidade. Cumpre destacar, também, que o funcionamento do mercado opera de modo tradicionalmente marcado por discursos e práticas masculinas, como se observa em (43) e (44). Desse modo, é como se a experiência da maternidade continuasse restrita ao âmbito privado, pois não há investimentos/interesses significativos do Estado na readaptação desses corpos na esfera pública. Tal problemática pode ser observada, ainda, nos trechos abaixo:

(45) Nós, mulheres urbanas, nesse momento que a gente tá vivendo, acho que a gente está muito distante de algumas tradições que eram importantes. Se a gente olha pro tempo das nossas avós, tinha essa coisa mesmo de você ficar uma quarentena deitada, das suas vizinhas te levarem um frango pra você comer, de você ser alimentada, que é uma coisa que **a gente tá cada vez mais vivendo de uma forma individualista nas nossas casas sozinhas. Então, a gente não pede ajuda.** Claro, quando a tradição é imposta ela é ruim, você tem que buscar o seu jeito de viver o puerpério, como ele é confortável para você. Mas eu acho que elas tinham alguma razão de ser. (MÃEZONAS DA PORRA, 2018).

(46) **A gente vive em um mundo que tem um monte de tecnologia, um monte de coisas que te possibilitariam ter uma vida mais tranquila, mais sossegada e tal, mas a gente não tem [descanso]! Pelo contrário, a gente está tão ou mais cansadas que os nossos pais.** (...) Nossas avós lavavam roupas nas mãos e tal, mas eu acho que, às vezes, a maternidade que elas tinham, eram tantas coisas que não dava tempo para ter esse outro tipo de cansaço que a gente se impõe, e **elas ainda contavam com a comunidade.** (31'09'', CLUBE DAS MÃES CANSADAS, 2021).

(47) A maternidade, uma coisa que eu gosto de enfatizar bastante, é o respeito à chegada da vida. Então como a gente está tratando a chegada da vida no mundo do trabalho? Então esse se relacionar, quando a gente olha para isso, a gente vê a maternidade como a gente respeita a chegada da vida, acho que **traz um tom de que isso tudo é de responsabilidade de todos nós, que exemplos nós vamos oferecer, como nós temos sido empáticos em cada uma das situações. Tem tanta coisa envolvida.** (13'49'', SOUL MÃE PODCAST, 2022).

Nos trechos acima, sobretudo em (45) e (46), observa-se que as transformações nas relações humanas da contemporaneidade contribuem para a exclusão dos corpos maternos dos espaços públicos da vida em sociedade, na medida em que a individualização operada pelos aparatos tecnológicos, em vez de aproximar mães e suas práticas maternas, tem afastado as mães do convívio social e outorgado a elas muito mais responsabilidades e tarefas⁷¹. Então, poderíamos nos perguntar, essa mudança promovida pela globalização e pelo uso de ferramentas tecnológicas não contribuiria para a recolocação dos corpos maternos essencialmente no ambiente doméstico?

Sob essa ótica, a reinserção dos corpos maternos no âmbito profissional e, conseqüentemente, a subjetividade das mães contemporâneas, são situadas em um campo em disputa complexo, os quais envolvem fortemente o biopoder e sua relação na produção do capital humano, dois elementos caros à racionalidade neoliberal. Desse modo, a lógica do liberalismo não abre brechas para o fracasso, pelo contrário: ela produzirá riquezas se a mãe optar por terceirizar os cuidados com os filhos, assim como se a mãe abandonar seus desejos profissionais e escolher se manter próxima da prole.

⁷¹ Dentre essas tarefas, inclui-se a forte competição no exercício da maternidade, como mencionado na subseção 4.3.1, sob a forma do “empresariamento de si”.

Nessa linha de pensamento, percebe-se que há um imbricamento entre os discursos feministas colocados em debate, sobretudo a partir da década de 1960, e o campo discursivo em que a “maternidade real” pôde emergir: desse modo, a “nova” modalidade de ser mãe, isto é, aquela mulher que não abre mão de sua vida profissional e afetiva enquanto mulher, mas também do vínculo afetivo e da criação positiva de seus filhos. Sendo assim, o regime de verdades que engloba a “maternidade real” é constituído a partir das reivindicações ora propostas pelo movimento da Segunda Onda, atrelado às problemáticas no âmbito da globalização e da exploração do trabalho.

Ainda, as mães da contemporaneidade, no período que compreende o recorte do *corpus* em análise (de 2017 a 2022), constroem-se a partir de discursos sobre o papel das mulheres na sociedade e seus atravessamentos, como as relações econômicas e de gênero. A partir disso, as mulheres que falam de si nos episódios analisados ressaltam a importância de possuir uma rede de apoio, isto é, falar de suas experiências com outras mulheres e mães. Como se observa em (48) e (49):

(48) Uma coisa que a gente não tem nenhuma dúvida é: **encontrar amigas mães, mulheres, na mesma situação e conversar sobre tudo isso de peito aberto, se sentir acolhida e realmente discutir e falar sobre todas as facetas de cada treta que a gente encontra foi o que fez a gente continuar seguindo e encontrando caminhos.** Então, apesar de não ter solução, a gente vê muito claramente que a nossa vida, o nosso maternar e o nosso ser mulher é muito mais leve do que é para outras mulheres. (23’21’’, TETAS NA MESA, 2019).

(49) Para mim, essa experiência difícil de maternidade me lançou na primeira experiência de sororidade da minha vida. (...) de alguma forma a gente se colocou em um espaço que, pra mim foi o primeiro espaço da minha vida, de mulheres sustentando umas as outras. E se voltar ao trabalho é voltar a vida normal, **será que voltar a vida normal é deixar de ter esse apoio de mulheres de novo? Muito provável que sim.** (18’16’’, TETAS NA MESA, 2019).

De uma maneira geral, o discurso feminista funciona como aparato discursivo para a produção dos dizeres dos sujeitos-mães na contemporaneidade, assim, ao reiterar a importância de ser acolhida entre seus pares, observa-se a retomada de práticas feministas difundidas no curso da história, como os grupos de consciência, por exemplo.

Em seus debates, as participantes dos grupos de reflexão/consciência adotavam uma metodologia chamada “linha da vida” que as levava a falar sobre suas vivências pessoais. Conversavam sobre como viam o próprio corpo e o dos homens, contavam sobre a experiência da menstruação ou do aborto, narravam situações em que percebiam terem sido discriminadas por ser mulher na família ou no trabalho, comentavam a relação com o pai, com marido, com outros homens, diziam o que pensavam a respeito do desejo sexual e do prazer. (PEDRO, 2013, p.244).

O discurso em torno da maternidade “real”, portanto, funciona como um lugar em que relações de saber-poder são problematizadas e, com isso, produzem outras maneiras de fazer com que o sujeito se constitua e se relacione consigo próprio. Nesse viés, a partilha de experiências em *podcasts* favorece a reflexão dos exercícios de poder constituintes da maternidade, assim como abre a possibilidade para que novas práticas maternas possam aparecer. Desse modo, os canais de *podcast* funcionam como possibilidades de ampliação desses debates. Os trechos abaixo mostram a importância de se reconhecer em determinado espaço:

(50) **Eu acho que a gente, depois que se torna mãe, quando vem a necessidade de se reencontrar como mulher, a gente busca se reencontrar nos lugares que a gente deixou.** Mas é como se realmente tivesse morrido, você não vai necessariamente se reencontrar no seu trabalho, ou vai, mas, agindo de uma forma diferente, ressignificando tudo. Não é no seu relacionamento antes de ter filhos que você vai se reencontrar. Não é, sei lá, em qualquer espaço de pertencimento de antes, mesmo que o espaço esteja lá você não está mais igual. (19’54’’, TETAS NA MESA, 2019).

(51) Você se sente muito vulnerável, precisando de cuidado. E a gente não sabe muito como pedir essa ajuda, como se colocar nesse lugar. Acho que tem esse **processo de luto muito profundo que você tá, no fim das contas, acho que o puerpério é um grande luto, porque você tá morrendo como filha e nascendo como mãe.** (05’43’’, MÃEZONAS DA PORRA, 2018).

Como discutido nos capítulos anteriores, os *podcasts* podem funcionar como espaços nos quais os sujeitos podem se discursivizar e, a partir disso, atualizar e colocar em circulação enunciados que retomam outros dizeres, (re)construindo suas subjetividades em um contexto histórico específico. Desse modo, a partir da ideia de democratização das mídias digitais, as mulheres/mães da contemporaneidade se apropriam desses lugares para expor as formas nas quais elas são capturadas pelos poderes, produzindo saberes em torno do que é ser uma mãe atualmente. Assim, os excertos (50) e (51) apontam para a necessidade de haver esse lugar em que seja possível falar de si e, dessa maneira, reconhecer-se e transformar-se.

Nessa ótica, a maternidade “real” defendida nos *podcasts* analisados está atrelada a regimes de verdade que compõem uma ordem discursiva que congrega dizeres em torno das relações de trabalho e das relações de gênero. Assim, pensar a maternidade “real” inclui observar a racionalidade neoliberal, que configura praticamente toda a razão operada na contemporaneidade. “Refazer uma ética do eu seria então uma tarefa urgente e politicamente indispensável, na medida em que a relação de si para consigo é o ponto de resistência ao poder político.” (PEREIRA; TSALLIS, 2020, p.11). A vista disso, as relações de resistência e insubmissão ao modelo idealizado de maternidade funcionam como espaços de lutas que

propiciam deslocamentos no interior da ordem social, produzindo e remodelando as práticas maternas.

CONSIDERAÇÕES (IN)CONCLUSIVAS

“(...) *E nossa história não estará pelo avesso*
Assim, sem final feliz
Teremos coisas bonitas pra contar
E até lá, vamos viver
Temos muito ainda por fazer
Não olhe pra trás
Apenas começamos
O mundo começa agora
Apenas começamos” (LEGIÃO-URBANA, 1991)

Na tentativa de compreender em que medida as práticas discursivas dos *podcasts* direcionados à maternidade funcionam e produzem uma “maternidade real”, pergunta motriz deste trabalho, foi possível perceber que os discursos organizam e constroem o mundo, inclusive o que hoje em dia consideramos como ser uma mãe. Assim, o processo de subjetivação das mães, na perspectiva foucaultiana, é fruto dos discursos, pois, conforme vimos, é a partir deles que os processos históricos são erigidos, que as relações sociais são construídas. O discurso em torno da maternidade é dito e pode ser dito por meio de enunciados, regidos por estratégias, as quais mobilizam diferentes campos de saber e permitem constituir sujeitos e práticas relacionadas a este tema.

Nesse sentido, a partir dos incômodos norteadores desta dissertação, a saber: 1) De que maneira são constituídas discursivamente as mães da contemporaneidade? 2) Como esses sujeitos se constroem a partir do discurso de si? 3) Quais são os discursos mobilizados nessa re-des/construção materna? 3) Quais são as relações de poder-saber que regem o processo de subjetivação dessas mulheres? 4) Como se constitui o regime de verdades que engloba a “maternidade real” defendida por esses sujeitos? 5) Como se dá o funcionamento do discurso na materialidade sonora, especificamente do *podcast*? Observou-se que as mães da contemporaneidade, mais precisamente do período compreendido por esta análise (2017 a 2022), são constituídas a partir do imbricamento dos discursos sustentados por uma racionalidade neoliberal bastante presente na sociedade, dos discursos de gênero e suas relações com os feminismos; dos discursos de cunho religioso e também discursos de ordem médica. Nesse sentido, a partir do discurso de si, os sujeitos-mães que falam nos *podcasts* são produzidos a partir da incidência de poderes de diferentes ordens, os quais objetivam/subjetivam os corpos maternos, capazes de deslocar e atualizar sentidos em torno do que é ser mãe.

Assim, as relações de saber-poder que regem esses processos de subjetivação são calcadas, sobretudo, a partir de uma racionalidade neoliberal que captura os corpos maternos em diferentes instâncias, principalmente com relação ao empresariamento de si e à gestão da vida da população. Desse modo, o regime discursivo em torno da “maternidade real” se constitui a partir da reflexão e questionamentos acerca de práticas cristalizadas em torno de um ideal de maternidade, ainda que não haja necessariamente um rompimento com condutas tidas como “tradicionais”.

Para além disso, a noção de maternidade que se delineia nos excertos analisados aponta para práticas maternas calcadas a partir de seus aspectos biológicos nos quais, a adoção, por exemplo, é tratada de maneira inferior. Nesse sentido, a maternidade circunscrita nos podcasts é fortemente perpassada pela vivência da gestação e suas especificidades, o que reforça que a maternidade “real” não inclui outras maneiras de experimentar a maternidade.

Como já alertado anteriormente, não pretendíamos com esse trabalho esgotar as possibilidades de análise sobre a maternidade, mas traçar uma linha de pensamento - dentre outras tantas possíveis - que atendesse os objetivos propostos. A partir desta pesquisa, esperamos contribuir para a reflexão, no âmbito dos Estudos Discursivos Foucaultianos, tanto no que se refere à circunscrição do *podcast* enquanto discurso quanto na maneira pela qual a construção de subjetividade(s) materna(s) na contemporaneidade é produzida.

Dito isso, a partir dos métodos e conceitos operacionalizados, especialmente nos estudos de Michel Foucault, observamos a importância da história na articulação dos processos discursivos, uma vez que não há modo de conceber algo sem a que seja feita uma análise histórica desses processos. Desse modo, tal premissa se aplica, também, ao objeto do nosso estudo, tendo em vista que a construção discursiva das mulheres, especificamente as mães, é um processo historicamente observado desde a antiguidade e que se estende até a contemporaneidade. Enfim, a elaboração de si do/pelo sujeito mãe é uma constante no fluxo da história, uma vez que, por meio dela, torna-se possível observar diferentes práticas do que hoje em dia se denomina como “maternidade”.

É diante dessa imbricação histórica que as práticas discursivas em torno da maternidade são produzidas; assim, só é possível atribuir sentidos ao que é ‘ser uma mãe’ a partir dos dizeres que estão em circulação em determinado momento histórico. Esses dizeres, por sua vez, são materializados pela/na linguagem; por conseguinte, é nela que reside o local privilegiado para apreensão dos discursos. Nesse ponto, para que pudéssemos nos aprofundar nas questões relacionadas ao *corpus* de análise desta pesquisa, foi fundamental compreendermos a noção de

discurso e de enunciado, uma vez que, para o pensamento de Michel Foucault (2014a), o discurso é o que constrói e consolida as relações humanas, conseqüentemente, sua existência determina não apenas os sujeitos, mas toda a realidade social.

Avançando na pesquisa, demos prioridade à noção de sujeito e verdade em Foucault, o que nos permitiu compreender de modo mais claro a produção de subjetividade(s) maternas no *corpus* de nossa pesquisa. Nesse sentido, refletimos como o sujeito é tomado como um construto discursivo e histórico, que muito se difere das concepções psicológicas e individualizantes de outras linhas teóricas. Para além disso, traçamos uma breve reflexão em torno da noção de verdade e sua relação com os poderes e saberes, a fim de delinear as formas pelas quais a subjetivação e o cuidado de si se concretizam em nossa sociedade.

A vista disso, trabalhamos com um conceito fundamental que muito nos ajudou a compreender essas questões: a biopolítica. A partir de tal conceito amplamente desenvolvido por Foucault (2018), vimos que os fenômenos sociais ligados aos mais diversos assuntos como a saúde, higiene, natalidade, relações étnico-raciais, de gênero, sexualidade, entre outros, enfim, todos os acontecimentos sociais demandariam a criação de técnicas de gerenciamento e controle da população. Isso não seria diferente em relação às vidas das mulheres e mães, uma vez que as técnicas de governamentalidade e o governo da vida também exercem poder sobre seus corpos, uma vez que são alvos de constantes investimentos de controle em diferentes esferas da sociedade.

Ainda, antes de observarmos como se constitui e funciona o discurso por meio da materialidade sonora dos *podcasts*, ponto central desse trabalho, fizemos um breve panorama histórico acerca das transformações históricas dos meios de comunicação que possibilitaram a emergência dos *podcasts* na atualidade para, em seguida, produzir um primeiro ensaio que descrevesse o *podcast* de maneira semiológica, contemplando sua materialidade e seu um funcionamento específico. Para tanto, empreendemos um diálogo com os estudos da comunicação, especificamente daqueles voltados para a produção sonora. Destacamos, novamente, que esta pesquisa se configura como parte de um trabalho maior e mais complexo que pretendemos nos debruçar futuramente.

Todo esse percurso teórico respaldou e alicerçou nosso movimento analítico do nosso *corpus* de trabalho. Selecionamos 10 episódios de *podcasts* e, a partir do próprio fazer de análise, observamos neles três eixos temáticos, dentre os quais organizamos nossa análise, a saber: i) mãe: corpo-máquina ii) mãe: corpo-normatizado iii) mãe: corpo-produtivo. Por meio desses eixos é que buscamos compreender, a partir da análise discursiva de canais de *podcasts* voltados para a maternidade, o funcionamento do processo de construção da subjetividade das

mães da contemporaneidade e a relação dele na construção de um regime de verdades denominado “maternidade real”.

Na análise, observou-se que os enunciados produzidos por esses sujeitos (mulheres cisgênero, heterossexuais, de classe média e brancas) na defesa de uma maternidade “real” nos *podcasts* são regidos por relações de poder que propiciam modos de subjetivação, amparados em novos regimes discursivos sobre o “ser mãe”, além de atualizar e (re)significar os efeitos de verdades existentes.

Em vista disso, no primeiro gesto de análise vimos que mães que participaram dos *podcasts* explicitaram algumas das diferentes estratégias em que o corpo da gestante é tomado como objeto de controle, devendo se adequar a inúmeras regras e normas de conduta de diferentes campos do saber, nos quais se destacam o campo médico ou da saúde e, de maneira mais ampla, o econômico. Também, chamou-nos a atenção que essas mães passam por um intenso processo de culpabilização caso transgridam essas regras, o que está fortemente assentado nos discursos ligados à moral religiosa, sobretudo à doutrina cristã.

Em seguida, vimos nos enunciados recortados dos *podcasts* a ocorrência de questões em torno de uma forma compulsória de viver a maternidade, fortemente ligada às questões reprodutivas e morais. Assim, muitas vezes, a subjetivação dos corpos femininos passa por um ideal construído culturalmente em torno da maternidade, o qual se pode relacionar a uma maternidade em que a mulher deseja ser mãe, por, supostamente, crer que esta é sua função de existência. Essa coerção exercida sobre as mulheres reforça sentidos de que aquelas que não podem/querem gestar são corpos em falta, corpos menos “femininos”.

Por último, observamos como as mães encaram o fato de viverem em uma sociedade contemporânea em que é imposto um modelo no qual a mãe ideal consegue conciliar o trabalho fora do lar com o cuidado dos filhos, cumprindo, assim, uma dupla jornada, ou seja, tendo o dever de cuidar de seus filhos e trabalhar como se fossem máquinas. Além disso, esse modelo ainda impõe que as mães tenham a responsabilidade pela vida da criança, para que esta nasça e cresça com saúde e, conseqüentemente, seja útil para a sociedade, gerando menos problemas ao Estado, evidenciando uma racionalidade neoliberal.

Notamos, assim, que subjetivação dos corpos maternos, passa pela racionalidade neoliberal e produz como um de seus efeitos o “empresariamento de si”, em que as mães devem otimizar seu tempo e suas relações de modo que consigam cumprir com uma série de prescrições para que sejam reconhecidas como boas mães. A vista disso, nota-se que as mães contemporâneas estão inseridas sob uma espécie de paradoxo entre o mundo do trabalho (a ideia de realização profissional, a necessidade de sobrevivência financeira) e o mundo do

cuidado (a criação com apego, a afetividade familiar), o que culmina em sentimentos de fracasso e insatisfação, como vimos.

Além disso, observou-se uma intensa valorização do tempo dispensado aos cuidados com os filhos revelando o interessante movimento operacionalizado pela biopolítica, que aponta para investimentos de poder que produzem, controlam e vigiam os corpos maternos. Assim, o que se produz a partir da atuação desses poderes é uma disputa em torno da sexualidade feminina e da gestão da vida da população.

Por fim, esboçamos um breve gesto de análise dos canais de podcasts tomados como corpus deste trabalho na tentativa de situá-lo semiologicamente, observando suas especificidades. Com isso, pudemos notar que, assim como a superfície essencialmente linguística do material analisado, os elementos sonoros, as imagens e demais componentes dos podcasts apontam para regularidades que lhes são constitutivas, evidenciando, assim, seu caráter semiológico. Nesse sentido, observamos que a utilização de sons sobrepostos tais como choros de bebês mesclados com acordes de guitarra, por exemplo, produz sentidos que ligam o universo materno ao acúmulo de tarefas, a uma atmosfera caótica em que ser mãe é ter que se desdobrar em muitas. Para além disso, a recorrência de artes gráficas com cores que aludem ao universo infantil atribui sentidos atrelados à dicotomia menino-menina, apontando para uma ampla rede discursiva em que esse enunciado se insere.

Nesse sentido, entendemos que as mães da contemporaneidade são constituídas a partir do imbricamento de campos heterogêneos, como o político, o econômico e o social. Assim, o discurso de si produzido por essas mulheres apontam para uma prática materna mais crítica, que se recusa a perpetuar alguns modelos cristalizados em torno de um ideal de maternidade. Entretanto, diante do recorte efetuado por este trabalho, percebeu-se que nem todas as subjetividades maternas puderam ser abarcadas, como a questão de mães negras, mães LGBTQIA+, mães pobres, entre outras, pois o *corpus* de análise se desenvolveu a partir de um enfoque cisgênero, de classe média e branco.

A vista disso, embora reconheçamos que existem várias outras possibilidades de vivenciar a maternidade, as quais perpassam questões de classe, gênero e raça, notou-se que a maternidade circunscrita nos *podcasts* analisados fala de um lugar fora da realidade de muitas mães brasileiras. Consequentemente, a maternidade “real” não pode ser entendida como um regime de verdades totalizador, mas como um movimento dentro de um nicho no qual nem todas as mães são autorizadas a falar de si. Como vimos, a questão do acesso aos meios tecnológicos para a produção de um podcast, entre vários outros fatores socioeconômicos,

excluem muitas mulheres da possibilidade de ocupar esse lugar de falar de suas vivências maternas.

Nessa linha de pensamento, o regime de verdades que engloba a maternidade “real” é constituído fortemente por aspectos biológicos (gestação), por aspectos sociais de raça (branca), classe social (classe média) e gênero (mulheres cis), contudo, as mães que entram nessa ordem discursiva e, portanto, estão autorizadas a falar, produzem formas de subjetivação a partir de micro práticas de resistência aos moldes hegemônicos em circulação. Assim, (re)produzir um discurso não idealizado da maternidade, nesse caso, ser uma mãe ‘real’ que não se anula em função do filho, que sente dores e saudades da vida antes de gestar, provoca efeitos de sentido que deslocam e suscitam novos modos de subjetivação maternos. Dessa forma, os enunciados produzidos por essas mulheres apontam para a recusa em alguns dos padrões e expectativas sociais historicamente atribuídos às mães.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Maria Isabel Mendes de. **Maternidade**: um destino inevitável? Rio de Janeiro: Campus, 1987.

ASSIS, Pablo de. *Podcasting* como ferramenta de distribuição de conteúdos digitais via Internet. **Anais do XXXIII Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação** – Intercom, Caxias do Sul, 2010.

_____. **O imaginário do áudio e o podcast**: re-imaginando o potencial da produção e distribuição de áudio na internet. 153f. Dissertação - Programa de Pós Graduação em Comunicação e Linguagens, Universidade Tuiuti do Paraná, Curitiba. 2011.

ARIÉS, Philippe. **História Social da Criança e da Família**. Rio de Janeiro: LTC, 1981.

BADINTER, Elizabeth. **Um amor conquistado**: o mito do amor materno. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1985.

_____. **O conflito** – a mulher e a mãe. Rio de Janeiro: Record, 2011.

BARBOSA, Isabela Cabral. **Jornalismo narrativo em podcast: uma análise da linguagem da mídia e do cenário**. Monografia do Bacharelado em Comunicação Social, habilitação em Jornalismo, Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, Brasil, 1999.

BALSEBRE, Armand. A Linguagem Radiofônica. In MEDITSCH, Eduardo. (org.). **Teorias do Rádio**: Textos e Contextos, volume I. Florianópolis: Insular, 2005, pp. 327-336.

BARACUHY, Regina; PEREIRA, T. A. (2013). A biopolítica dos corpos na sociedade de controle. **Gragoatá**, 18(34). <https://doi.org/10.22409/gragoata.v18i34.32974>

BAUMAN, Zygmunt. **Vida líquida**; tradução Carlos Alberto Medeiros. 2ed. Rio de Janeiro: Zahar. 2009.

BAUMWORCEL, Ana. Armand Balsebre e a teoria expressiva do rádio. In: MEDITSCH, Eduardo. (org.). **Teorias do Rádio**: Textos e Contextos, volume I. Florianópolis: Insular, 2005, pp. 337-346.

BEARD, Mary. **Pompéia**: a vida de uma cidade romana. tradução: Cristina Cavalcanti; revisão técnica: Paloma Roriz Espínola. - 1. ed. - Rio de Janeiro: Record, 2016.

BOCK, Gisela. História, história das mulheres, história do gênero. **Penélope: fazer e desfazer a história**. Florença, n.4, p.158-187, nov. 1989.

BROWN, Wendy. O Frankenstein do neoliberalismo: liberdade autoritária nas “democracias” do século XXI. In: **Neoliberalismo, feminismos e contracondutas**: perspectivas foucaultianas. Organização de Margareth Rago e Maurício Pelegrini. Apresentação de Margareth Rago. São Paulo: Intermeios, 2019a. (Coleção Entregêneros).

BRUCK, Mozahir Salomão. Um novo estatuto para a escuta radiofônica. **Logos**, [S.l.], v. 18, n. 2, dez. 2011. <https://doi.org/10.12957/logos.2011.2284>

BUFARAH JUNIOR, Alvaro. Podcast: possibilidades de uso nas emissoras de rádio noticiosas. In: **Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação**, 40., 2017, Curitiba. Anais eletrônicos. São Paulo: Intercom, 2017.

BURKE, Peter. **A Escrita da História**. São Paulo: EDUNESP, 1992.

CARVALHO, Paula Marques de. Processo de criação de podcast: análise dos recursos criativos do *Nerdcast*. Comunicação apresentada no **37º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação**, Foz do Iguaçu, 2014.

CASTRO, Gisela G. S. *Podcasting e consumo cultural*. **E-Compós**. Brasília: Associação Nacional dos Programas de Pós-Graduação em Comunicação, edição 5, 2005.

CANDIOTTO, Cesar. Subjetividade e verdade no último Foucault. **Trans/Form/Ação** [online]. v.31, n.1. São Paulo, 2008, pp. 87-103. <https://doi.org/10.1590/S0101-31732008000100005>

CAZUZA. **O tempo não pára**. Rio de Janeiro: Polygram/Philips, 1988.

COURTINE, Jean-Jacques. **Decifrar o corpo: pensar com Foucault**. Editora Vozes Limitada, 2013, p. 41-46; p.143-174.

_____. A era da aneidade: discurso, história e emoções. In: CURCINO, Luzmara; SARGENTINI, Vanice; PIOVEZANI, Carlos. **(In)subordinações contemporâneas: consensos e resistências nos discursos**. São Carlos: EduFSCar, 2016.

DORNE, Vinícius Durval. **Práticas discursivas midiáticas na/sobre a identidade do jornalista sem diploma.**, 187f. Dissertação de Mestrado – Universidade Estadual de Maringá, Programa de Pós-Graduação em Letras. Maringá, 2011.

DREYFUS, Hubert L; HABINOW, Paul. **Michel Foucault: uma trajetória filosófica**. Trad. Vera Portocarrero e Gilda Gomes Carneiro. 2. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2013.

DUBY, Georges; PERROT, Michele (org.). **História das Mulheres no Ocidente: a idade média**. v.2. Porto: Afrontamento, 1990.

_____. **História das Mulheres no Ocidente: do renascimento à idade moderna**. v.3. Porto: Afrontamento, 1991a.

_____. **História das Mulheres no Ocidente: o século XIX**. v.4. Porto: Afrontamento, 1991b.

FERNANDES, Cleudemar Alves. **Discurso e sujeito em Michel Foucault**. São Paulo: Intermeios, 2012.

FERRARETO, Luiz Artur. **Rádio: teoria e prática**. São Paulo: Summus, 2014.

FORNA, Aminatta. **Mãe de todos os mitos: como a sociedade modela e reprime as mães**. Rio de Janeiro: Ediouro, 1999.

FOUCAULT, Michel. **Resumo dos cursos do Collège de France**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1997.

_____. **Em defesa da sociedade**. São Paulo: Editora Martins Fontes, 1999.

_____. **Microfísica do poder**. 21ed. Rio de Janeiro: Edições Graal, 2008a.

_____. **Segurança, território e população**. Trad. de Eduardo Brandão. São Paulo: Martins Fontes, 2008b.

_____. **Nascimento da biopolítica**. São Paulo: Martins Fontes, 2008c.

_____. **A verdade e as formas jurídicas**. Rio de Janeiro: NAU, 2013a.

_____. O sujeito e o poder. In: DREYFUS, Hubert L; HABINOW, Paul. **Michel Foucault: uma trajetória filosófica**. Trad. Vera Portocarrero e Gilda Gomes Carneiro. 2. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2013b, p. 273-295.

_____. **A Arqueologia do Saber**. (Biblioteca de filosofia contemporânea). Lisboa, Portugal. Edições 70, 2014a.

_____. **A ordem do discurso**: Aula inaugural no Collège de France, pronunciada em 2 de dezembro de 1970. Tradução de Laura Fraga de Almeida Sampaio. 24 ed. São Paulo: Edições Loyola, 2014b.

_____. **História da sexualidade** – v. 1: a vontade de saber. [1926-1984] Tradução de Maria Thereza da Costa Albuquerque. 7ªed. Rio de Janeiro/São Paulo: Paz e Terra, 2018.

FOSCHINI, Ana Carmen; TADDEI, Roberto Romano. **Coleção conquiste a rede**: podcast. São Paulo, 2006.

FREITAS, Angélica. **Um útero é do tamanho de um punho**. São Paulo: Companhia das Letras, 2012, p. 47.

GASPAR, Nádea Regina. Língua, linguagem, texto e discurso. In: NAVARRO, Pedro Luís Barbosa (org.) **Estudo do texto e do discurso**: mapeando conceitos e métodos. São Carlos: Claraluz, 2006.

GRADVOHL, Silvia Mayumi Obana; OSIS, Maria José Duarte; MAKUCH, Maria Yolanda. Maternidade e formas de maternagem desde a idade média à atualidade. **Pensando fam.**, Porto Alegre, v. 18, n. 1, pp. 55-62, jun. 2014.

GUERRA, Lolita Guimarães. Pequeno histórico do ‘matriarcado’ como hipótese para a interpretação da pré-história. **Mare Nostrum**, 12(1), 2021, pp. 1-25.
<https://doi.org/10.11606/issn.2177-4218.v12i1p1-25>

GREGOLIN, Maria do Rosário. O acontecimento discursivo na mídia: metáfora de uma breve história do tempo. In: GREGOLIN, Maria do Rosário (org). **Discurso e mídia**: a cultura do espetáculo. São Carlos: Claraluz, 2003.

_____. O enunciado e o arquivo: Foucault (entre)vistas. **M. Foucault e os domínios da linguagem**: discurso, poder, subjetividade. São Carlos: Claraluz, 2004, p. 23-44.

_____. Formação discursiva, redes de memória e trajetos sociais de sentido: mídia e produção de identidades. **II Seminário de Análise do Discurso (SEAD)**. Anais. Porto Alegre: UFRGS, 2005.

_____. **Foucault e Pêcheux na análise do discurso**: diálogos & duelos. São Carlos: Editora Claraluz, 2ªed. 2006.

_____. Análise do discurso e mídia: a (re)produção de identidades. **Comunicação, Mídia e Consumo**. São Paulo. v.04., n.11., p. 11-25, nov. 2007a.

_____. Formação discursiva, redes de memória e trajetos sociais de sentido: mídia e produção de identidades. In: BARONAS, Roberto Leiser. **Análise do discurso**: apontamentos para uma história da noção-conceito de formação discursiva. São Carlos: Pedro & João Editores, 2007b.

HERSCHMANN, Micael; KISCHINHEVSKY, Marcelo. A "geração *podcasting*" e os novos usos do rádio na sociedade do espetáculo e do entretenimento. **Revista FAMECOS**, 15(37), pp.101-106, 2008. <https://doi.org/10.15448/1980-3729.2008.37.4806>

IACONELLI, Vera. **Mal-estar na maternidade**: do infanticídio à função materna. São Paulo: Annablume, 2015.

KISCHINHEVSKY, Marcelo. O rádio sem onda: convergência digital e novos desafios na radiofusão. Rio de Janeiro: e-papers, 2007.

_____. Cultura da portabilidade – Novos usos do rádio e sociabilidades em mídia sonora. **Observatório (*OBS)**, v. 3, n. 1, p. 223-238, 2009.

_____. *Podcasting* como suporte para experiências imersivas de radiojornalismo narrativo. In: **15º Encontro Nacional de Pesquisadores em Jornalismo**. São Paulo, 2017.

_____. Rádio em episódios, via internet: aproximações entre o *podcasting* e o conceito de jornalismo narrativo. **Revista De La Asociación Española De Investigación De La Comunicación**, 5(10), 2018, pp. 73-80. <https://doi.org/10.24137/raeic.5.10.24>

KITZINGER, Sheila. **Mães**: Um estudo antropológico da maternidade. Lisboa: Ed. Presença, 1978.

KNIBIEHLER, Yvonne. **Historia de las madres y de la maternidad en occidente**. Buenos Aires: Nueva Visión, 2001. 109p.

KLAPISH-ZUBER, Christiane. Introdução In: DUBY, Georges; PERROT, Michele (org.). **História das Mulheres no Ocidente**. Tradução portuguesa. Porto: Afrontamento, 1990. Pp. 03-17.

LEGIÃO URBANA. **Metal contra as nuvens**. Álbum: V, EMI-ODEON, 1991.

- LOBO, Abelardo Saraiva da Cunha. **Curso de Direito Romano: história, sujeito e objeto do direito: instituições jurídicas**. Brasília: Senado Federal, Conselho Editorial, 2006.
- LOPES, Leo. **Podcast: guia básico**. Nova Iguaçu: Marsupial Editora, 2015. Ebook.
- LUIZ, Lucio. (org.) **Reflexões sobre o Podcast**. Nova Iguaçu: Marsupial Editora, 2014.
- MACHADO, Roberto. “Por uma Genealogia do Poder”. In: FOUCAULT, Michel. **Microfísica do Poder**. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1979, p. VII – XXIII.
- MATOS, Maria Izilda; BORELLI, Andrea. Espaço Feminino no Mercado Produtivo. In: PINSKY, Carla Bassanezi; PEDRO, Joana Maria (Orgs.). **Nova História das Mulheres no Brasil**. São Paulo: Contexto, p. 126-147, 2013.
- MARCELLO, Fabiana Amorim. Dispositivo da maternidade: mídia e produção agonística de experiência. 2003. Dissertação (Mestrado em Educação) – **Programa de Pós-Graduação em Educação**, Faculdade de Educação, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre: UFRGS, 2003.
- _____. Enunciar-se, organizar-se, controlar-se: modos de subjetivação feminina no dispositivo da maternidade. **Revista Brasileira de Educação**. Rio de Janeiro, n. 29, p. 139-151, ago. 2005. <https://doi.org/10.1590/S1413-24782005000200011>
- MARTINS-MARQUES, Ana. **O livro das semelhanças**. São Paulo: Companhia das Letras, 2015. p. 56.
- MEDEIROS, Marcello Santos de. *Podcasting: produção descentralizada de conteúdo sonoro*. In: **Congresso Brasileiro De Ciências Da Comunicação**, 28. 2005. Rio de Janeiro. Anais. São Paulo: Intercom, 2005.
- MEYER, Dagmar E. Estermann. A politização contemporânea da maternidade: construindo um argumento. **Gênero**, v. 6, n. 1, p. 81-104, 2005. Disponível em: <www.revistagenero.uff.br/index.php/revistagenero/article/view/198> Acesso em 01 dez. 2020.
- MOLINA, María Elisa. Transformaciones Histórico Culturales del Concepto de Maternidad y sus Repercusiones en la Identidad de la Mujer. **Psykhé**, Santiago, v. 15, n. 2, p. 93-103, nov. 2006. <https://doi.org/10.4067/S0718-22282006000200009>
- MORAES, Maria Celina Bodin de.; TEIXEIRA, Ana Carolina Brochado. Da família, da criança, do adolescente, do jovem e do idoso. In: CANOTILHO, J.J. Gomes; MENDES, Gilmar Ferreira; SARLET, Ingo Wolfgang; STRECK, Lenio Luiz. (Coords.). **Comentários à Constituição do Brasil**. São Paulo: Saraiva: Almedina, 2018., pp. 3889-3947.
- MOURA, Solange Maria Sobottka Rolim de; ARAÚJO, Maria de Fátima. A maternidade na história e a história dos cuidados maternos. **Psicologia: Ciência e Profissão** [online]. 2004, v. 24, n. 1. <https://doi.org/10.1590/S1414-98932004000100006>
- NAVARRO, Pedro Luís Barbosa. O acontecimento discursivo e a construção da identidade na história. In: SARGENTINI, Vanice Maria; NAVARRO, Pedro Luís Barbosa (org.). **Foucault e os domínios da linguagem: discurso, poder, subjetividade**. São Carlos: Claraluz, 2004.

NAVARRO, Pedro Luís Barbosa. Mídia e Identidade: o novo homem e a nova mulher entre imagens fragmentadas e discursos “líquidos” In: _____. **O discurso nos domínios da linguagem e da história**. São Carlos: Claraluz, 2008.

NAVARRO, Pedro; BAZZA, Adéli Bortolon. Práticas de subjetivação em discursos de idosos. In: FERNANDES JÚNIOR, Antônio; STAFUZZA, Grenissa Bonvino (Orgs.). **Discursividades contemporâneas: política, corpo, diálogo**. Campinas, SP: Mercado de Letras, 2017, p. 149-173.

NIETZSCHE, Friedrich Wilhelm. **Obras incompletas**. 4. ed. Seleção de textos de Gerárd Lebrun e tradução e notas de Rubens Rodrigues Torres Filho. São Paulo: Nova Cultural, 1987, p. 34.

ORLANDI, Eni Puccinelli. **Análise de Discurso: Princípios e Procedimentos**. Campinas: Pontes, 1999.

_____. **As formas do silêncio: no movimento dos sentidos**. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2007. <https://doi.org/10.7476/9788526814707>

PEDRO, Joana Maria (Orgs.). **Nova História das Mulheres no Brasil**. São Paulo: Contexto, 2013.

PEREIRA, L. C.; TSALLIS, A. C. Maternidade versus sacrifício: uma análise do efeito moral dos discursos e práticas sobre a maternidade comumente engendrados nos corpos das mulheres. **Pesq Prát Psicossociais**. 2020; 15(3): 1-14

PERROT, Michelle. **Minha história das mulheres**. São Paulo: Contexto, 2007.

PIERRE, Lévy. **Cibercultura**. São Paulo: Ed.34, 1999.

PIOVEZANI, Carlos. (2007) Verbo, corpo e voz: reflexões sobre o discurso político brasileiro contemporâneo. Tese de doutorado. Faculdade de Ciências e Letras de Araraquara / Unesp.

_____. Vozes do discurso político: sujeitos, sons e sentidos. **Linguagem & ensino**. v. 11, n. 1, p. 15-31, 2008.

_____. CURCINO, Luzmara.; SARGENTINI, Vanice. (Org.). **Discurso, semiologia e história**. São Carlos: Claraluz, 2011.

_____. Compreender e desvelar posições e estratégias da mídia com Foucault: uma análise de discursos da imprensa brasileira sobre a voz de Lula. In: PIOVEZANI, Carlos; CURCINO, Luzmara; SARGENTINI, Vanice Maria (Orgs.). **Presenças de Foucault na Análise do discurso**. São Carlos: EdUFSCar, 2014, p.175-202.

_____. Discursos sobre a voz de Lula na mídia brasileira. **Linguagem em (Dis)curso** [online]. 2015, v. 15, n. 1, pp. 33-46. <https://doi.org/10.1590/1982-4017-150102-0714>

PRADO-FILHO, Kleber. Controle social x subjetividade na genealogia do poder de Michel Foucault. **Plural**; Sociologia, USP. São Paulo: 2; 18-36, 1 sem. 1995. <https://doi.org/10.11606/issn.2176-8099.pcs0.1995.68041>

_____. A genealogia como método histórico de análise de práticas e relações de poder. **Revista de Ciências HUMANAS**, Florianópolis, v. 51, n. 2, p. 311-327, jul-dez 2017. <https://doi.org/10.5007/2178-4582.2017v51n2p311>

_____. Estetização da subjetividade: formas contemporâneas de cuidado de si. In: GRAZIOLI, Fabiano Tadeu (org.). **A senda nos estudos de Língua Portuguesa 2**, Ponta Grossa, PR: Atena Editora, 2019.

PRIMO, Alex. Para além da emissão sonora: as interações no Podcasting. Porto Alegre: **Intexto**, v. 2, n. 13, 2005.

QUEEN. **Radio Ga Ga**. Álbum: The Works. Los Angeles: EMI/Capitol, 1984.

QUINTANA GOMEZ, Graciela. A maternidade como enigma: Atenas, as Luzes e Freud. **Physis: Revista de Saúde Coletiva** [online]. 2000, v. 10, n. 2. <https://doi.org/10.1590/S0103-73312000000200003>

RAGO, Margareth. Empresárias de Si mesmo? Recuso-me, Denuncio! In: RESENDE, Haroldo de. (Org). **Michel Foucault: a arte neoliberal de governar e a educação**. São Paulo: Intermeios; Brasília: Capes/Cnpq, 2018, p.127-142

_____. PELEGRINI, Maurício. **Neoliberalismo, Feminismos e Contracondutas: perspectivas foucaultianas**. São Paulo: Intermeios, 2019.

REIS, Ana Regina Gomes dos. (2008). Do segundo sexo à segunda onda: discursos feministas sobre a maternidade (Dissertação de mestrado). Recuperado de <http://www.repositorio.ufba.br:8080/ri/handle/ri/6436>

REZENDE, Djaine Damiani. Podcast. Reinvenção da comunicação sonora. Trabalho apresentado no VII Encontro dos Núcleos de Pesquisa em Comunicação – NP Tecnologias da Informação e Comunicação. **XXX Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação** – Santos – 29 de agosto a 2 de setembro de 2007. <https://doi.org/10.15603/2175-7755/cs.v29n49p229-233>

REVEL, Judith. **Michel Foucault: conceitos essenciais**. Trad. Maria do Rosário Gregolin, Nilton Milanez, Carlos Piovesani. São Carlos: Claraluz, 2005.

SARGENTINI, Vanice Maria Oliveira; NAVARRO, Pedro Luís Barbosa (Org). **Foucault e os domínios da linguagem: discurso, poder, subjetividades**. São Carlos: Claraluz, 2004

_____. A construção de identidades no discurso político pré-eleitoral: subjetivação e relações de poder. **OP SIS**, Goiânia, v. 8, n. 10, p. 11–19, 2010. <https://doi.org/10.5216/o.v8i10.9290>

_____. As relações entre a Análise do Discurso e a história. In: MILANEZ, Nilton; GASPAR, Nádea Regina (orgs.). **A (des)ordem do discurso**. São Paulo: Contexto, 2010, p. 95-102.

_____. Ver e ler imagens: a produção midiática dos acontecimentos. In: FERNANDES, Cleudemar *et al.* **Análise do Discurso & Semiologia**. Uberlândia: EDUFU, 2015, p. 149-162.

SCAVONE, Lucila. Maternidade: transformações na família e nas relações de gênero. **Interface - Comunicação, Saúde, Educação** [online]. 2001, v. 5, n. 8, pp. 47-59. <https://doi.org/10.1590/S1414-32832001000100004>

SILVA, Júlia Lúcia de Oliveira Albano da. **Rádio: oralidade mediatizada: o spot e os elementos da linguagem radiofônica**. São Paulo: Annablume, 1999.

SOUSA, Kátia Menezes de. Discurso e biopolítica na sociedade de controle. In: TASSO, Ismara; NAVARRO, Pedro Luís Barbosa. (orgs.) **Produção de identidade e processos de subjetivação em práticas discursivas** [online] Maringá: Eduem, p. 41-56, 2012. <https://doi.org/10.7476/9788576285830.0003>

_____. Das condições de possibilidade dos discursos em Michel Foucault: uma breve análise do presente. In: FERNANDES JÚNIOR, Antônio; STAFUZZA, Grenissa Bonvino (Orgs.). **Discursividades contemporâneas: política, corpo, diálogo**. Campinas, SP: Mercado de Letras, 2017, p. 101-129.

_____. A genealogia e a ética foucaultianas nos estudos discursivos. **Heterotópica**. [online], Uberlândia, v.1, n.1, jan-jun., pp.139-159, 2019. <https://doi.org/10.14393/HTP-v1n1-2019-48922>

SOUZA, Juliana de. *Podcasts: exemplo de democratização na internet?* In: **41º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação** – Joinville, SC – 2 a 8 de setembro de 2018.

THOMASSET, Claude. Da natureza feminina. In: DUBY, Georges; PERROT, Michele. **História das Mulheres no Ocidente: a idade média**. v.2. Porto: Edições Afrontamentos. São Paulo: EBRADIL, 1990.

VAN HAANDEL, Johan Cavalcanti (2009). **Formatos emergentes de criação e transmissão de áudio on-line: a construção do webcasting sonoro**. Dissertação Mestrado em Comunicação e Semiótica. PUC-SP.

VÁZQUEZ, Georgiane Garabely Heil. Sobre os modos de produzir as mães: notas sobre a normatização da maternidade. **Revista Mosaico - Revista de História**, Goiânia, v. 7, n. 1, maio 2015.

VEIGA-NETO, Alfredo. **Foucault & a Educação**. 2 ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2007.

VEYNE, Paul. **Foucault: o pensamento, a pessoa**. Lisboa: Edições Texto & Grafia, 2008.

WITZEL, Denise Gabriel. Discurso, história e corpo feminino em antigos anúncios publicitários. **Alfa: Revista de Linguística** (São José do Rio Preto) [online]. 2014, v. 58, n. pp. 525-539. <https://doi.org/10.1590/1981-5794-1409-1>

ZOPPI-FONTANA. As imagens do invisível. In: SARGENTINI, Vanice; CURCINO, Luzmara; PIOVEZANI, Carlo. **Discurso, Semiologia e História**. São Carlos: Claraluz, 2011, p.163-181.

ANEXOS

ANEXO A - EPISÓDIO DO *PODCAST* “CADÊ A MÃE DESSA CRIANÇA?”

Edição #1 – Culpa

Link:

<https://open.spotify.com/episode/1H1KnM9PWv7UZ0YivGOG3C?si=bc0fad5cbadc44f4&nd=1>

ANEXO B - EPISÓDIO DO *PODCAST* “CARREIRA E MATERNIDADE”

Edição #1 – Como conciliar carreira profissional e maternidade?

Link:

<https://open.spotify.com/episode/0HfcpNQZhnceTTPLOO2KqH?si=b020248617d0422c>

ANEXO C - EPISÓDIO DO *PODCAST* “CLUBE DAS MÃES CANSADAS”

Edição #1 – Cansei de estar cansada

Link:

<https://open.spotify.com/episode/0TROwCNBUgxeSJ5C29cz47?si=adc2f22a45184aae&nd=1>

ANEXO D - EPISÓDIO DO *PODCAST* “MÃE DE PRIMEIRA”

Edição #1 – A quarentena da mãe

Link:

<https://open.spotify.com/episode/17c3Ck2kuVqlz076N0xqWt?si=ecb495c0d08b4d88&nd=1>

ANEXO E - EPISÓDIO DO *PODCAST* “MÃEZONAS DA PORRA”

Edição #1 – Puerpério

Link: <https://open.spotify.com/episode/7l6FkvjEuINjrk4xOrv0a?si=0febaad8f37248d3>

ANEXO G - EPISÓDIO DO *PODCAST* “MATERNIDADE REAL”

Edição #1 – Amamentação, desafios da maternidade

Link:

<https://open.spotify.com/episode/6AdJ7ShkEX4lQyee508k4I?si=ad20787348f04795&nd=1>

ANEXO H - EPISÓDIO DO *PODCAST* “POD, MÃE”

Edição #1 – Maternidade real

Link:

<https://open.spotify.com/episode/5OWqa8fPOu6CR3zpVN4z0b?si=f74604852eb74489&nd=1>

ANEXO I - EPISÓDIO DO *PODCAST* “SINUCA DE BICOS”

Edição #1 – Expectativa x realidade

Link:

<https://open.spotify.com/episode/0YWvGnpq1trFGi7EE5ugkY?si=fb81c6236fdf4c29&nd=1>

ANEXO J - EPISÓDIO DO *PODCAST* “SOUL MÃE PODCAST”

Edição #1 – Demissão na gravidez

Link:

<https://open.spotify.com/episode/2kCb9GEYieT0eay4FHpwvt?si=e0b13ea839bc4a7e&nd=1>

ANEXO K - EPISÓDIO DO *PODCAST* “TETAS NA MESA”

Edição #1 – De quem são as tetas?

Link: <https://open.spotify.com/episode/42s11ZoOGZIfkK3b10sSxi?si=e3b52cd994d041b1>